

CAROLINA DE RIBAMAR E SILVA

**EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS E
ESTRANGEIRISMO: A LEGITIMAÇÃO DE TEORIAS
LINGÜÍSTICAS ATRAVÉS DE LEIGOS**



ARARAQUARA – SP.
2008

CAROLINA DE RIBAMAR E SILVA

**EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS E
ESTRANGEIRISMO: A LEGITIMAÇÃO DE TEORIAS
LINGÜÍSTICAS ATRAVÉS DE LEIGOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari.

Bolsa: CAPES.

ARARAQUARA – SP
2008

Silva, Carolina de Ribamar e

Empréstimos lingüísticos e estrangeirismo : a legitimação de teorias lingüísticas através de leigos / Carolina de Ribamar e Silva – 2008

137 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus
de Araraquara

Orientador: Dr. Luiz Carlos Cagliari

1. Lingüística. 2. Língua Portuguesa -- Estrangeirismos.
3. Linguagem -- Política governamental. I. Título.

CAROLINA DE RIBAMAR E SILVA

EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS E ESTRANGEIRISMO: A LEGITIMAÇÃO DE TEORIAS LINGÜÍSTICAS ATRAVÉS DE LEIGOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari.

Bolsa: CAPES.

Data de aprovação: 26/02/2008

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Araraquara

Membro Titular:

Prof. Dr. John Robert Schmitz

Universidade Estadual de Campinas

Membro Titular:

Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

À minha mãe, minha sempre amiga e companheira.

AGRADECIMENTOS

Difícil lembrar-me de todos aqueles que compartilharam com suas idéias no decorrer deste estudo, assim como daqueles que me apoiaram com amizade e ânimo no percurso desses anos de mestrado.

Reconheço e retribuo agradecendo com carinho ao me mestre Luiz Carlos Cagliari, por todo seu desempenho em orientar-me, assim como à sua esposa Gladis Massini-Cagliari, que me mostrou a infinidade de caminhos a seguir para levar a bom termo este estudo.

Ao professor Prof. Dr. Antonio Suárez Abreu, pelos preciosos ensinamentos.

À minha amiga Livia, meu agradecimento especial, pois muitas vezes me serviu de ponte e apoio na cidade de Araraquara.

A todos os demais colegas e professores, obrigada pela oportunidade de conhecê-los e compartilhar com vocês esse mundo fascinante de estudo e conhecimento.

Ao meu guerreiro sobrinho Felipe. Obrigada por me mostrar o quanto vale a pena lutar pela vida.

“É possível que, durante muito tempo, tenhamos simplesmente ignorado as opiniões dos leigos ao nos dedicar à nossa missão de elaborar teorias a respeito da linguagem?”

(RAJAGOPALAN, 2003, p. 131)

RESUMO

A mudança lingüística é estudada por muitos lingüistas que afirmam estar a língua em constante transformação porque a sociedade está também em transformação. Basta recordar que o português se originou do latim que, por sua vez, teve sua origem em outra língua. Parte dessa transformação se deve ao uso de empréstimos lingüísticos, o que ocorre quando um falante ou um grupo de falantes tomam emprestados de outras línguas palavras que acham que não possuem, palavras estas que passam a integrar-se ao idioma. O que é impreciso para falantes nativos, no entanto, é delimitar um ponto, temporal ou não, a partir do qual se possa afirmar que um empréstimo passa a se tornar parte integrante do léxico da língua, ou até mesmo reconhecer que a língua portuguesa possui, em sua base, palavras que têm sua origem em outros idiomas, como o indígena, quando da sua formação, ou palavras de outros países que se adaptaram completamente. A fim de esclarecer estas e outras questões a cerca do papel dos estrangeirismos na contínua transformação da língua portuguesa do Brasil, foram realizadas entrevistas a falantes nativos, entrevistas estas cujas indagações versaram desde a formação da língua portuguesa do Brasil até o futuro da mesma, com perguntas como: “A nossa língua deve ser considerada estrangeira, já que veio do português de Portugal?” ou ainda “Empréstimos totalmente adaptados, como chá, ainda são consideradas estrangeirismos?” e até mesmo perguntas de política lingüística como: “A língua portuguesa do Brasil será, algum dia, substituída por outra língua?”, “Existe língua pura?” ou então “É possível impedir o uso de palavras de outros idiomas?”. Com a análise destes dados pretendeu-se chegar a um conceito do que seja estrangeirismo bem como entender como se dá a concepção e transformação da linguagem para os falantes nativos do português do Brasil leigos, ou seja, não-lingüistas, e comparar tais conceitos às teorias elaboradas por lingüistas.

Palavras-chave: estrangeirismo, empréstimo, política lingüística, leigos, preconceito lingüístico, língua portuguesa.

ABSTRACT

The linguistic change has been studied by many linguists that affirm that the language is in constant transformation because the society is also in transformation. It is enough to remember that the Portuguese originated itself from the Latin that had its origin in another language. Part of this transformation occurred because of the use of linguistic loans, what occurs when a speaker or a group of speakers import words from other languages because they think they need them, foreign words that are adapted to the speaker's system.. What is inexact for native speakers, however, is to delimit a point in time, from which it can be affirmed that a loan became an integrant part of the lexicon of the language, even though recognizing that the Portuguese Language has, in its lexical base, words that have its origin in other languages, for instance, words form aboriginal origin in the beginning, or words imported from other countries, perfectly adapted to the speaker's language. In order to clarify these and other questions about the roll played by foreign words in the continuous transformation of the Portuguese Language of Brazil, it was carried out several interviews with native speakers. The investigations were focused in different topics like the origin of Portuguese Language in Portugal and in Brazil. Some specific questions were asked, such as "do you think we have a different language in Brazil compared with the language spoken in Portugal? Does pure language exist? The language spoken in Brazil will be another language in the future? Is it possible for a language not to import any word from other languages? With the analysis of these data it was intended to reveal a native speaker's concept of foreign words. On the other hand, the native speaker's ideas about the subject can be compared with the scientific approach elaborated by linguists.

Keywords: foreign words, loan words, linguistic politics, laypeople, linguistic prejudice, Portuguese Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I ANÁLISE DOS DADOS.....	12
1.1 Conhecimento Do Termo “Estrangeirismo”.....	12
1.2 Origem Latina Do Português.....	14
1.3 Palavras Indígenas São Palavras Brasileiras?.....	18
1.4 Português De Portugal X Português Do Brasil.....	23
1.5 Palavras Adaptadas São Estrangeiras?.....	27
1.6 Língua Pura.....	30
1.6.1 Não Há Língua Imutável.....	33
1.6.1.1 A Homeostase.....	34
1.7 Combate Ao Estrangeirismo.....	38
1.7.1 Projetos De Lei Em Defesa Da Língua Portuguesa – Um Exemplo De Tentativa De Combate Ao Estrangeirismo.....	40
1.7.1.1 O Primeiro Equívoco: A Dificuldade De Entendimento Dos Estrangeirismos Por Pessoas Simples.....	42
1.7.1.2 O Segundo Equívoco: A Suposta Ameaça Que Os Estrangeirismos Representam Para A Gramática Da Língua Portuguesa.....	47
1.7.1.3 Cargas Semânticas.....	50
1.7.1. 4 Os Trâmites Do Projeto De Lei 1676/99.....	55
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS.....	61
ANEXO I – Entrevistas.....	65
ANEXO II - Projeto De Lei N.º 1.676, De 1999.....	124
ANEXO III - Projeto De Lei N.º 1.676-D, De 1999.....	133

Introdução

*“Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer”*¹ (ADOLF HITLER)

Para Hitler, com seu nacionalismo extremo, não somente a raça alemã precisava ser resgatada das influências estrangeiras. A língua alemã também deveria ser pura para somente então se obter a raça ariana, a raça pura, sem nenhuma influência.

A forma como foram trabalhadas as questões lingüísticas na Alemanha nazista não pode ser esquecida, devendo ser tiradas desse trágico fato lições que ajudariam a lidar com as polêmicas discussões a cerca da proteção da língua contra os estrangeirismos, pois, segundo Rajagopalan (2003), em sua obra *Por uma Lingüística Crítica – Linguagem, Identidade e a Questão Ética*, um ditado não deve ser esquecido: “Quem não dá a devida importância às lições da história está condenado a repetir os mesmos erros do passado.” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 92-93)

A lingüística nos mostra que não há uma língua pura, uma língua que não sofra influência de outros idiomas como sonhava Hitler. Mas será que somente os lingüistas possuem essa consciência de que a língua está em constante transformação e que incorporar vocábulos de outros idiomas é um processo natural da língua?

Este trabalho tenta mostrar que leigos, ou seja, não-lingüistas, possuem uma ampla noção das questões lingüísticas, apesar de não possuírem um amparo teórico.

A fim de que pudesse haver uma comparação entre os julgamentos dos leigos e dos lingüistas, foram realizadas entrevistas com seis falantes nativos da língua portuguesa do Brasil.

Foram escolhidos informantes de idades, níveis de escolarização e padrões sociais diversos. Dos informantes, quatro são do sexo feminino e dois do masculino.

Para que não houvesse uma exposição desnecessária dos informantes, seus nomes foram trocados por siglas sendo M1 e M2 para os informantes masculinos e F1, F2, F3 e F4 para os femininos. Vale ressaltar que as entrevistas foram feitas oralmente, e a linguagem oral, diferentemente da escrita, permite diversos erros como erros sintáticos e discursivos. Como o principal objetivo dessas entrevistas é a concepção que o falante nativo tem acerca de temas relacionados ao uso de palavras de outros idiomas para somente então comparar essas

¹ Um povo, um império, um líder.

concepções com teorias lingüísticas, a transcrição dessas entrevistas não introduziu nenhuma correção gramatical de natureza sintática e discursiva.

A todo o momento, no decorrer do trabalho, as informações obtidas pelos entrevistados são contrastadas com as opiniões de lingüistas a fim de se constatar se as opiniões se divergem ou não.

Esta comparação ocorre na seção intitulada *Análise dos Dados*.

O primeiro tópico a ser analisado diz respeito ao conhecimento ou não por parte dos leigos do termo estrangeirismo, sendo discutidas também as definições de estrangeirismo e empréstimos lingüísticos.

Em seguida, no tópico *Origem Latina do Português*, os entrevistados são levados a refletir se palavras de origem latina devem ser consideradas portuguesas, uma vez que o português se originou do latim. Baseada nesta mesma reflexão, os informantes discutem, então, se palavras indígenas também podem ser consideradas portuguesas no tópico seguinte.

No tópico, *Português de Portugal X Português do Brasil*, coloca-se em questão se palavras do português de Portugal devem ser consideradas estrangeiras ou não e se o português de Portugal configura-se num idioma diferente do português do Brasil, uma vez que há tanto palavras idênticas quanto totalmente diversas entre o português de Brasil e Portugal.

A questão de palavras adaptadas se tornarem ou não parte da língua na qual sofreu a adaptação é discutida no tópico *Palavras Adaptadas são Palavras Estrangeiras?*

Foi questionado ainda aos entrevistados se crêem em uma língua pura, sem influência de nenhuma outra língua, no tópico *Língua Pura*, tópico este que foi subdividido a fim de se debater sobre a imutabilidade da língua.

Finalmente, tem-se no último tópico, uma ampla discussão sobre o combate ao estrangeirismo, bem como as tentativas de combate, como o projeto de lei 1676/99 do deputado Aldo Rebelo e seus respectivos equívocos.

Busca-se, portanto, através deste estudo, mostrar se as teorias lingüísticas estão aquém do conhecimento e compreensão dos leigos, ou se tais teorias são feitas enfocando o falante e sua real situação de comunicação.

I Análise dos Dados

1.1 Conhecimento do termo “estrangeirismo”

A mudança lingüística é um assunto muito estudado por lingüistas que afirmam estar a língua em constante transformação porque a sociedade está também em transformação. Basta recordar que o português se originou do latim que, por sua vez, teve sua origem em outra língua, o indo-europeu.

“... a variedade lingüística é fruto da variedade social...” afirma Possenti (1996) em sua obra *Por que (não) ensinar gramática na escola*, e, portanto, para que se entenda a língua, deve-se saber que “todas as línguas variam” e que “a variedade lingüística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel entre indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua” (POSSENTI, 1996, p. 33-4).

Zilles (2001), em seu ensaio *Ainda os Equívocos no Combate aos Estrangeirismos*, também faz alusão à mutação da língua: “As línguas, todas as línguas, mudam (ou ainda falamos latim?). Isso não é nem bom, nem mau. As sociedades e culturas mudam, conseqüentemente, as línguas mudam.” (ZILLES, 2001, p. 155)

Toda língua, segundo Bagno (2001) em seu artigo *Cassandra, fênix e outros mitos, publicado na obra Estrangeirismos – guerras em torno da língua* é formada a partir de outros povos e conseqüentemente do contato com outras línguas, portanto é impossível a existência de uma língua pura, e o contato entre povos de diferentes línguas é inevitável, sendo também inevitável os empréstimos lingüísticos.

Tais empréstimos lingüísticos passam a existir, portanto, quando um falante ou um grupo de falantes tomam emprestados de outras línguas palavras ou traços lingüísticos que julgam não possuírem, ocorrendo conforme Dubois et al (1973) quando: “um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou traço emprestado é, por sua vez, chamado de empréstimo.” (1973, p. 209).

Para Câmara Jr. (1999), em seu *Dicionário de Lingüística e Gramática referente à Língua Portuguesa*, estrangeirismos são palavras emprestadas de outros idiomas que se integraram na língua nacional, "... revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, ou os vocábulos nacionais empregados com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante." (CÂMARA JR., 1999, p. 111)

Apesar de haver inúmeros debates acerca do tema, percebe-se, ao realizar entrevistas com falantes nativos do português do Brasil, que o termo estrangeirismo não é conhecido por todos, pois, de seis informantes três afirmaram não recordar ou não saber do que se trata tal palavra, utilizando afirmações como: "Eu tenho idéia, mas nunca ouvi falar nada de estrangeirismo não" (F4), ou ainda "não me recordo o que é não" (F2). No entanto, após exemplificação feita pelo entrevistador, os informantes souberam do que se trata, confirmando a hipótese de que mesmo não conhecendo os debates à cerca do assunto, têm consciência de que fazemos uso de palavras de outros idiomas, adaptando-as, como em *deletar* e em futebol (exemplos dados pelos informantes), ou usando-as numa tentativa de se assemelhar à forma do país de origem, como em *mouse*, apesar de ainda assim haver uma certa adaptação fonológica.

Os demais informantes fizeram declarações interessantes definindo o estrangeirismo como uma "miscigenação de palavras... fazendo uma espécie de abasileiramento... sendo transformada em palavras portuguesas" (M1) ou ainda "São palavras estrangeiras que acabam sendo usadas em nossa língua" (F1).

Portanto, apesar de o termo estrangeirismo não ser, naturalmente, de domínio dos leigos em teorias lingüísticas, seu conceito é facilmente depreendido por eles, já que todos os informantes souberam definir estrangeirismo e até mesmo exemplificar.

1.2 Origem latina do português

A língua portuguesa, que teve como origem a modalidade falada do latim, desenvolveu-se, conforme explicita Alpheu Tersariol (1967) na obra intitulada *Origem da Língua Portuguesa*, na costa Oeste da Península Ibérica, atuais Portugal e região da Galiza, ou Galícia, incluída na província romana da Lusitânia. A partir de 218 a.C., com a invasão romana da península, e até o século IX, a língua falada na região era o romance, ou romanço, uma variante do latim que constitui um estágio intermediário entre o latim vulgar e as línguas latinas modernas como o português, o castelhano e o francês.

A língua portuguesa, derivada do latim vulgar, surgiu, portanto, segundo Rodolfo Ilari e Renato Basso (2006), na obra *O Português da gente – a língua que estudamos a língua que falamos*, entre a fundação da cidade de Roma por Rômulo (753 a.C) e a deposição do último imperador, Rômulo Augústolo (476 d.C).

O Latim vulgar, diferentemente do latim literário e do latim eclesiástico, afirmam Ilari e Basso (2006), foi levado para diversas regiões por soldados e comerciantes romanos, quando das grandes invasões fazendo com que surgissem posteriormente, a partir do prestígio de alguns dos falares locais derivados do latim vulgar, as línguas românicas.

Com a invasão da Península Ibérica, o árabe é adotado como língua oficial nas regiões conquistadas. A população persiste em falar o romance, mas mesmo assim houve pequenas contribuições lingüísticas dessa época ao vocabulário português, com palavras como *arroz*, *alface*, *alicate* e *refém*.

No período entre o século IX ao XI, Tersariol (1967) afirma que alguns termos portugueses aparecem nos textos em latim, mas o galego-português é apenas falado na Lusitânia e somente passa a ser escrito no século XI com o início da reconquista cristã da Península Ibérica, quando os árabes são expulsos para o sul da península, surgindo através do contato do árabe com o latim, os dialetos moçárabes.

Os cristãos e os árabes conviveram na Península Ibérica por mais de sete séculos, antes, durante e depois das reconquistas cristãs. Desse contato prolongado resultaram duas culturas que costumam ser designadas pelos adjetivos *moçárabes* e *mudéjar*. O adjetivo *miçárabe* aplica-se aos cristãos que viveram em territórios dominados pelos árabes, uma situação mais comum antes das reconquistas. [...] *Mudéjar* aplica-se à situação inversa, a do árabe que vive em território cristão. (ILARI; BASSO, 2006, p. 18)

Conforme Ilari e Basso (2006, p.18), por volta do ano de 1000, as variedades mais importantes das línguas românicas o galego, o leonês, o asturiano, o castelhano e o aragonês, se impuseram a outras línguas vizinhas, fazendo com que desaparecessem, assim como fez também ao moçárabe.

Com a transferência da capital do Estado português da cidade do Porto para a cidade de Guimarães e depois para Lisboa, afirmam os autores Ilari e Basso (2006, p. 19) fez com que as mudanças sofridas pelo português no sul não conseguissem alcançar o extremo norte, uma das razões da separação entre o português e o galego.

Com a construção do império português de ultramar, entre os séculos XIV e XVI, a língua portuguesa faz-se presente em várias regiões da Ásia, África e América, sofrendo influências locais que se fazem ainda presentes na língua atual, segundo Tersariol (1967), em termos como *jangada*, de origem malaia, e *chá*, de origem chinesa.

Ilari e Basso (2006, p. 31) também comentam sobre a incorporação de palavras de outros idiomas:

Ao mesmo tempo, por efeito dos descobrimentos e dos contatos com realidades exóticas, o léxico foi ganhando uma série de palavras originárias dos três continentes que iam sendo explorados. Foi assim que o português europeu incorporou as palavras *zebra* (do etíope), *canja* (do malabar, uma língua falada na Índia e no norte do Sri-Lanka), *chá* (do mandarim), *leque* (derivado do nome chinês das Ilhas Léquias – na origem, falava-se em *abano léquio*). (ILARI; BASSO, 2006, p. 31)

No século XVI, com o aparecimento das primeiras gramáticas que definem a morfologia e a sintaxe, a língua entra na sua fase moderna. A partir de então, a língua sofre mudanças menores como a incorporação de palavras castelhanas como *bobo* e *granizo* na fase em que Portugal foi governado pelo trono espanhol (1580-1640), e a influência francesa no século XVIII fazendo com que o português da metrópole se afastasse do falado nas colônias.

Ainda em sua obra *Origem da Língua Portuguesa*, Alpheu Tersariol (1967) afirma que a partir dos séculos XIX e XX começam a surgir na língua termos de origem greco-latina para designar os avanços tecnológicos da época, como *automóvel* e *televisão*, e termos técnicos em inglês em ramos como as ciências médicas e a informática, por exemplo, *check-up* e *software*. O grande surgimento de novos termos fez com que fosse criada uma comissão composta por representantes dos países de língua portuguesa, em 1990, criando assim o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, com o intuito uniformizar o vocabulário técnico e evitar o agravamento do fenômeno de introdução de termos diferentes para os mesmos objetos.

Sabendo-se então que, vista de uma forma simplificada, a Língua Portuguesa se originou do Latim e que o conceito de estrangeirismo, segundo alguns informantes, nada mais é do que o uso de termos e palavras oriundas de Línguas diversas, foi questionado então aos mesmos informantes quanto à legitimidade das palavras da Língua Portuguesa uma vez que sua origem está no Latim, uma língua estrangeira.

Com esse questionamento pode-se perceber uma certa dúvida nos informantes bem como respostas ambíguas se comparadas com as que versavam sobre o que seriam estrangeirismos e empréstimos.

O informante M2, por exemplo, quando questionado a cerca do que seriam os estrangeirismos afirmou: “Seria adaptações de uma outra linguagem no nosso país, outra espécie”. No entanto, quando lhe foi perguntado se a língua Portuguesa, cujas palavras são, em grande parte, “adaptações” do Latim, deveria ser considerada estrangeira, ou seja, formada por estrangeirismos sua resposta foi negativa, embasado no conceito de que “ela (a língua Portuguesa) tem muitas raízes próprias já aqui”. Essas “raízes”, dita pelo informante, podem ser interpretadas como adaptações, transformações ocorridas ao longo da história da Língua.

Delimita-se assim então a ambigüidade, até mesmo a confusão, do informante quando, para ele, estrangeirismos são palavras de outras línguas adaptadas na língua materna, enquanto que as palavras da língua portuguesa que se formaram a partir do latim não podem ser consideradas estrangeiras uma vez que, com o passar dos anos, se adaptaram: “tem uma transformação e continua tendo a cada dia” conclui ele.

Parece-nos, portanto, que palavras estrangeiras adaptadas ao longo da história deixam de se configurarem como estrangeiras ao passo que empréstimos recentes, mesmo que adaptados, continuam com o caráter de estrangeirismos.

Essa mesma hipótese pode ser observada no informante M1 que, quando indagado se as palavras do português podem ser consideradas estrangeiras já que vieram do latim, afirma o seguinte: “Pensando dessa forma pode, mas o português já é uma língua, o brasileiro já ta virando uma língua, se firmando como língua, então, talvez, ela está deixando de ser estrangeirismo e passando a ter identidade própria”, ou ainda quando a informante F2 diz: “...porque ela pode até ter tido origem do latim mas ela acabou sendo uma maneira própria do português mesmo, do utilizar brasileiro... acho que hoje em dia pode ser considerada como um... não como um estrangeirismo.”

Esses dados mostram, portanto, que há uma delimitação cronológica, o que faz com que certos empréstimos sejam considerados palavras estrangeiras e outros não.

Todavia percebe-se que não há um marco temporal tornando impossível afirmar a partir de quando um vocábulo deixa de ser considerado estrangeiro.

No entanto essa hipótese não foi unânime, pois foram coletados dados como “Ela deixa de ser estrangeirismo quando você começa a modificar essas palavras, o sentido dessas palavras.” (F1) no qual se percebe não haver um limite cronológico para que se possa denominar se um determinado empréstimo se configura como uma palavra estrangeira ou pertencente ao léxico da Língua Portuguesa, sendo responsável por essa distinção o fato de ter ocorrido ou não uma modificação semântica na mesma.

Os demais informantes se mostraram extremamente confusos e até mesmo incomodados, dando respostas como “Ai meu Deus... não sei... ai porque não tem nada a ver português com estrangeiro, ah não sei te falar.” (F3) ao ser colocado em dúvida o que não havia sido antes cogitado por eles: o fato de o Português do Brasil, assim como quase todos os idiomas, ter sido formado a partir de outra língua, possuindo dessa forma vocábulos oriundos não somente de outras nações, mas também de povos brasileiros, como os indígenas, o que será discutido a seguir.

1.3 Palavras indígenas são palavras brasileiras?

A língua portuguesa, de acordo com Rosa Virgínia de Mattos e Silva (1998), no artigo *Diversidade e unidade: a aventura lingüística do português*, publicado na Revista ICALP em Lisboa em 1998, não foi a língua usada inicialmente no Brasil, e sim uma língua com base indígena, a língua geral, da qual faziam uso os jesuítas em seu objetivo de catequizar os índios, sendo, portanto a igreja responsável pela legitimidade da língua geral.

O instrumento de intercomunicação verbal principal (...) não seria a língua portuguesa, nem nenhuma das línguas africanas que aqui chegaram (...) mas sim uma língua geral de base indígena...

Sabe-se que não é o português a língua das reduções e missões jesuíticas, sabe-se que nas fazendas e no ambiente rural em geral (...) na casa dos senhores e dos outros era uma língua não a portuguesa transplantada, mas com interferências certamente dela, que se constituía. De base indígena e com marcas africanas era aceita, entretanto, pelo poder leigo e da igreja, esta que foi a legitimadora da língua geral para a catequese e o domínio dos indígenas nos primeiros tempos coloniais. (SILVA, 1988, p. 20)

Tal fato pode ser complementado com a afirmação de Eni Orlandi (1993), na obra *O que é Lingüística*, de que “Os missionários disciplinaram o tupi – instituindo o tupi jesuítico – a fim de instalar o seu poder de controle sobre os índios e o seu poder de negociação com o governo português...” (ORLANDI, 1993, p. 75)

Aryon D. Rodrigues (2001), lingüista do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, no artigo *A Originalidade das Línguas Indígenas Brasileiras*, publicado na revista eletrônica Com Ciência afirma que quando o Brasil foi descoberto se falavam aqui mais de mil línguas, pertencentes a índios de diversas etnias. A partir de 1532, com as capitanias hereditárias, criou-se então a língua geral, baseada no tupinambá, que era utilizada por índios e não-índios, sendo, portanto, a língua geral a primeira influência recebida pelo idioma dos portugueses no Brasil.

Somente no século XVIII é que o português se definiu como língua no Brasil, e esta definição se deu, principalmente, através da lei imposta por Marquês de Pombal em 17 de agosto de 1758, na qual a língua portuguesa se torna idioma oficial do Brasil. Marquês de Pombal, também proíbe o uso da língua geral, estabelecendo um ordenamento jurídico e administrativo em que a língua portuguesa passa a ser obrigatória, proscrevendo-se o uso de quaisquer outras línguas de acordo com Houaiss (HOUAISS apud. SILVA, 1988, p. 19)

Zilles (2001) compara em seu artigo *Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos* a rigorosa imposição da língua portuguesa feita por Pombal a projetos de lei, como a do deputado Aldo Rebelo cujo objetivo é proteger a Língua Portuguesa mantendo-a livre de influências de outras línguas, privilegiando assim, como o fez Pombal, os dominadores.

Foi então que o Marquês de Pombal inaugurou este mesmo estilo de fazer política lingüística no Brasil por meio de uma lei que favorecia os dominadores portugueses, justamente proibindo a chamada língua geral e declarando oficial a língua portuguesa. Refiro-me à chamada Lei do Diretório, de 1757 (...) Desde então, o português tem sido protegido e defendido pelo Estado. Contra os cidadãos... (ZILLES, 2001, p. 152)

A proibição da língua geral foi, segundo Silva (1988), decisiva, pois “Esse fato histórico marcou definitivamente o fim de um processo que poderia ter definido outro destino lingüístico para o Brasil” (SILVA, 1988, p. 19)

A língua portuguesa se torna a língua nacional e oficial, ainda conforme Silva (1988), a partir de alguns fatores, tais quais a “... escolarização em português...”, o “...processo de urbanização crescente...” e a “... vinda da corte para o Brasil no início do século XIX...”, mas adquire características próprias “...devidas não só a um processo natural de mudança intrínseca de qualquer língua mas diferentemente marcada do processo de mudança do português europeu não só pelas interferências das línguas indígenas como das línguas africanas que aqui se encontraram com o português...” (SILVA, 1988, p. 20), tornando-se o português do Brasil do mesmo nível sócio-político do português de Portugal, sendo a única diferença o fato de que o do Brasil é, segundo Antonio Suárez Abreu (comunicação pessoal, 29 de agosto de 2007) falado por cento e oitenta milhões de indivíduos, enquanto que o de Portugal, por apenas dez milhões, quinhentos e vinte e nove mil.

Mesmo com as línguas indígenas nunca tendo sido reconhecidas como idiomas da nação brasileira, e apesar da oficialização da língua portuguesa em 1758 pelo Marquês de Pombal, a partir da qual passa a ser proibido o uso de qualquer idioma que não o português, percebe-se haver nos falantes do português do Brasil um certo reconhecimento das línguas indígenas como elemento constitutivo da língua portuguesa do Brasil, uma vez que fazem parte do português brasileiro palavras de origem indígena como *abacaxi*, *buriti*, *caatinga*, *caju*, *capim*, *capivara*, *carnaúba*, *cipó*, *cupim*, *curió*, *ipê*, *jacarandá*, *mandioca*,

maracujá, piranha, sucuri, tatu, além de nomes próprios como *Araraquara, Caraguatatuba, Guanabara*, entre outros.

Há, portanto, uma grande miscigenação de línguas no português brasileiro, línguas estas de indígenas e imigrantes, não podendo os falantes brasileiros, dessa forma, serem considerados monolíngües, como afirma Massini-Cagliari (2006):

[...] it is not true that Brazil as a whole is a monolingual country. Following a recent estimative, there are about 200 different languages that are spoken in Brazilian territory, of which approximately 170 are indigenous languages, while the other ones are mainly of European or Asian origin. Therefore, we are a multilingual nation, like 94% of the countries in the world.² (MASSINI-CAGLIARI, 2006, p. 64)

Os informantes, ao serem questionados se palavras indígenas que fazem parte do português do Brasil devem ou não ser consideradas palavras estrangeiras, uma vez que não se originaram da língua portuguesa, deram respostas nas quais se pode perceber claramente a consciência que possuem de que o português falado no Brasil se diferencia do falado em Portugal, sendo que este possui em sua estrutura, também, palavras indígenas brasileiras.

Podem-se observar respostas como a do informante M1, nas quais o entrevistado tenta diferenciar o português falado no Brasil do falado em Portugal, usando como argumento para essa diferenciação a inclusão de palavras indígenas, bem como palavras de outros idiomas que, com os anos de história do país, passaram a fazer parte do idioma brasileiro:

Hoje eu diria que é o português que a gente fala. O tupi tem... A origem da língua brasileira tem raízes no tupi, tem raízes no português de Portugal inclusive, mas tanto é que hoje a gente chama de português do Brasil... É diferenciado justamente por causa dessa miscigenação que teve com o tupi, com o português de Portugal, com outras questões de imigrantes... Provavelmente deve encontrar muitos termos italianos e alemães no dialeto, justamente por causa de imigrantes trazerem essas línguas no momento em que se fixaram nessa região e trazer isso realmente. (M1)

A informante F1 também mostrou essa preocupação em diferenciar o português falado no Brasil do português europeu, afirmando que a base de nosso idioma está não somente no português de Portugal, mas também nas línguas indígenas ao dizer que:

² “não é verdade que Brasil como um todo é um país monolíngüe. De acordo com uma recente estimativa, há aproximadamente 200 línguas diferentes que são faladas no território brasileiro, das quais aproximadamente 170 são línguas indígenas, enquanto as outras são principalmente de origem européia ou asiática. Consequentemente, nós somos uma nação multilíngüe, como 94% dos países do mundo.”

...eu acho que se fosse retornar elas seriam a nossa língua, teriam que ser a base de nossa língua, entende, mas eu acho que nem os índios aprenderam o português que preste, vamos dizer assim, e nem os portugueses aprenderam o tupi ou guarani, sei lá, que preste e formou nessa mistura uma língua própria, né, sem... (F1)

No entanto, quando questionada se vocábulos indígenas que surgem hoje em dia devem ser considerados como estrangeirismos, obteve-se a seguinte afirmação da informante F1: “Eu acho que sim, acho que já se torna um estrangeirismo”, confirmando a hipótese de que palavras indígenas que, quando da formação da língua portuguesa do Brasil, passaram a fazer parte do idioma são consideradas palavras portuguesas do Brasil, ao contrário de novas palavras que, talvez por não terem ainda sido assimiladas completamente pelo idioma, são consideradas como estrangeirismos.

Obteve-se ainda respostas categóricas como a da informante F3 que respondeu simplesmente com um “não” e, depois de instigada a falar, complementou com a seguinte afirmação: “Ah, eu acho que porque... Sei lá... Já ta acostumado a todo mundo aí... Tipo uma gíria aí. Acho que não é considerado como estrangeiro não.” (F3), e da informante F4:

...olha, eu já convivi com outras pessoas índias, indígenas e eu não acho que isso é estrangeiro. Eu acho que nós, como se diz, o branco, ele sofre... Se modernizou um pouquinho mais, fizeram como se fosse assim a sua tribo e ela cresceu mais e eles ficaram mais mingudadinhos, mas eu acho que faz parte do português. Prova é que os outros índios de outros países não entendem sua comunicação com os índios do Brasil, não falam o mesmo dialeto deles... Dialeto é o que? (F4)

Ou ainda como a do informante M2 o qual diz que o idioma indígena não pode ser considerado estrangeiro por fazer parte do português do Brasil, uma vez que está no território Brasileiro, podendo ser considerado como uma linguagem antiga: “Boa pergunta. Eu acredito que não porque é indígena então ta dentro do Brasil. Eu diria que seria uma linguagem antiga.” (M2), sendo a língua portuguesa do Brasil uma linguagem “Mais nova ou pelo menos mais usada no Brasil.” (M2).

Percebe-se por fim respostas nas quais o informante diz ser o português de Portugal um estrangeirismo e não as línguas indígenas como: “Elas (as línguas indígenas) são... Do próprio brasileiro, a gente que... Que... Os portugueses que trouxeram a língua portuguesa como sendo estrangeira na época que eles estavam aqui, agora o tupi já era própria daqui”. (F2). Mas se o português deveria ser considerado um idioma estrangeiro, como informou F2, atualmente, segundo a informante, não o deve mais, respondendo a pergunta: Então é o português que deveria ser o estrangeiro e o tupi não? Da seguinte maneira: “Era pra

ser, mas agora não mais, né?” (F2), retomando assim ao conceito de tempo como fator de distinção entre empréstimos a fim de considerá-los como estrangeirismos ou palavras pertencentes ao léxico do idioma.

1.4 Português de Portugal X português do Brasil

No início da colonização portuguesa no Brasil, a língua geral usada na colônia, ao lado do português, foi o tupi (mais precisamente o tupinambá, uma língua do litoral brasileiro da família tupi-guarani). Em 1757, a utilização do tupi foi proibida por uma Provisão Real e, em 1759, com a expulsão dos jesuítas, que estudaram a língua e a difundiram, o português fixou-se definitivamente como o idioma do Brasil.

O português do Brasil recebeu não somente influência indígena, mas também influência africana por causa do fluxo de escravos trazidos da África, uma vez que, de acordo com Hildo Honório do Couto (2001), no artigo intitulado *Línguas Crioulas*, publicado na revista eletrônica *Com Ciência*, os escravos africanos tiveram que se comunicar com os habitantes do Brasil, ou seja, com os portugueses, e nessa tentativa de comunicação, além de integrarem novos vocábulos ao português falado no Brasil, modificaram palavras ao adaptarem-nas de um modo que facilitasse pronúncia e entendimento, fato este que contribuiu para diferenciar o português de Portugal do português do Brasil:

Sabemos que quando indivíduos estão juntos em um mesmo espaço, geralmente interagem entre si. A interação mais comum é a lingüística. No caso, porém, não havia uma língua comum que permitisse essa interação. Mas, como sabemos, pessoas que se vêem juntas, comunicam-se umas com as outras. Se não têm uma língua para isso, inventam-na. (COUTO, 2001, não paginado)

Um outro fator que contribuiu para o distanciamento entre o português do Brasil e o de Portugal foi, conforme Rosa Virgínia de Mattos e Silva (1998), o fato de a língua falada no Brasil não acompanhar as mudanças ocorridas no falar de Portugal (principalmente por influência francesa) durante o século XVIII, mantendo-se fiel, basicamente, à maneira de pronunciar da época da descoberta. Com a vinda da família Real portuguesa ao Brasil, a língua, entre 1808 e 1821, sofreu um “reaportuquesamento”³ intenso nas grandes cidades.

Após a independência, em 1822, o português falado no Brasil sofreu influências de imigrantes europeus que se instalaram no Centro e Sul do país, causando certas modalidades de pronúncia e algumas mudanças superficiais de léxico como afirma Rosa Virgínia de Mattos e Silva (1998).

³ A língua portuguesa do Brasil se aproximou à falada em Portugal

A autora afirma ainda que no século XX a distância entre as variantes portuguesa e brasileira do português aumentou em razão dos avanços tecnológicos do período, pois como não havia um procedimento unificado para a incorporação de novos termos à língua, certas palavras passaram a ter formas diferentes nos dois países como por exemplo: *tela de televisão* e *Écran*, *autocarro* e *ônibus*, *pedágio* e *portagem*.

Com as entrevistas realizadas com informantes cujo idioma é a língua falada no Brasil pode-se perceber que a notória diferença que há entre o português do Brasil e o português de Portugal não faz com que se configurem idiomas distintos, não podendo ser considerados estrangeirismos palavras do português de Portugal usadas no Brasil. No entanto essa opinião não é unânime, pois houve também respostas nas quais informantes afirmam ser o português de Portugal um idioma estrangeiro, sendo consideradas até mesmo erradas as palavras que são usadas em Portugal de forma diferente das do Brasil.

Aos informantes foi questionado se palavras do português de Portugal devem ser consideradas estrangeiras ou não, uma vez que muitas não se assemelham ao idioma brasileiro. Foram obtidas respostas como:

Sim, sem dúvida, uma palavra não usual. O português de Portugal se confunde muito com o brasileiro, que o português do Brasil, né? Mas a mesma palavra que seria utilizada nos dois países não dá pra ter essa interpretação, mas uma palavra que é utilizada só em Portugal, por exemplo, daria sim pra ter. (M1)

Por meio da qual o informante afirma ser estrangeira somente a palavra que não se assemelha à sua língua materna, ao passo que palavras do português de Portugal que são iguais às do Brasil, por sua vez, não devem ser consideradas estrangeiras. Essa idéia é complementada quando lhe foi perguntado se seria errado alguém chamar a tela do computador de "écran" como o é em Portugal, dando a seguinte resposta: "O errado é muito relativo, não chamaria de errado, seria aí no caso sim um estrangeirismo. É uma maneira de denominar algo utilizando-se de palavras importadas, digamos assim." (M1). Faz-se necessário aqui ressaltar a ampla noção que o informante tem de "errado" não denominando dessa maneira os estrangeirismos.

Essa mesma opinião de que somente palavras que não são semelhantes ao português do Brasil são consideradas estrangeiras é compartilhada também pela informante F4:

— Você considera uma língua estrangeira o português de Portugal?
(Entrevistador)

— É... É semelhante né. O português só da umas puxadinhas, umas coisas... Não é bem estrangeiro porque a gente consegue entender praticamente tudo, né. (F4)

— Entende... E tem algumas palavras deles, são só algumas que são bem diferentes da nossa, por exemplo, a tela de computador eles chamam de “écran”, aí você consideraria isso estrangeiro? (Entrevistador)

— Algumas palavras sim, né. (F4)

— O que a gente não entende seria considerado estrangeiro? (Entrevistador)

— Seria estrangeiro porque a gente... Porque tá fora do nosso convívio, né, tanto é que os portugueses ou os brasileiros vão pra lá e não tem dificuldade nenhuma, se comunicam, né. Algumas poucas palavras que não entende é só se familiarizar. (F4)

No entanto foram obtidas respostas nas quais os informantes afirmam ser o português falado em Portugal, hoje em dia, um idioma diferente do português do Brasil, como a resposta dada pelo informante M2:

— Palavras do português de Portugal, apesar de ser português como o nosso, você acha que são palavras estrangeiras? (Entrevistador)

— Sim. (M2)

— Por que? (Entrevistador)

— Ah, mudando, sei lá, o acento, a forma de pronunciar já é estrangeiro, é diferente já. (M2)

— Mesmo sendo português? (Entrevistador)

— Mesmo sendo português. (M2)

Ou ainda a resposta dada pela informante F1:

— (...) palavras do português de Portugal são consideradas estrangeiras pra você? (Entrevistador)

— Não, nenhuma eu acho. Elas são diferentes da nossa, entende, eu hoje considero uma linguagem diferente. (F1)

— Português de Portugal é uma outra língua? (Entrevistador)

— Português de Portugal isso, uma outra língua. (F1)

Com a afirmação de F1 fica clara a noção de distanciamento que o falante brasileiro tem com relação ao português falado no Brasil e no país colonizador, distanciamento esse resultante da modificação ocorrida no longo período de tempo que compreende a colonização e os dias atuais.

A informante F3 disse não ser o português de Portugal um idioma estrangeiro: “Mas tem algumas palavras (do português de Portugal) que são totalmente diferentes que não tem... que não são iguais às do português? Você consideraria essas palavras estrangeiras? Ah, acho que não.”, no entanto, quando questionada se seria errado utilizar palavras diferentes das do português do Brasil, ela se contradisse com a seguinte afirmação: “Ah, não sei... Ah deve

ser errado, né, porque é português e ta falando outra língua!”. Essa afirmação mostra o conceito implícito que o informante tem de que se palavras que denominam uma mesma coisa forem escritas ou até mesmo pronunciadas de modo diferente devem então ser consideradas estrangeiras, um outro idioma. No entanto esse conceito não se aplica quando palavras são ditas de modos diferentes dentro do país, como será visto a seguir.

Por fim, obteve-se também resposta na qual o informante se mostrou confuso, não sabendo dar precisamente uma resposta, como a informante F2:

Aí que ta minha dúvida, acho que a dúvida de qualquer pessoa porque nosso português é diferente do português de Portugal, mas acabou tendo muita influência de lá, é muito parecido, então a gente sempre fica nessa dúvida, o português de Portugal, não sei agora, ficaria na dúvida se poderia ser considerado como estrangeiro ou não. Não saberia.

que complementou afirmando que consideraria errado o modo diferente com que os portugueses falam: “E eles falam errado? Prá nós sim, né, porque a gente não fala isso, não tem contato...”

As respostas dos informantes mostram, com suas opiniões distintas, que o falante do português do Brasil possui uma dúvida acerca da identidade de seu idioma, não sabendo caracterizá-lo, precisamente, se é um idioma típico e pertencente somente ao Brasil ou se é um idioma igual ao imposto pelos colonizadores.

Apesar de os dados mostrarem respostas diversas, pode-se notar que começa a haver uma certa aceitação por parte dos falantes nativos de que o português falado no Brasil não se mostra exatamente igual ao falado em Portugal e que muito provavelmente a tendência será de uma diferenciação maior entre essas línguas, o que configurará num idioma exclusivamente brasileiro.

1.5 Palavras adaptadas são estrangeiras?

Aos entrevistados foi questionado se palavras de outros idiomas adaptadas à língua Portuguesa deixam de ser palavras estrangeiras tornando-se palavras portuguesas ou se permanecem sendo classificadas como palavras pertencentes a outra língua.

Para tanto, faz-se necessário, neste momento, uma distinção conceitual entre palavras estrangeiras e estrangeirismos.

Quando um vocábulo estrangeiro é usado em outro idioma que não o de origem não sendo completamente adaptado à língua que fez uso desse empréstimo, tal vocábulo é denominado de palavra estrangeira.

Antônio Geraldo da Cunha (2003), em sua obra *Os estrangeirismos da língua portuguesa: Vocabulário histórico-etimológico* afirma:

Por outro lado, consideramos palavra estrangeira aquela palavra que, embora usada por alguns dos nossos escritores e, mais freqüentemente, na linguagem da imprensa, ainda não foi completamente adaptada ao nosso idioma. (CUNHA, 2003, p. 6)

Quando essa palavra estrangeira, no entanto, se adapta plenamente à língua tem-se um estrangeirismo: “Assim, com efeito, consideramos estrangeirismo aquela palavra que proveio de uma língua estrangeira (palavra esta que não pertence, portanto, ao nosso patrimônio latino) e que foi introduzida em português e nele perfeitamente adaptada.” (CUNHA, 2003, p. 5).

Quando uma palavra emprestada de outro idioma se configura em um estrangeirismo, ou seja, é adaptada à língua que a tomou emprestada, passando a ter suas características e a ser suscetível às regras gramaticais desta língua, essa palavra deixa de ser estrangeira de acordo com os entrevistados, que fizeram afirmações como:

— E quanto ao português de Portugal, se alguém usar uma palavra de Portugal você consideraria uma palavra estrangeira? (entrevistador)

— Sim, sem dúvida, uma palavra não usual. O português de Portugal se confunde muito com o brasileiro, que o português do Brasil, né? Mas a mesma palavra que seria utilizada nos dois países não dá pra ter essa interpretação, mas uma palavra que é utilizada só em Portugal, por exemplo, daria sim pra ter. (M1)

Ou ainda:

— No início você falou de deletar, do delete, você considera essa palavra portuguesa? (entrevistador)

— O deletar eu já considero portuguesa. (F1)

- Por que? (entrevistador)
- Por que ele é um verbo igual nossa conjugações, e por que nós já estamos a usando em outros contextos fora aqueles específicos da área da computação. (F1)

Oteve-se ainda, quando questionados se palavras adaptadas não seriam mais estrangeiras, respostas categóricas como “Olha, se for... mas pra mim eu acho que não. No meu conhecimento não deveria ser não. (F2)”

Quando a informante F4 afirma que “Não é bem estrangeiro porque a gente consegue entender praticamente tudo, né?” ao comentar sobre palavras do português de Portugal, faz-se notório o conceito de que palavras emprestadas de outros idiomas que não foram adaptadas são consideradas estrangeiras. Esse conceito formulado pelo informante, não embasado em teorias, é confirmando quando dá as seguintes respostas para as perguntas:

- O que a gente não entende seria considerado estrangeiro? (entrevistador)
- Seria estrangeiro porque a gente... Porque ta fora do nosso convívio, né, tanto é que os portugueses ou os brasileiros vão pra lá e não tem dificuldade nenhuma, se comunicam, né. Algumas poucas palavras que não entende é só se familiarizar. (F4)
- E essas palavras que foram misturadas, para você elas são estrangeiras ou não? (entrevistador)
- Não. Eu acredito assim, que na verdade não existe nenhuma palavra estrangeira, simplesmente que, por exemplo, o português ele se adicionou pelas... É... 24 letras? Pelas 24 letras como sendo a forma de escrever e de pronunciar do Brasil, mas essas não formam no mundo inteiro? Cada uma... São... Assim, eles devem usar lá também. (F4)

Por fim, o informante M2, ao ser questionado, diz que o fato de se mudar a até mesmo a pronúncia do vocábulo, como o que ocorre, segundo ele, com o português de Portugal, já se configura em um estrangeirismo, uma vez que o vocábulo se apresenta diferente do que o informante utiliza.

- Ta, palavras do português de Portugal, apesar de ser português como o nosso, mas você acha que são palavras estrangeiras? (entrevistador)
- Sim. (M2)
- Por que? (entrevistador)
- Ah, mudando, sei lá, o acento, a forma de pronunciar já é estrangeiro é diferente já. (M2)

O fato de os informantes considerarem estrangeiro aquilo que não entendem, classificando, dessa forma, palavras oriundas de outros idiomas que foram adaptadas, como palavras pertencentes ao português, reafirma a hipótese de Kanavillil Rajagopalan (2003), em sua obra *Por uma Lingüística Crítica – Linguagem, identidade e a questão ética*, de que para

que ocorra a comunicação é necessário não a existência de uma língua em comum, e sim o reconhecimento da possibilidade de comunicação com o outro:

Para os falantes de qualquer idioma, o estranho/estrangeiro é aquele com quem não se entendem, ao menos com a mesma facilidade com que supõem poder compreender a fala de um dos seus. Procede, portanto a hipótese de que, longe de ser a disponibilidade de uma língua em comum a pré-condição para que ocorra comunicação, é a possibilidade, ou o reconhecimento da possibilidade de que seja possível comunicar-se com o outro que nos leva a afirmar que falamos “a mesma língua”. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 89-90)

Com base nas respostas obtidas percebe-se que, mesmo sem conhecimento acerca de definições lingüísticas, os entrevistados chegaram à mesma definição conceitual de Cunha (2003) e Rajagopalan (2003), afirmando que quando uma palavra tomada emprestada de outro idioma se adapta ao português, sendo, portanto, essa palavra completamente compreensível pelo falante desse idioma, tal palavra deixa de ser estrangeira, tornando-se parte do vocabulário da língua que tomou esse vocábulo emprestado.

1.6 Língua pura

Sabe-se que a Língua portuguesa usada por falantes brasileiros recebeu, desde sua implantação à época do descobrimento e colonização, inúmeras influências de diversos idiomas. Como então afirmar, como muitos os fazem, que os brasileiros possuem uma língua pura? Garcez e Zilles (2001) discutem, no artigo *Estrangeirismos – desejos e ameaças* publicado na obra *Estrangeirismos – guerras em torno da língua*⁴, a legitimidade e pureza da língua, afirmando ser uma tarefa árdua designar o que é legítimo e puro numa língua marcada desde seu início por contribuições diversas, e questionando se termos oriundos de indígenas e africanos podem ser considerados ilegítimos e impuros no português do Brasil.

Certos estrangeirismos se enraizaram no português do Brasil de tal modo que poucos poderiam afirmar que não se tratam de termos originalmente portugueses, e se termos passam a fazer parte de uma língua o mérito se deve a toda a comunidade, pois é ela quem esquece ou absorve totalmente esses termos na língua “... é o que a torna (a língua) imune a tentativas de controle deliberados por um grupo de indivíduos...” (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 21)

Os empréstimos que ocorrem na língua portuguesa hoje são tão volumosos quanto os que já ocorreram no passado, e vale ressaltar que o uso de estrangeirismos não ocorreu e ocorre somente com o português do Brasil, mas sim com inúmeras línguas, principalmente as que são afetadas diretamente pelos efeitos da globalização, tais como o livre comércio e a legalidade da migração. A língua está em constante mudança e se adapta em cada geração “sendo o contato entre os dialetos e línguas uma força motriz comum e de grande relevância nesse processo” (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 29)

Segundo Garcez e Zilles (2001) a visão de que os estrangeirismos ameaçam a nossa língua dita pura pelos que combatem os estrangeirismos é um tanto equivocada, uma vez que a língua portuguesa não é pura.

Ao se voltar para a língua escrita hoje é fácil aceitar os estrangeirismos que já foram incorporados à língua como os galicismos *audacioso*, *pretensioso*, *moção* e *boiar*⁵. Os

⁴ Obra organizada por FARACO.

⁵ Exemplos tirados da Gramática Portuguesa, de João Ribeiro apud. Garcez e Zilles (2001).

estrangeirismos atuais ainda são, muitas vezes, vistos como intrusos cujo único objetivo é destruir a nossa tão “pura” língua, mas num futuro próximo esses estrangeirismos serão na grande maioria adaptados à nossa língua e alguns deles esquecidos, ao mesmo tempo em que novos surgirão.

A língua portuguesa do Brasil não é a única que sofre transformações. Para confirmar tal afirmação, Bagno (2001), no artigo *Cassandra, fênix e outros mitos*, também publicado na obra de Faraco, faz menção a lingüistas como Jean Aitchison (apud. BAGNO, 2001: 66) a qual diz estar o inglês doente, talvez até moribundo, ao relatar a atual situação desta língua, e Marina Yaguello (apud. BAGNO, 2001: 67) que também faz semelhante comentário se referindo ao francês: “France, ton français fout le camp! (França, teu francês está dando o fora!)”.

Cagliari (2007b), em entrevista a Agência FAPESP sobre a reforma ortográfica, afirma que não se deve criar leis que regulem a ortografia, pois essa mudança natural que ocorre na língua não prejudica o seu entendimento:

Venho dizendo há décadas: o melhor é não mexer na ortografia, não fazer leis, deixar a tradição – recomendada pelos dicionários, gramáticas, vocabulários ortográficos – fazer sua história. Hoje, temos que lidar com e ler muitos documentos antigos, escritos em outras ortografias, e nada disso perturba, nem mesmo os juristas, que precisam desses documentos para se pronunciar em processos. (CAGLIARI, 2007b, não paginado)

Segundo Bagno (2001), o deputado Aldo Rebelo, autor do projeto de lei 1676/1999 – já aprovado pela câmara – que “dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”, segue o raciocínio preconceituoso de que se o indivíduo fala certo ele é certo, e se fala errado, ele é errado. Com essa visão, o deputado não respeita as relações que há entre a língua e a sociedade, conferindo à língua um caráter de independência por não sofrer, segundo o deputado, nenhuma influência do indivíduo e da comunidade, podendo ser a língua, portanto, pura. Bagno afirma que o deputado possui uma “concepção mística da língua” por achar ser possível preservar uma língua, já que “as línguas simplesmente mudam” (BAGNO, 2001, p. 70)

David Crystal (apud BAGNO, 2001) faz a seguinte afirmação sobre essa mudança lingüística:

A mudança lingüística é inevitável e raramente previsível, e aqueles que tentam planejar o futuro de uma língua perdem seu tempo se acreditam no contrário – tempo que seria mais bem empregado em imaginar maneiras inéditas de capacitar a sociedade para aceitar as novas formas lingüísticas que acompanham cada geração. (CRYSTAL apud BAGNO, 2001, p. 70)

Os fatos das mudanças na língua são demonstrados na ciência lingüística, mas mesmo assim permanece a recusa dos puristas em aceitar tal comprovação, conforme Bagno (2001):

Embora os puristas se recusem a aceitar o fato, a ciência lingüística já demonstrou fartamente que as línguas não se desenvolvem, não progridem, não decaem, não evoluem (...) as línguas (...) mudam (...) Assim, o português do Brasil não ‘vai bem, obrigado’ nem ‘vai mal, coitado’: ele simplesmente *vai*, segue seu rumo, seu fluxo ditado por suas próprias forças constitutivas internas e pela ação de seus falantes... (BAGNO, 2001:70)

Apesar do pensamento preconceituoso do deputado Aldo Rebelo e de outros puristas de que a língua é pura e livre de influências, os informantes foram unânimes quando questionado se existiria uma língua pura, sem influência de nenhuma outra, obtendo-se a resposta negativa, mostrando a consciência que os falantes nativos do português do Brasil tem de que a língua está em constante transformação, fato este que caracteriza a cultura dos usuários da língua em sua totalidade bem como a demarcação cultural de regiões do país.

O informante M1 faz uma breve alusão à identidade lingüística, afirmando que a identidade de uma língua (podendo-se entender aqui como identidade cultural de um povo) se funde com a identidade de outra quando do seu contato.

Eu creio que não. Que a partir do momento que existe um contato com outros povos... essa... a identidade da própria língua começa a se fundir com as outras. Haja vista no Brasil que se fala o português brasileiro, né, e você tem de sotaques à linguagem diferente, palavras usadas de maneiras diferentes. Se você pegar do Rio Grande do Sul ao Pará você tem essas diferenças. (M1)

Na resposta dada pela informante F2 encontra-se também o fator cultura como um dos responsáveis pela transformação sofrida pela língua, transformação esta considerada saudável pela informante:

— Você acha que existe uma língua pura, sem influência de nenhuma outra língua? (Entrevistador)

— Não. Não acredito nisso não. Sofre influencia. Toda língua, que nem assim cultura que a gente falou, sofre influência de outras línguas e culturas acaba sendo... são saudáveis, né, elas acabam sendo influenciada. (F2)

Os demais informantes deram respostas categóricas como: “Ah não, não existe” (F1), “Eu acredito que não (...) sempre vai ter influência de outra” (M2), ou “Não, não existe” (F3), ou ainda “toda língua vem misturada sim, cada uma forma a sua...” (F4).

Percebe-se com tais dados que os falantes nativos consideram o contato com outra língua, e eventual uso de empréstimos lingüísticos algo saudável, uma vez que é por meio deste contato que se forma a cultura e, conseqüentemente, a história de um povo, fato este que marca sua identidade. Portanto, imaginar uma língua pura é algo ilusório. As línguas mudam e essas mudanças são inevitáveis, como será visto em seguida.

1.6.1 Não há língua imutável

Para comprovar que a língua, incluindo aqui a língua portuguesa do Brasil, não é única, já que é usada diferentemente de acordo com o falante, havendo dialeto padrão e não-padrão e que o aprendizado do dialeto de prestígio, do poder, o padrão, deve ser oferecido a todos, sem exceção, sem exclusão político-social, preservando a cultura e, portanto, o dialeto que cada falante possui, sendo ele padrão ou não, Possenti (1996), em sua obra *Por que (não) ensinar gramática na escola*, faz uso de duas teses, sendo elas de natureza político-social e cognitiva.

Para Possenti (1996, p. 35), “as diferenças que existem numa língua não são casuais”, uma vez que tais diferenças são ocasionadas por dois fatores: um externo e outro interno à língua.

Quando a língua sofre transformações decorrentes da localização geográfica e/ou das características de um falante ou de um grupo de falantes, essas transformações são, de acordo com Possenti (1996, p. 35), externas à língua que, através desse fato, fornece meios para a identificação social.

A língua, ainda conforme Possenti (1996, p. 35), possui uma gramática interior, a qual tem a capacidade de certo controle das transformações, sendo este o fator interno também responsável pelas transformações da/na língua. “... não é preciso estudar uma língua para não ‘errar’ em certos casos. Em outras palavras, há ‘erros’ que ninguém comete, porque a língua não permite.” (1996, p. 35)

Esses fatores, externos e internos, são, portanto, os responsáveis pelas transformações lingüísticas e muitas vezes ocorrem concomitantemente.

“Não há língua que permaneça uniforme. Todas as línguas mudam. Esta é uma das poucas verdades indiscutíveis em relação às línguas, sobre a qual não pode haver nenhuma dúvida” (POSSENTI, 1996, p. 38)

1.6.1.1 A homeostase

Bagno (2001) faz uso do termo *homeostase*⁶ para assegurar que o uso de estrangeirismos não é nocivo à língua, uma vez que, para manter o “equilíbrio”, a mudança ocorre de maneira lenta, pois os seres humanos precisam entender e se fazer entender, portanto “as línguas são sistemas auto-reguladores”.

... embora as línguas mudem inevitavelmente, essa mudança se processa de maneira muito lenta e é, na prática, imperceptível para os falantes de uma mesma geração e de gerações contíguas, justamente porque, durante longos intervalos de tempo, o sistema lingüístico consegue manter um equilíbrio mínimo essencial entre forças desestabilizadoras {externas e internas} e forças estabilizadoras, capaz de permitir aos falantes o mútuo entendimento... Sabendo disso, não há por que temer que a utilização de um punhado de estrangeirismos seja ‘*lesiva à língua como patrimônio cultural*’ a ponto de provocar ‘*uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa*’, como se lê no projeto do deputado Aldo Rebelo “(BAGNO, 2001, p. 72)

Cinco dos seis informantes afirmam que o uso de estrangeirismos não ameaça a língua portuguesa pois não há o perigo iminente, como dizem os puristas, de que a língua do Brasil seja algum dia substituída por outra. A língua pode sim, conforme alguns teóricos, se modificar com o tempo, mas não a ponto de ser completamente substituída por outro idioma.

Quando começou a língua portuguesa? Essa pergunta poderia receber respostas muito exatas no século XIX, quando as línguas eram encaradas pelos estudiosos como organismos que nascem, se desenvolvem, se reproduzem e morrem, à semelhança do que acontece com os seres estudados pela biologia. Hoje sabemos que as línguas não morrem (a não ser quando desaparecem as populações que as usam – situação pela qual passaram, infelizmente, algumas centenas de

⁶ Homeostase – “Manutenção do equilíbrio, ou das condições constantes, dentro de um sistema por meio de mecanismos automáticos que neutralizam influências que tendem ao desequilíbrio (...) Capacidade de auto-regulação dos sistemas, que permite manter suas variáveis essenciais diante de mudanças no ambiente exterior e interior.” (BAGNO, 2001, p. 72)

línguas indígenas faladas no Brasil à época do descobrimento); sendo entidades dinâmicas, as línguas estão sempre mudando. (ILARI; BASSO, 2006, p.13)

Dos informantes que afirmam que a língua portuguesa do Brasil não será substituída por outra língua, obteve-se as seguintes respostas de M1:

— Você acha que palavras estrangeiras, principalmente as do inglês, que é o que mais tem, você acha que vai chegar a substituir o português algum dia? (Entrevistador)

— Eu acho que não. Poderia. Seria até interessante migrar para uma linguagem única, um dialeto único no planeta, mas eu acho... (M1)

— Por que? (Entrevistador)

— Por que facilita a comunicação entre os povos, num precisa desse tipo de... lógico, resguardam-se as origens, né, mas fica mais fácil a conversação. Hoje não existem barreiras tendo telefone, Internet, esse tipo de coisa, então você tem fácil acesso a tudo, com rapidez e um dos limitadores maiores hoje em dia é realmente o dialeto. (M1)

F1:

— Você acha que o inglês vai substituir o português? (Entrevistador)

— Não, substituir nunca. Eu acredito que não. Ela pode usar, pode ser útil em alguns termos que talvez a gente não conseguisse criar. Então essas palavras estrangeiras talvez ajudam a dar um sentido diferente a uma palavra, a um contexto dentro de uma oração, mas que elas vão substituir, não. Aliás acho que nós já estamos pegando as palavras estrangeiras e fazendo verbo como nosso, no português. (F1)

F2:

— E a gente sabe que a maioria, a maioria não mas grande parte dos estrangeirismos de hoje em dia é de palavras de origem inglesa, né, e você acha que o inglês algum dia vai substituir o português? (Entrevistador)

— Eu acho que não. (F2)

— Não tem como? (Entrevistador)

— Não... é difícil. (F2)

— Por que? (Entrevistador)

— Ah, porque cada país tem sua língua de origem e por mais que o inglês esteja predominando, que as pessoas hoje em dia tem que falar inglês, é muito difícil você substituir uma língua nacional, a língua de origem de um país por uma outra língua. (F2)

F4:

- E você acha que o inglês ou qualquer outra língua um dia vai substituir o português? A gente vai deixar de falar o português? (Entrevistador)
- Nunca. Nunca. (F4)
- Por que não? (Entrevistador)
- A, porque o português é... pode até outros países falar, mas é próprio do país... (F4)
- Não chega a mudar... (Entrevistador)
- Eu acredito que nenhuma outra língua mudará, cada uma vai ter que assumir o seu padrão... pode mudar assim algumas tribos pode até adaptar, mas a origem nunca deixa. (F4)
- Modifica um pouco... (Entrevistador)
- Pode até modificar mas... por exemplo, o Brasil mesmo usa muito essas expressões aí de outros países que vai às vezes né... por exemplo aí... é big brother, “Oh brother” né? Mas todo mundo praticamente consegue entender. (F4)
- Começa a usar, né? (Entrevistador)
- É, começa a usar, assim como eles devem usar algumas expressões brasileiras também. (F4)

E M2 que acredita numa “unificação” das línguas mas não em uma total substituição:

- Ta, quanto a transformações principalmente por causa de palavras estrangeiras, né, você acha que um dia uma outra língua, o inglês, francês, sei lá, pode mudar o português? Pode substituir? (Entrevistador)
- Eu acredito que não todo mas boa parte da linguagem sim, uma unificação. (M2)
- E você acha que ta certo ou deveria ser impedida essa modificação? (Entrevistador)
- Eu acredito que ta certo. Eu sou a favor do crescimento, da globalização. (M2)

No entanto, convém ressaltar aqui que, para alguns lingüistas, uma língua pode sim desaparecer. Uma língua, assim como um ser vivo, nasce, cresce e, em algum dia, morre (cf. CAGLIARI, 2007). Segundo McWhorter (apud SOUZA, 2002, não paginado), lingüista norte-americano da Universidade de Berkeley, cerca de 5.500 línguas irão desaparecer até o final deste século.

O motivo que leva ao desaparecimento de uma língua não é, em muitos casos, de caráter social. Há vários processos históricos que levam a esse desaparecimento como a imposição da língua a povos subjugados, a exemplo a imposição do latim feita pelos romanos quando da invasão da Península Ibérica, prevalecendo sobre a língua dos povos dominados, fato este que ocorre em um processo lento, conforme McWhorter (apud Souza, 2002):

O latim deu origem às línguas românicas, mas as pessoas não acordaram um dia e descobriram que estavam falando uma língua nova chamada francês. O processo foi lento e acidentado, com muitos estágios intermediários em que o latim vulgar já não era mais a língua de Cícero e ainda não era o idioma de Montaigne. [...] uma língua se modifica ao longo do tempo até o ponto em que já não seria inteligível para interlocutores do passado - isto é, até tornar-se uma nova língua. (MCWHORTER apud SOUZA, 2002, não paginado)

Outro fator de desaparecimento de uma língua se dá quando desaparecem todos os falantes de um idioma, como a aniquilação de indígenas na época da colonização do Brasil. (ILARI; BASSO, 2006; AYRON, 2001).

O Linguísta americano Steven Roger Fischer (2000) afirmou em uma entrevista à revista Veja, que o português falado no Brasil irá desaparecer: “Em 300 anos, o Brasil estará falando um idioma muito diferente do atual. Devido à enorme influência do espanhol, é bastante provável que surja uma espécie de portunhol.” (FISCHER, 2000, não paginado). No entanto, McWhorter (apud SOUZA, 2002, não paginado), ao contrário de Fischer (FISCHER, 2000), não defende que a língua portuguesa irá desaparecer, já que é uma das 20 línguas mais faladas: “É quase certo que o português vai sobreviver. Afinal, ele pertence ao grupo das 20 línguas mais faladas hoje.” (MCWHORTER apud SOUZA, 2002, não paginado).

1.7 Combate ao estrangeirismo

O estrangeirismo, palavras e expressões de outras línguas usadas no português, tem sido combatido há vários séculos, podendo ser, no entanto, o combate ao estrangeirismo uma tentativa de controlar a língua. Uma vez que o estrangeirismo, quando ainda não totalmente adaptado e incorporado à língua, se faz presente principalmente na linguagem oral, tem-se vários dilemas: Como controlar a linguagem oral de um povo? Como controlar o seu falante e conseqüentemente o seu pensamento, uma vez que é através da fala que o indivíduo se expressa, expõe toda sua individualidade? Pretende-se com a proibição do estrangeirismo defender a língua portuguesa ou será que a real intenção é reafirmar o valor do dialeto padrão, pertencente à classe dominante e supostamente livre de empréstimos, em detrimento ao dialeto popular?

O combate ao estrangeirismo não é recente. Atualmente a discussão à cerca dos empréstimos lingüísticos se voltam principalmente para os anglicismos, que são empréstimos do inglês, conforme Garcez e Zilles (2002) no artigo *Estrangeirismos: Empréstimo ou ameaça?* publicado na obra *O Direito à Fala* (SILVA; MOURA, 2002, p. 43). No entanto a língua portuguesa tivera outrora a língua francesa como fonte de empréstimos, empréstimos estes que também foram criticados, apesar de alguns vocábulos terem se adaptado à língua completamente como *abajur* e *toalete*. O grande número de galicismos, empréstimos de origem francesa, que entraram na língua portuguesa é comentado por Bagno (2001), em seu artigo intitulado *Cassandra, fênix e outros Mitos*: “Durante quase 200 anos, até o início do século XX, o grande ‘inimigo’, o terrível ‘invasor’, o cruel ‘destruidor’ da língua portuguesa foi o francês” (BAGNO, 2001, p. 60).

O desprezo e preconceitos por empréstimos de origem francesa podem ser observados, já no século XVIII, em obras como a do Frei Francisco de São Luís (1766 – 1845), intitulado de: *Glossário Das Palavras E Frases Da Língua Francesa, Que Por Descuido, Ignorância Ou Necessidade Se Têm Introduzido Na Locução Portuguesa Moderna; Com Juízo Crítico Nas Que São Adotáveis Nela*. (apud GARCEZ; ZILLES 2001, p. 60)

Por ser evidente o preconceito demonstrado por muitos com relação aos estrangeirismos, foi questionado aos seis informantes se deveria ou não ser impedido o uso de palavras estrangeiras, e todos se posicionaram contra o impedimento: “Não, de jeito nenhum. Eu acho que não deveria não.”, comentou a informante F1, ou “Eu acho que não tem como

impedir, fica difícil” conforme F2. A informante F3 respondeu simplesmente: “Ah, eu acho que não.” e “Eu acho que não.” Também foi a resposta simples de F4. O informante M2 complementou sua resposta afirmando que os estrangeirismos contribuem para o crescimento e desenvolvimento da língua: “E você acha que tá certo (o uso de estrangeirismo) ou deveria ser impedida essa modificação?” “Eu acredito que tá certo. Eu sou a favor do crescimento, da globalização.” (M2). Obteve-se ainda afirmações nas quais se faz clara a noção que o informante tem de que a língua faz parte da cultura de um povo e, portanto, deve ser modificada e até mesmo evoluir conforme o próprio povo se modifica e evolui, como:

Agora acho que não deve, acho que é bobagem fazer esse tipo de coisa. É uma evolução natural da linguagem e eu acho que tem que deixar ela se renovar. Inclusive, falando de tecnologia, pode surgir novas coisas, novas situações aonde você precisa denominar isso, e aí, vai surgir da onde esses termos, né? (M1)

Tais conceitos de evolução e renovação da língua, ditos pelo informante M1, podem ser confirmados pela afirmação de Cagliari (2007a) feita no artigo *Reforma Estúpida*, publicado na Folha Online em 23 de agosto de 2007:

Línguas são como organismos vivos: nascem, crescem e morrem. Numa palavra, evoluem. Só que, ao contrário de entidades compostas por moléculas de carbono e codificadas por genes, fazem-no principalmente pelo que os biólogos chamam de "genetic drift" (deriva genética), isto é, sem muita seleção --até pode haver alguma competição entre idiomas, mas bem menos do que entre indivíduos. Escrever "super-homem" ou "superomem" não torna o português mais ou menos apto a sobreviver no mundo lingüístico. (CAGLIARI, 2007a, não paginado)

Faraco (1991) em sua obra *Lingüística Histórica – Uma Introdução ao Estudo da História das Línguas*, também faz alusão à evolução da língua, dizendo que: “... as línguas estão envolvidas num complexo fluxo temporal de mutações e substituições, de aparecimentos e desaparecimentos, de conservação e inovação. Vale dizer, as línguas têm história, constituem uma realidade em constante transformação no tempo...” (FARACO, 1991, p. 57).

Quando questionados, porém, se há como impedir o uso de palavras de outras línguas, cinco informantes afirmaram ser impossível regulamentar o uso da linguagem impedindo o uso de estrangeirismos. Vale ressaltar respostas como: “Eu acho que hoje em dia, mesmo com a globalização, é impossível isso. Você não vai conseguir limitar, você tem na televisão, você ouve em outros lugares e vai entrando no léxico da língua e não tem jeito

não.” (F1); “Eu acho que não tem como impedir, fica difícil” (F2); ou “Ah, não sei te falar, é difícil porque aqui já dá aula de inglês! Não tem como impedir. Acho difícil.” (F3) ou ainda “...se isolar uma comunidade (...) e pronto ali, mas pelo contrário eu acredito que...” (M2).

No entanto, o informante M1 disse haver maneiras de tentar impedir o uso de estrangeirismos, apesar de não serem maneiras efetivas como a proibição do ensino de outras línguas em escolas, bem como a conversação, ou ainda criando leis:

Bom, eu acho primeiro que se quiser impedir pode ter leis e dificultar um pouco, mas não vai ser efetivo, entendeu? Poderia parar de ensinar em escolas, proibir conversação, voltar como era na época da ditadura que você tinha censura, tinha que saber o quê falar, como falar e tudo o mais. (M1)

Bagno (2001), ainda em seu artigo *Cassandra, fênix e outros Mitos* diz serem todas as formas de combate ao estrangeirismo desprovidas de informações científicas pois as pessoas que tentam combater o estrangeirismo são “despreparadas para lidar com a questão – e aqui a palavra incompetente encontra seu melhor uso” (BAGNO, 2001, p. 73), pois não se baseiam em nenhuma teoria científica. “Essas profecias não tinham nem têm uma base lingüística, sociológica, antropológica, histórica – científica, enfim – na qual pudessem se sustentar. Por isso deram {e darão} em nada” (BAGNO, 2001, p. 73)

1.7.1 Projetos de lei em defesa da língua portuguesa – um exemplo de tentativa de combate ao estrangeirismo

Com o intuito de proteger a língua portuguesa de uma suposta ameaça de descaracterização ou até mesmo de total transformação causadas pelo uso de estrangeirismos, ameaça essa considerada ilusória por diversos estudiosos do assunto, com estudos embasados teoricamente, surgem inúmeras discussões cujo objetivo único é controlar a língua, protegendo-a da invasão dos estrangeirismos.

Como forma de proteger a língua portuguesa desse suposto ataque, criaram-se projetos de lei, como os do Deputado Aldo Rebelo⁷ e da Deputada Jussara Cony⁸ que visam punir com multas o brasileiro que fizer uso de estrangeirismos de acordo com Garcez e Zilles (2002, p. 45) no artigo *Estrangeirismos: Empréstimo ou ameaça?*

O Projeto de Lei do Deputado Aldo Rebelo, aprovado em março de 2001 na Câmara dos Deputados, tenta defender a língua portuguesa do Brasil de problemas que, na realidade, são irreais.

Fiorin (2001), no artigo *Considerações em torno do projeto de lei nº 1676/99*, e Zilles (2001), em seu artigo *Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos*, ambos publicados na obra *Estrangeirismos – guerras em torno da língua* com organização de Faraco (2001), também afirmam estar tal projeto pautado em concepções equivocadas, mas antes de explicitar esses equívocos, faz-se necessário uma rápida explanação a cerca do que seja política lingüística e planificação lingüística.

Política lingüística é a escolha consciente entre diferentes variedades lingüísticas ou diferentes línguas segundo Fiorin. (2001, p. 108), ao passo que planificação lingüística é “a busca e o emprego dos meios necessários para a aplicação de uma política lingüística” (CALVET apud FIORIN, 2001, p. 108)

Sabe-se que a função da língua não é somente a de comunicação, pois cabem a ela também funções simbólicas que agem em uma determinada sociedade. Portanto, segundo Fiorin (2001), a política lingüística se refere primordialmente à função simbólica. “Não são as necessidades reais de comunicação que pesam na definição de uma política lingüística, mas considerações políticas, sociais, econômicas ou religiosas.” (FIORIN, 2001, p. 110)

No projeto de lei do Deputado é proposta uma política lingüística bem como sua planificação lingüística e, segundo Fiorin (2001, p. 112), a política lingüística proposta por Rebelo se faz clara em seu projeto ao apresentar os seguintes problemas lingüísticos: “a dificuldade de comunicação que terão os nossos homens simples do campo com a invasão de estrangeirismos” e a “descaracterização do idioma” (FIORIN, 2001, p. 112).

A planificação lingüística para a política lingüística proposta pelo deputado se dará através da intervenção no léxico e essa planificação atuará de forma positiva e negativa, pois incentivará e promoverá ao mesmo tempo em que proibirá e castigará. “O projeto prevê as duas formas de ação, pois pretende ser uma lei de promoção, proteção e defesa do idioma” (FIORIN, 2001, p. 112-3)

⁷ Deputado do PCdoB/SP que criou o Projeto de Lei Federal 1676/1999, já aprovado pela câmara.

⁸ Deputada do PCdoB/RS criadora do Projeto de Lei Estadual 65/2000.

Fiorin (2001), ainda em seu artigo *Considerações em torno do projeto de lei nº 1676/99*, comprova haver dois problemas lingüísticos, que na verdade são irreais, no projeto apresentados pelo deputado Aldo Rebelo: a dificuldade de entendimento dos estrangeirismos por pessoas simples, e a suposta ameaça que os estrangeirismos representam para a gramática da língua portuguesa.

1.7.1.1 O primeiro equívoco: a dificuldade de entendimento dos estrangeirismos por pessoas simples

O primeiro problema, o de que homens simples terão dificuldades de entendimento a cerca dos estrangeirismos consiste, conforme Fiorin (2001), num preconceito, pois está explícito nessa idéia que certas camadas da sociedade têm dificuldades de aprendizagem.

Um indivíduo aprende determinada palavra conforme ela esteja incluída em sua realidade. “O léxico é aprendido em função das experiências de vida e qualquer pessoa é capaz de aprender qualquer setor do vocabulário, se ele tiver sentido para ele” (FIORIN, 2001, p. 115)

Marcos Bagno (2001) também critica a opinião do Deputado de que os estrangeirismos são incompreensíveis para certos brasileiros, afirmando que o entendimento ou não de determinada palavra ou termo pelo indivíduo se dará de acordo com o contexto ao qual se refere e não conforme sua origem.

Tal opinião é compartilhada por Possenti (2001) em *A questão dos estrangeirismos*, acrescentando ainda que se o indivíduo simples do campo não entender determinado termo estrangeiro, não é pelo fato de a palavra ser inglesa ou por ele ser um camponês, pois se esse estrangeirismo estivesse presente em seu cotidiano, com certeza ele o entenderia.

A opinião embasada de lingüistas como Possenti (2001), Bagno (2001) e Fiorin (2001), entre outros, de que um indivíduo não possa entender um vocábulo estrangeiro usado na língua portuguesa, como assim se faz entender o Deputado Aldo Rebelo, se configura não somente em uma inverdade, mas acima de tudo em preconceito. E essa opinião é reafirmada

quando do questionamento aos informantes, respondendo todos, mesmo não tendo um reforço teórico para tal, que qualquer indivíduo tem a plena capacidade de aprender um vocábulo novo à ele, depreendendo seu significado através do contexto em que foi empregado esse vocábulo, não se sentindo assim excluídos socialmente por não dominarem a língua de origem de determinado empréstimo, pelo contrário, passam a se sentir pessoas de maior prestígio por usarem tais palavras, como relatou a informante F1:

- Uma pessoa que não fala bem inglês, se sentiria excluída por causa dos estrangeirismos principalmente da língua inglesa? (Entrevistador)
- Não. Não se sentiria não. (F1)
- Por que? (Entrevistador)
- Eu acho que ela se sente até mais importante quando usa um termo em inglês, mesmo que seja com a nossa pronúncia, entende, não com a pronúncia original. (F1)
- Mas e se ela não souber a tradução? (Entrevistador)
- Acaba sabendo, acaba sabendo, porque o sentido da palavra vai ser explicado na frase que a pessoa for falar pra ela. (F1)

Vale ressaltar aqui as respostas dos demais informantes que vão de encontro aos princípios do preconceito lingüístico como a resposta de F3, ao relatar sua experiência de contato com pessoas que usavam constantemente estrangeirismos em sua linguagem:

- E você acha que não sabe inglês não entende mesmo, ou com o tempo começa a entender? (Entrevistador)
- Acho que com o tempo... se acostuma. (F3)
- Você acha que uma pessoa que nunca estudou inglês na vida se sente assim meio excluída por não saber, quando chega perto de alguém que fala essas palavras? (Entrevistador)
- Ah, eu acho que não porque eu fiquei de boa... só fiquei observando. (F3)

ou ainda a do informante M2:

- Uma pessoa que não saiba inglês, vamos supor que ela nunca tenha visto inglês na vida, você acha que ela se sentiria excluída por causa dessas palavras que existem? Ou você acha que ela tem capacidade de aprender? (Entrevistador)
- Tem capacidade de aprender (M2)
- Mesmo sem ter estudado? (Entrevistador)
- Mesmo sem ter estudado. Acho que no dia a dia convivendo com outras pessoas. Tem sim vários exemplos disso, pessoas que vai pra outros países sem saber falar nada e aprendem. (M2)
- Então com o convívio acaba apr... (Entrevistador)
- Com o convívio. (M2)

Para a informante F2, o indivíduo pode até se sentir excluído ao se deparar com um estrangeirismo num primeiro instante. No entanto, tal estranhamento se desfaz quando o significado do novo vocábulo é depreendido, passando então a ser usado por ele:

— E uma pessoa que não saiba inglês, que nunca estudou inglês na vida, ela se sentiria excluída por causa dessas palavras inglesas? (Entrevistador)

— A, inicialmente qualquer pessoa no contato de uma palavra que não se conhece se sente excluída, até mesmo nós quando se fala uma palavra que a gente não sabe o que é a gente se sente excluída, mas isso é normal. (F2)

— E como ela aprende essa palavra se ela não sabe, se não teve a oportunidade de estudar inglês? (Entrevistador)

— Eu acho que no contato do dia a dia das pessoas em volta dela. A sociedade influencia. (F2)

— Acabam aprendendo pelo contexto? (Entrevistador)

— Ahan. (F2)

dando resposta semelhante os informantes M1:

— Você acha que uma pessoa que não saiba inglês ela se sentiria excluída por causa das palavras desse tipo? (Entrevistador)

— Eu acho que não por que a partir do momento que ela vai aprender essa palavra como uma criança que aprende a dizer mamãe, mother – mamãe, não tem diferença significativa absolutamente nenhuma, é só o dialeto. Então a partir do momento que você começa a falar vou deletar tal coisa, quer dizer, você ta utilizando um termo, agora você sabe o significado. São raras as situações onde pessoas falam um termo que eles não sabem o que significam, geralmente sabe-se ou sabe-se parcialmente. (M1)

e F4: “... por exemplo, o Brasil mesmo usa muito essas expressões aí de outros países que vai as vezes né... por exemplo aí... é big brother, “Oh brother” né? Mas todo mundo praticamente consegue entender.”

Garcez e Zilles (2001), no artigo intitulado *Estrangeirismos – desejos e ameaças* afirmam que os puristas estão equivocados ao achar que os estrangeirismos são usados como forma de exclusão, em que somente quem tem um certo conhecimento da língua estrangeira seria capaz de compreensão. Não o é, pois nem sempre o indivíduo que faz uso de estrangeirismos tem um conhecimento da língua de origem da mesma. O seu uso sim revela o anseio por pertencer ao desenvolvimento tecnológico, cultural e financeiro do país de origem da palavra emprestada. O indivíduo realmente necessita demarcar o seu círculo social, mas não tem a necessidade de usar o estrangeirismo, pois, para isso bastaria usar a própria língua usada pelos dominantes, satisfazendo assim o desejo dos puristas/dominantes. “... parece bem mais eficaz a exigência de uso da variedade da língua falada pelas classes dominantes como única forma legítima de acesso à mobilidade social e ao poder!” (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 32)

No entanto, apesar de ser um preconceito a afirmação de que um indivíduo não consiga aprender o significado de um vocábulo estrangeiro pelo contexto como afirmam os

lingüistas, pode-se perceber com os dados obtidos de informantes cuja língua materna é o português brasileiro, que os estrangeirismos são, normalmente, usados para delimitar grupos sociais, grupos estes definidos não somente pelo poder aquisitivo, mas também pelos conceitos ideológicos.

Com as respostas do informante M1 fica claro o seu conceito de uso de estrangeirismos como fator delimitante de grupos sociais:

— A palavra deletar, que você falou muito... por que se usa deletar e não se usa apagar muitas vezes ou você acha que tem diferença? A gente usa deletar em certas situações e apagar em outras situações? (Entrevistador)

— Sim, bom, como toda palavra nova que surge, ou, nova pra uma pessoa tá, uma palavra que aprende-se agora, vamos imaginar, ocorre uma situação engraçada, que existe uma situação aonde acaba sendo, quem conhece menos é marginalizado. Então a partir do momento que se tem uma denominação nova às vezes uma pessoa, alguém utiliza ela querendo se... demonstrar maiores conhecimentos, dizer que é uma pessoa um pouco mais culta, e isso tem muita relação com a substituição de palavras é a utilização de novas palavras. Como o deletar vem de uma parcela da população há algum tempo atrás considerada elite, quer dizer, as pessoas que tinham acesso a computador, a uma ferramenta como o computador, isso hoje acabou sendo chupado, mas aquela situação, um cara que fala deletar seria uma pessoa de uma classe social um pouco maior, de um maior conhecimento, um pouco mais culta. Pelo menos imagino que esse seria uma maneira de pensar, se bem que isso tudo é inconsciente, né, é mais intuitivo. (M1)

— Pra finalizar, você tinha comentado do verbo delete, pessoas que tem o nível social maior, com melhor instrução, você acha que os estrangeirismos podem ser usados pra dividir classes sociais? Tem esse preconceito? (Entrevistador)

— Tem, tem. Eu sinto que tem. O estrangeirismo inclusive tem uma ligação um pouco forte com gírias, eu acho que muitas gírias derivam de uma língua estrangeira ou de alterações da nossa própria língua, algo desse tipo, então é uma maneira de dividir. Eu usei o termo classe social, esse tipo de coisa, como um ponto divisório, mas nem sempre é isso, você pode dividir uma turma de jovens, por exemplo, de uma turma de pessoas de maior idade pela gíria, a maneira de conversar é uma maneira de... é engraçado, eles se comunicam entre si mas não comunicam, não estão pensando com outros grupos diferentes. (M1)

— Seria uma forma de delimitar um grupo de pessoas? (Entrevistador)

— Isso, isso mesmo... seria. (M1)

Com as respostas da informante F1 fica clara sua opinião de que o uso do estrangeirismo, em alguns casos vale ressaltar, é uma tentativa do indivíduo em demonstrar *status*, se diferenciar dos demais que não usam estrangeirismos.

— Olha, posso até estar errada, mas isso parece um pouco de pedantismo, sabe. É uma forma de você achar que está falando igual a eles entende como Estados Unidos ainda é um... (F1)

— Adquirir status? (Entrevistador)

— Status, eu acho que seria status... Eu acho que hoje já pega mais do americano (*vocabulos de língua inglesa*) porque são eles que estão em evidencia hoje em dia, tempos a traz era o francês a língua nobre, como era o latim. (F1)

O que preocupa Possenti (2001), no artigo *A questão dos estrangeirismos*, no entanto não é o fato de alguns brasileiros não entenderem certos estrangeirismos e sim que muitos indivíduos, não somente camponeses, mas também os habitantes de grandes centros urbanos e também pessoas com certo grau de escolarização, não compreendem a própria língua portuguesa, por haver na língua portuguesa muitas palavras desconhecidas. “...há palavras em português muito menos conhecidas do que essas do inglês que andam por aí – basta ler (isto é, tentar ler) um contrato” (POSSENTI, 2001, p. 171)

“...não compreender palavras inglesas só seria um problema se o cidadão também entendesse as portuguesas. O que indica ser falsa a velha idéia de que temos uma só língua, se por isso se entender que todos os brasileiros nos compreendemos sobre qualquer tema” (POSSENTI, 2001, p. 166)

O fato de falantes portugueses brasileiros não entenderem, muitas vezes, a própria língua também é comentado por Guedes (2001), no artigo intitulado *E por que não nos defender da língua?*, através do seguinte questionamento: “Quantos alfabetizados brasileiros seriam capazes de ler e entender o texto do projeto de lei do deputado Aldo Rebelo ou qualquer outro projeto ou lei que se redige no Congresso Nacional?” (GUEDES, 2001, p. 127)

A explicação para a questão de a língua portuguesa ser, com muita frequência, tão estrangeira quanto os próprios estrangeirismos dos quais o deputado tenta proibir se faz, conforme Guedes (2001), por ter sido a língua portuguesa imposta aos nativos do Brasil na colonização, e ao ser imposta, os índios, os africanos escravos, e todos que para aqui vieram tiveram que aprender a língua sem instrução formal, o que, conseqüentemente ocasionou uma certa modificação na língua portuguesa, não sendo, portanto, uma língua livre de influências, conforme Zilles (2001) no artigo *Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos*: “...nossa história colonial não foi de unidade lingüística. Não foi nem mesmo de predomínio do português.” (ZILLES, 2001, p. 153)

O questionamento a respeito da imposição da língua portuguesa leva Zilles (2001) à mesma conclusão de Fiorin: a do preconceito lingüístico.

...ora, imposta a língua (portuguesa) sem garantir os meios para a sua efetiva aprendizagem parece ter sido (e continua sendo) receita perfeita para ela (a língua) ser instrumento de exclusão social. Daí para o preconceito lingüístico, que estigmatiza a fala popular até hoje, é um passo só. (ZILLES, 2001, p. 153)

Zilles (2001) afirma ainda que a “ficção” de que “falamos uma só língua e todos se compreendem mutuamente” é uma visão inspirada em obras que versavam sobre pesquisas de dialetos baseadas em método científico, que estava apenas começando a existir, já que “...a falta ou as dificuldades de intercompreensão entre falantes de diferentes variedades dialetais e sociais do português já foi sobejamente demonstrada pela pesquisa dialetológica e sociolingüística.” (ZILLES, 2001, p. 149-50)

1.7.1.2 O segundo equívoco: a suposta ameaça que os estrangeirismos representam para a gramática da língua portuguesa

O segundo equívoco apontado por Fiorin (2001) é a suposta ameaça que os estrangeirismos representam para a gramática da língua portuguesa. Suposta ameaça, uma vez que o uso de estrangeirismos em nada ameaça a língua portuguesa, já que, explica Fiorin (2001), são usados de acordo com a sintaxe, a morfologia e o sistema fonológico do português.

O fundo léxico comum – léxico característico de uma língua, cujas noções não são afetadas pela economia nem pelo social e são de uso geral e coloquial – também não é afetado pelos estrangeirismos, sendo então o fundo léxico comum tão inabalável diante dos estrangeirismos quanto a estrutura gramatical da língua portuguesa.

Os empréstimos, ainda conforme Fiorin (2001), atuam somente em uma das partes do léxico, que, por sua vez, é constituído por palavras do fundo léxico comum, criações vernáculas (ambos livres de qualquer influência dos estrangeirismos) e por empréstimos de línguas estrangeiras, sendo este o reflexo “da história de um povo, de seus contatos, da divisão internacional do trabalho num dado momento, da correlação de forças entre os diferentes países numa dada época” (FIORIN, 2001, p. 119)

Possenti (2001) também afirma que os estrangeirismos em nada modificam a gramática da língua portuguesa, ou seja, os sons, os padrões silábicos, a morfologia e a sintaxe da língua permanecem intactas, inabaladas pelos estrangeirismos. “Nesse domínio, o português está absolutamente intocado...” (POSSENTI, 2001, p. 171). Possenti (2001) comprova a sua afirmação citando exemplos de como os verbos ingleses se comportam na

língua portuguesa “...os transformamos a todos em verbos da primeira conjugação, que depois flexionamos tanto quanto flexionamos nossos velhíssimos verbos, exclusivamente segundo regras do português, sem qualquer concessão.” (POSSENTI, 2001, p, 171)

A fim de comprovar a citação de Fiorin de que os verbos da língua inglesa se adaptam tão completamente à língua portuguesa, chegando a serem flexionados como verbos de primeira conjugação, os informantes foram instigados a comentar sobre o verbo *delete*, verbo este adaptado à língua portuguesa tendo como infinitivo a forma *deletar*.

Para o informante M1, a partir do momento em que um vocábulo estrangeiro passa a ser flexionado como os verbos de primeira conjugação, a exemplo do verbo *deletar*, essa palavra passa a fazer parte da língua portuguesa:

É engraçada essa necessidade que o ser humano, o brasileiro pelo menos, tem de verbalizar as coisas. Não só termos estrangeiros são transformados em verbos, mas tem muitos termos locais também que são tipo coisar, negoçar, entendeu, que viram um verbo e não tem origem, não tem característica inclusive de verbo. É uma maneira de trazer algo, um termo de fora pra uma linguagem nossa. Seria como fazer uma assinatura naquela palavra e se apossar dela. Imagino eu que seja mais ou menos isso. (M1)

O informante complementa seu pensamento afirmando que os brasileiros costumam transformar não somente palavras emprestadas de outros idiomas em verbos de primeira conjugação, mas também vocábulos pertencentes à língua materna do indivíduo.

O conceito de que um verbo de origem estrangeira passa a ser considerado uma palavra portuguesa e não mais um estrangeirismo quando conjugado como os verbos de primeira conjugação da língua portuguesa não foi percebido somente no informante M1. As informantes F3 e F1 também crêem que o verbo *deletar* é um vocábulo português, e não mais um estrangeirismo.

Da informante F3 obteve-se a seguinte resposta:

- Você usa o verbo deletar, já ouviu alguma vez? “Ah, eu vou deletar você.” (Entrevistador)
- Já. (F3)
- Sabe de onde veio esse verbo? (Entrevistador)
- Não. (F3)
- Você já viu no computador, quando a gente vê algum delete por exemplo? (Entrevistador)
- Sim. (F3)
- E o que significa? (Entrevistador)
- Apagar, dá a impressão. (F3)
- É uma palavra portuguesa? (Entrevistador)
- Não, acho que não. (F3)
- Mas quando eu falo o verbo eu deleto, tu deletas... (Entrevistador)
- É, aí é português. (F3)
- Acaba virando, você acha que aí ela vira português? (Entrevistador)

- Vira. (F3)
- Por que? (Entrevistador)
- Não sei te falar Carol (F3)

A informante F1 deu semelhante resposta:

- No início você falou de deletar, do delete, você considera essa palavra portuguesa? (Entrevistador)
- O deletar eu já considero portuguesa. (F1)
- Por que? (Entrevistador)
- Por que ele é um verbo igual nossas conjugações, e por que nós já estamos usando em outros contextos fora aqueles específicos da área da computação. (F1)
- Poderia me dar um exemplo de uma qualquer que use o deletar? (Entrevistador)
- Você chega chateada da rua comentando a briga com alguém, e eu pra te consola digo não delete isto, acaba, apaga, entende? Então já mudou. (F1)
- Tem diferença entre apagar e deletar? (Entrevistador)
- Por incrível que pareça tem. Apagar você apaga, mas sei lá você apaga e ainda fica marquinha, e enquanto que deletar é sumir de vez. (F1)
- É uma palavra mais forte? (Entrevistador)
- Mais forte. (F1)

No entanto, a informante F1 deu ainda um outro motivo para que o verbo *deletar* seja considerado um verbo da língua portuguesa além dos já mencionados acima. Para a informante, o fato do verbo *deletar*, originado do verbo *delete* que a princípio foi “emprestado” da língua inglesa para designar termos técnicos da informática, ser usado atualmente em outros contextos que não os da área da informática.

Outra questão que deve aqui ser ressaltada é o fato de a informante dizer que, apesar de saber que o verbo *delete* é a correspondente inglesa do verbo *apagar*, ambos possuem significados diferentes, ou seja, o estrangeirismo carrega cargas semânticas que o diferencia de seu correspondente em português, neste caso específico adquirindo um sentido mais amplo, mais profundo, “mais forte”, conforme a informante F1.

Quanto aos informantes M2 e F2, ambos consideram o verbo *deletar* um estrangeirismo, mesmo seguindo esse verbo as características dos verbos portugueses: “__E você considera o verbo *deletar* uma palavra portuguesa? __ Não.” (M2). E a resposta de F2 foi a seguinte:

- Você conhece ou usa o verbo deletar? (Entrevistador)
- Ahan. Apagar. (F2)
- Isso. E por que ele virou um verbo... a gente pode conjugar esse verbo, você conseguiria conjugar? Eu delecto... (Entrevistador)
- Tu deletas, ele deleta... (F2)
- Isso. Dá pra ser conjugado, né? (Entrevistador)
- Dá. Seria o que, eu apago, tu apagas, ele apaga... é... estranho mesmo. (F2)

— É, por que ele... ele seguiu uma forma da língua portuguesa, né, colocou um verbo na primeira conjugação. E você acha que deveria ser feito isso com todas as palavras da língua inglesa adaptadas ou não? (Entrevistador)

— A, eu acho que não... se tiver como colocar ela numa maneira da língua portuguesa mesmo ficaria bem melhor... apesar que esse delete, ele é o que? Seria de inglês mas acabou adaptada para o português, seria uma boa maneira de estar tendo... são palavras diferentes mas que acabou sendo adaptada para o português. (F2)

— Ta, o deletar como a gente conjuga, você consideraria ele um estrangeirismo? (Entrevistador)

— Consideraria. (F2)

— Mesmo conjugando no português igual? (Entrevistador)

— Ahan. (F2)

Percebe-se, entretanto, uma certa hesitação quando a informante F2 passa a perceber que o verbo *deletar* é conjugado da mesma forma que na língua portuguesa, o que prova que a transformação de verbos de outras línguas em verbos flexionados como os da língua portuguesa feita por falantes nativos é um fenômeno inconsciente, o que faz com que o falante passe a considerar, mesmo que intuitiva e inconscientemente, tal empréstimo um vocábulo português.

1.7.1.3 Cargas semânticas

Aldo Rebelo pretende, a fim de defender a língua portuguesa, proibir o uso de palavras oriundas de outras línguas que possuam o mesmo significado na língua portuguesa.

Os equívocos em relação às idéias do deputado, mostrados acima, comprovam que a língua portuguesa não está ameaçada pelos estrangeirismos, mas se mesmo assim persistisse o ideal de proibir palavras estrangeiras com sinônimos em português, tem-se então que refletir sobre esse também equivocado entendimento a cerca da igualdade de significados entre palavras de origens diversas.

“... palavras emprestadas não têm exatamente o mesmo valor que as palavras portuguesas do ponto de vista do uso...” (FIORIN, 2001, p. 119-20) afirma Fiorin, cujo pensamento é compartilhado também por Possenti:

A questão de sinonímia é certamente polêmica e complexa, mas dificilmente se resolveria pela decisão de que há, para qualquer palavra, alguma outra correspondente. *Bonito* não é igual a *lindo* que não é igual a *belo* (...) Se não

há correspondência entre palavras de uma língua, mais dificilmente ela existirá entre palavras de línguas diferentes. (POSSENTI, 2001, p. 170)

Fiorin (2001) complementa ainda afirmando que mesmo que palavras de origens distintas tenham a mesma tradução, elas possuem sentidos mais específicos justamente por trazerem junto a si características (cargas cognitivas) de seus países de origem. “Os nomes em francês conotam elegância, refinamento; os nomes em inglês, modernidade, aventura, juventude; os nomes em português, objetividade e neutralidade da informação.” (FIORIN, 2001, p. 120). Portanto, mesmo que determinada palavra possua um correlato na língua portuguesa, essa correlação não é exata, pois as palavras estrangeiras trazem consigo conotações que as diferenciam de suas correspondentes vernáculas.

Garcez e Zilles (2001) também comentam sobre a carga semântica atribuída aos estrangeirismos:

... os falantes do português do Brasil (...) associam (...) à língua inglesa, valores que vão desde dinamismo progressista, consumo e comodidade, avanço tecnológico e poder vigoroso, valores aos quais desejam se associar, até conservadorismo retrógrado, grosseria, artificialidade insensível e poder nocivo, valores que desejam combater. (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 16)

As diferenças semânticas que se fazem presentes entre um vocábulo e seu correlato em outro idioma, conforme alguns lingüistas afirmam, puderam ser comprovadas quando informantes da língua portuguesa deram respostas nas quais os mesmos afirmam que além usar estrangeirismos com sentidos diferentes dos da língua de origem, os usam em contextos diversos também, fazendo com que, de acordo com alguns informantes esses empréstimos deixem de ser estrangeirismos e passem a ser considerados palavras do português do Brasil, uma vez que possuem significados diferentes: “Ela deixa de ser estrangeirismo quando você começa a modificar essas palavras, o sentido dessas palavras” (F1).

Esse conceito de abasileiramento dos estrangeirismos fica claro quando a informante F1 responde a uma série de perguntas sobre várias palavras usadas no português do Brasil que foram emprestadas de outros idiomas.

- A palavra diet que você falou no começo como exemplo de estrangeirismo, você sabe a origem dessa palavra? De onde ela é? (Entrevistador)
- Dos Estados Unidos? (F1)
- E qual seria a tradução apropriada pra essa palavra? (Entrevistador)
- Diet uma coisa sem gordura, é... mais light. (F1)

— E por que não é usada a palavra em português? Por que não se usa em português, só diet? (Entrevistador)

— Eu acho que porque essa palavra já te dá... é uma palavra curta, rápida, que já te dá uma idéia, não precisa falar é uma coisa... é, com menos gordura, com uma taxa menor de, né, sei lá, de gordura, então fica mais fácil falar é diet. (F1)

— E você já ouviu falar ou usa, sei lá, essa palavra em outros contextos que não seja pra gênero alimentício? (Entrevistador)

— Ah, sim, usa-se sim. Você já, hoje em dia você já, como falei no início, você já brinca com uma amiga, por exemplo, que chega quando faz um regime: Oh, mas ta diet hein! Ou... (F1)

— Mas aí começa a mudar o significado da palavra? (Entrevistador)

— Muda, muda, e isso já vai adaptando na nossa... ao brasileiro, né, ao Brasil. (F1)

— E por que em alguns lugares nós encontramos a palavra enter como no computador como você falou e em outros lugares a gente encontra a sua correspondente em português, o entra, por exemplo? Qual a diferença entre enter e entra? (Entrevistador)

— Olha é difícil o entra... parece que não é tão respeitosa né? O “enter” parece que ta te liberando de vez, “enter” de que já ta tudo certo, já ta tudo limpo, já ta tudo... e o entra você corre risco parece, né? (F1)

— Bom então tem diferença? (Entrevistador)

— Tem. (F1)

— Uma outra palavra. Bermuda. Qual outro sinônimo você daria para bermuda? (Entrevistador)

— Uma calça curta. (F1)

— Outra! (Entrevistador)

— Um short. (F1)

— Como você escreveria short? Ta. Então você acha que uma calça curta, uma bermuda podem ser usadas exatamente com o mesmo sentido de short? (Entrevistador)

— Não, não pode. (F1)

— Então são coisas diferentes? (Entrevistador)

— São, uma bermuda é uma coisa mais compridinha mais social, vamos assim dizer e short é uma coisa mais curta. (F1)

— E sabe a tradução da palavra short? (Entrevistador)

— É curta mesmo, né? (F1)

— Então ela é usada com outro sentido? (Entrevistador)

— É ela é usada com outro sentido. (F1)

— Em inglês ela tem a tradução de short e em português é uma peça do vestuário? (Entrevistador)

— Aham. Mas não chega a ser uma bermuda não. Mas ainda cada uma tem sua diferença. (F1)

— E você acha certo usar a palavra short, ou deveria ser usada uma outra palavra? (Entrevistador)

— Eu acho que se ela expressa o que você esta querendo falar de uma maneira curta e rápida e dar o recado completo, pra que você usar uma calça curta mais curta que uma bermuda. (F1)

Quando o informante M1 é questionado sobre o uso corriqueiro no Brasil do vocábulo *game* em vídeo *game*, aparelho eletrônico para jogos em vídeo, percebe-se também em sua resposta que a palavra *game* adquiriu um novo significado, uma vez que se faz comum a expressão *jogo de vídeo game*:

É, na realidade é um abasileiramento de um termo né, na verdade não sei poderia chamar de uma frase, mas uma palavra composta vídeo game designando

uma máquina, entendeu? Então quando uma criança fala “vamos jogar vídeo game” ele não sabe o que é vídeo derivado do inglês e o game derivado do inglês. Ele sabe que vídeo game é uma máquina a qual ele faz jogos, tem jogos, que são transmitidos por um vídeo, pela televisão. (M1)

Nas respostas dos demais informantes nota-se que o uso de palavras estrangeiras como *light* e *diet*, usadas normalmente em gêneros alimentícios, são mais atraentes que seus correlatos em português, ou seja, possuem cargas semânticas diferentes, uma vez que estes estrangeirismos chamam mais atenção do consumidor do que as palavras em português.

A informante F2 deu as seguintes respostas:

- E por que você acha que não se usa essa palavra em português? Seria um preconceito? Por que nos refrigerantes tem a palavra em inglês e não em português? (Entrevistador)
- É porque elas foram adaptadas mesmo... de repente pra dar um marketing mais para o refrigerante, né, de repente se colocasse coca-cola sem gordura ou... não daria marketing nenhum né, aí acaba colocando palavras estrangeiras pra chamar o povo, para o marketing mesmo. (F2)
- Pra chamar e pra dar uma sensação de coisa melhor? (Entrevistador)
- Isso. (F2)
- E você já ouviu essas palavras *light* e *diet* em um outro contexto que não seja de gênero alimentício? (Entrevistador)
- É, já né. (F2)
- Lembra? (Entrevistador)
- A, que nem, por exemplo, se eu disser meu final de semana foi *light*, foi calmo, foi tranquilo. (F2)

Respostas semelhantes foram obtidas com os informantes F3

- Mas qual você acha que chama mais a atenção: a palavra escrita em português ou... (Entrevistador)
- Em inglês. (F3)
- Em inglês você acha que chama mais? (Entrevistador)
- Chama mais a atenção, com certeza. (F3)

e M2:

- E por que você acha que essas palavras não são usadas em português num refrigerante? Você já viu algum refrigerante escrito refrigerante sem açúcar, por exemplo? (Entrevistador)
- Eu acredito que seja uma jogada de marketing, alguma coisa nova, diferente, chique, bonita, atrativa à compra. (M2)
- Então você acha que a palavra inglesa dá mais atração? (Entrevistador)
- Pro mercado sim. (M2)

Os empréstimos são, deste modo, acusados de possuir certos valores ideológicos e simbólicos, relacionados aos falantes da língua que se origina o vocábulo estrangeiro. No entanto, esses valores ideológicos não são, muitas vezes, os mesmos dentro da própria comunidade que faz o empréstimo. No artigo *Estrangeirismos: empréstimos ou ameaça?* de Garcez e Zilles (2002), publicado na obra *O Direito a Fala – A Questão do Preconceito Lingüístico*⁹ tal assunto é enfatizado quando os autores afirmam que:

Acontece que diferentes grupos em uma comunidade podem atribuir valores diferentes às identidades ligadas aos falantes de outras línguas. Então, os valores associados a um estrangeirismo podem muitas vezes ser conflitantes dentro da comunidade que faz o empréstimo. Por exemplo, os falantes do português brasileiro, tendo em mente a representação que fazem de certos falantes de inglês, associam a eles e, por extensão, à língua inglesa, valores que vão desde dinamismo progressista, consumo e comodidade, avanço tecnológico e poder vigoroso, aos quais desejam se associar, até conservadorismo retrógrado, grosseria, artificialidade insensível e poder nocivo, que desejam combater. (GARCEZ; ZILLES, 2002, p. 39)

O anglicismo, uso de termos da língua inglesa, é atualmente o principal alvo das críticas ao estrangeirismo, assim como o fora o galicismo outrora.

O uso de estrangeirismos de origem inglesa pode representar não somente um modismo, mas também um forte apelo econômico e social causado pela grande máquina capitalista de países que possuem a língua inglesa como língua mãe, como a Inglaterra e os Estados Unidos da América.

Por tal motivo Garcez e Zilles (2001) afirmam ser praticamente impossível a não-associação semiótica da língua inglesa com os empréstimos lingüísticos, tanto econômica quanto social, feita pela mídia. Afirmam ainda que, no Brasil, que sempre foi cliente servil dessas superpotências, a distinção entre classes menos favorecidas e a classe consumidora favorece o uso de anglicismos que asseguram e marcam distinção entre a classe consumidora e a não consumidora, sendo este uso, de acordo com os autores, muitas vezes desnecessários e abusivos.

A língua representa a história de um povo, já que os “... vocábulos contém em si elementos de civilização e de história de idades determinadas” (BERTONI apud. CUNHA, 1975, p. 35), e ao se excluir ou proibir novos vocábulos exclui-se e proíbe-se também a história, fato este ocorrido quando da proibição da língua geral, que interferiu na história da língua e conseqüentemente dos falantes desta língua: “... a dimensão de produção de uma

⁹ Obra organizada por Fábio Lopes da Silva e Heronides Maurílio de Melo Moura.

língua imaginária¹⁰ não é sem conseqüências sobre a história das línguas.” Afirma Eni Orlandi em *A Dança das Gramáticas*, apresentado no Colóquio de Nice, França, em setembro de 1987 e publicado na obra *Terra à Vista - discurso do confronto: velho e novo mundo* (1990).

Portanto, legislar sobre o não-uso de determinadas palavras é, de certa forma, um atentado ao homem bem como à sua história representada na língua.

1.7.1.4 Os trâmites do projeto de lei 1676/99

O Projeto de lei 1676, conforme consulta sobre as Tramitações das Proposições realizada na página eletrônica da Câmara dos Deputados, foi apresentado ao Plenário pelo deputado Aldo Rebelo no dia 15 de setembro de 1999, sendo lido e publicado em 03 de novembro do mesmo ano, e, no mesmo dia, encaminhado para a CECD (Comissão de educação, cultura e desporto) pela Coordenação de Comissões Permanentes e despachado para a CCJR (Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania).

No ano seguinte foram apresentadas pelo deputado Geraldo Magela seis emendas ao projeto de lei, recebendo então parecer favorável da relatora, deputada Iara Bernardi, em 21 de junho e aprovação unânime do parecer no dia 09 de agosto.

Em 28 de março de 2001 a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania aprovou o parecer do relator, deputado Vilmar Rocha, sem nenhuma emenda, sendo lido e publicado os pareceres da CECD e CCJR em 10 de abril (PL 1676-B/99) pela Mesa Diretora da Câmara dos Deputados. Em julho de 2001, após aprovação unânime da Redação Final feita pelo deputado Léo Alcântara, foi então remetido ao Senado Federal.

Somente em 11 de julho de 2003 foi despachado, com prioridade, para as Comissões de Educação, Cultura e Desporto e à Constituição e Justiça e de Redação, sendo aprovado o parecer pela Comissão de Educação e Cultura em 27 de agosto de 2003.

Em 30 de março de 2005 foi designado pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) o deputado Jamil Murad do PCdoB – SP para relator, tendo,

¹⁰ “A língua imaginada é aquela que os analistas fixam com suas sistematizações...” (ORLANDI, 1990, p. 77)

em 20 de dezembro do mesmo ano, o Parecer do deputado relator pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa do Substitutivo do Senado ao PL 1676/99, sendo, portanto, aprovado, com emendas.

Finalmente, em 29 de novembro de 2007, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) designou o deputado Flávio Dino, do PCdoB – MA para relator do substitutivo do Senado Federal ao Projeto de Lei n.º 1.676-C/99 (passando a ser Projeto de Lei 1.676-D/99), sendo este substitutivo aprovado por unanimidade do dia 13 de dezembro de 2007.

Conclusão

Por falta de iniciativas no Brasil da valorização da língua pátria, que deveria ser fomentada pela educação nas escolas e em todos os níveis de ensino, foi proposto o projeto de lei 1676/99 do deputado federal Aldo Rebelo, projeto este aprovado pela Câmara dos Deputados e com substitutivo aprovado por unanimidade do dia 13 de dezembro de 2007 no Senado Federal.

Após inúmeras discussões, muitos teóricos e até mesmo leigos nas questões lingüísticas, concordam que a tentativa de proibição de uso de certos vocábulos, fato que ocorre no referido projeto de lei, não provoca enfim uma defesa da língua portuguesa como assim sugere o deputado Aldo Rebelo, e, nem mesmo, uma maior valorização da língua por seus falantes.

Portanto, uma lei que proíba o estrangeirismo sem uma criteriosa análise de cada caso será sempre uma lei normativa que, não acompanhando os vários estágios de emprego e adaptação dos estrangeirismos, iria contra o efetivo uso da língua.

Em muitos países, como na França, há uma política de controle e defesa da língua. Essa lei de defesa da língua se resume na tradução, logo após o uso, da palavra estrangeira, como nos casos de palavras usadas nos meios de comunicação, com sanções de pagar-se multas se não obedecidas essas normas.

Conforme Patrick Chardenet, professor da Université Comté, França, e responsável pelo Programa Língua Francesa, Diversidade Cultura e Lingüística, decisões sobre o ensino e o uso da língua “São decisões políticas e devem ser vistas dessa forma.” (CHARDENET apud LOBO, 2007, não paginado)

Acredita-se que a mídia e o mercado tenham predominância sobre a educação, usando hoje de seus poderes para regular a língua através de suas publicações.

Essa influência dos meios de comunicação ocorrem no mundo inteiro, principalmente em países como o Brasil, onde o poder de grandes emissoras atingem as regiões e camadas sociais e onde o sistema educacional é, de maneira geral, bastante precário.

No entanto, a língua tem que evoluir, mas cabe também a certas instâncias sociais exercerem algum controle sobre essa evolução, pois essas decisões devem ser vistas como políticas.

Fica o problema, portanto, voltado para a esperança da melhoria do sistema educacional, pois leis de defesa da língua só poderiam ser úteis se baseadas em uma consciência social sobre a importância do idioma nacional, o que é passível de ocorrer com uma educação de qualidade.

Entretanto, uma reforma educacional exige, no mínimo, uns dez ou quinze anos de maturação e faltam, no Brasil, leis que garantam uma continuidade das políticas consistentes que requerem um tempo razoavelmente longo para funcionarem.

O sentimento de preservação da língua nacional em Portugal, afirma Xatara (2001) em *Estrangeirismos sem fronteiras*, publicado na Alfa – Revista de Lingüística, é bem mais acentuada que no Brasil, pois existe nesse país um planejamento lingüístico amparado por uma legislação que tem o apoio popular e, também, por uma política educacional que procura valorizar a soberania da língua portuguesa em território nacional.

No Brasil falta essa verdadeira política educacional que poderia utilizar-se também dos recursos da mídia com a finalidade de despertar os brasileiros para a importância de uma língua como patrimônio e identidade cultural, diz Xatara.

Seja onde for, a valorização da língua pátria deve ser fomentada pela educação, nas escolas, em todos os níveis de ensino. Contudo, no caso da língua portuguesa, esse trabalho parece não surtir o efeito desejado. Falta-nos uma verdadeira política educacional quanto a isso, que também poderia utilizar todos os recursos da mídia, com a finalidade de despertar nos cidadãos a importância de uma língua como patrimônio e identidade cultural e de se saber usá-la corretamente (e aí se começa outra discussão: o que seria correto?...) (XATARA, 2001, p. 151)

Assim, não será simplesmente com uma lei que o estrangeirismo deixará de ser usado. É necessário despertar nos falantes uma consciência a cerca da importância e do valor do seu idioma, para que, a partir de então, o próprio falante preserve, se assim julgar necessário, sua língua dos empréstimos muitas vezes abusivos, apesar de não ameaçadores, já que o uso de estrangeirismos não configura ameaça à língua portuguesa.

Passa assim a ser o projeto de Aldo Rebelo a causa de polêmicas entre os especialistas da língua portuguesa, pois para muitos, torna-se ele inviável enquanto para outros nem tanto: “Any language used in any society cannot be prescribed by language guardians; instead it will always be the result of a historical process: contacts with populations

of other countries, cultural experiences, political trajectory, etc.”¹¹ (MASSINI-CAGLIARI, 2004, p. 16)

Rajagopalan (2003), em sua obra *Por uma Lingüística Crítica – Linguagem, Identidade e a Questão Ética*, define os que são a favor de medidas como a tomada por Aldo Rebelo, com seu projeto de lei para proteção da língua portuguesa, de leigos, mas não leigos em cultura, e sim em conhecimentos lingüísticos, ocorrendo dessa forma discussões e polêmicas entre lingüistas e leigos:

Por sua parte, os leigos (leia-se, os não-lingüistas, já que muitos daqueles que são rotulados de “leigos” têm um vasto conhecimento sobre questões relativas à língua, à literatura e assuntos afins, embora tal conhecimento não seja reconhecido como “científico” pelo *establishment* da lingüística) se revelam igualmente impacientes em relação aos lingüistas que, ao meu ver, fazem vista grossa ao fato de a língua inglesa hoje representar o poder avassalador de uma superpotência [...] Eles também demonstram cada vez mais impaciência diante da recusa dos lingüistas a compartilharem suas angústias sobre a integridade da língua portuguesa e suas chances de enfrentar a invasão estrangeira e de sobreviver à luta desigual com a língua inglesa. Do ponto de vista dos leigos, os lingüistas são um grupo de estudiosos que se refugiaram numa torre de marfim e se isolaram completamente dos anseios dos falantes do idioma. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 130)

Rajagopalan (2003) questiona em sua obra se os lingüistas, em sua missão de elaborar teorias, não teriam se esquecidos das opiniões dos leigos, e se tornados alheios a seu principal objeto de estudo: o ser humano com sua linguagem.

Resta-nos, então, elaborar uma definição diferente da de Rajagopalan para leigo, sendo, para nós, aquele que, por não ter conhecimento científico-teórico, acolhe uma determinada posição nas discussões sobre linguagem de acordo com seu bom-senso e não de acordo com interesses políticos, sociais e/ou educacionais.

Tal fato foi constatado quando das entrevistas feitas aos leigos, que, mesmo sem domínio de questões teóricas, chegaram, quase que de forma unânime, às mesmas conclusões obtidas por lingüistas através de inúmeras pesquisas.

Portanto, para o questionamento feito por Rajagopalan – “É possível que, durante muito tempo, tenhamos simplesmente ignorado as opiniões dos leigos ao nos dedicar à nossa missão de elaborar teorias a respeito da linguagem?” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 131) – podemos afirmar categoricamente, após análise de respostas diversas dadas por leigos,

¹¹ Nenhuma língua usada em nenhuma sociedade pode ser prescrita por guardiões da língua; ao contrário será sempre o resultado de um processo histórico: contatos com populações de outros países, experiências culturais, trajetórias políticas, etc.

que não. Os lingüistas não ignoraram as opiniões dos leigos, pelo contrário, criaram suas teorias baseadas nos leigos, que são os falantes autênticos de uma língua.

Referências

- BAGNO, M. Cassandra, fênix e outros mitos. In: FARACO, C. A. (org.) **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001. p. 49-84.
- BORBA, F. S. **Introdução aos Estudos Lingüísticos**. 11 ed. Campinas, SP: Pontes, 1991.
- BRANDÃO, S. F. **A Geografia Lingüística no Brasil**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1991.
- BRASIL. **Projeto de Lei nº 1.676**, de 03 de novembro de 1999.
- BRASIL. **Projeto de Lei nº 1.676-D**, de 03 de novembro de 1999.
- CAGLIARI, L. C. **Reforma estúpida. Agosto de 2007a**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult510u322182.shtml>>. Acesso em 07 jan 2008.
- CAGLIARI, L. C. **Ruídos lingüísticos: com trema, por enquanto**. Agência FAPESP: São Paulo, 29 ago 2007b. Entrevista concedida a Fábio de Castro. Disponível em: <[http://www.agencia.fapesp.br/boletim_dentro.php?data\[id_materia_boletim\]=7667](http://www.agencia.fapesp.br/boletim_dentro.php?data[id_materia_boletim]=7667)>. Acesso em 07 jan 2008.
- CÂMARA, JR., J. M. **Dicionário de lingüística e gramática**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.[1. ed. 1973, *Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa*].
- CARVALHO, N. M. **Empréstimos lingüísticos e identidade cultural**. In: X Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, 2006, Rio de Janeiro. Livro de Resumos e Programação do X Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, 2006. v. X.
- COUTO, H. H. **Línguas Crioulas**. Comciência [on line]. Agosto de 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling11.htm>>. Acesso em 15 abril 2007.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Os estrangeirismos da língua portuguesa: vocabulário histórico-etimológico**. São Paulo: Humanitas; USP, 2003, 198 p.
- CUNHA, C. **Uma política do idioma**. Coleção diagrama 3. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FARACO, C. A. **Lingüística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. Série Fundamentos 78. São Paulo: Ática, 1991.

FARACO, C. A. **Guerras em torno da língua: questões de política lingüística.** In: _____ (org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua.* São Paulo: Parábola, 2001. p. 37-48.

FIORIN, J. L. **Considerações em torno do projeto de lei nº 1676/99.** In: FARACO, C. A. (org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua.* São Paulo: Parábola, 2001. p.107-126.

FISCHER, S. R., **O fim do português.** *Veja.* 1643 ed. São Paulo: Abril. 05 de abril de 2000. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/idade/educacao/050400/entrevista.html>>. Acesso em 07 jan 2008.

GARCEZ, P. M., ZILLES, A. M. S. **Estrangeirismos: desejos e ameaças.** In: FARACO, C. A. (org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua.* São Paulo: Parábola, 2001. p. 15-36.

GARCEZ, P. M., ZILLES, A. M. S. **Estrangeirismos: empréstimo ou ameaça?.** In: SILVA, F. L., MOURA, H. M. M. (orgs.) *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico.* 2a edição revista. Florianópolis: Insular, 2002. p. 39-52.

GUEDES, P. C. **E por que não nos defender da língua?** In: FARACO, C. A. (org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua.* São Paulo: Parábola, 2001. p. 127-142.

GUIMARÃES, E. J. **Os limites do sentido; um estudo histórico e enunciativo da linguagem.** Campinas: Pontes, 1995.

GUIMARÃES, E. J. **Política de línguas na América Latina.** In: Relatos 07: publicação do projeto História das Idéias Lingüísticas no Brasil – Ética e Política das Línguas. Campinas: ed da Unicamp, junho – 2001

GUIMARÃES, E. J. **Apresentação Brasil: país multilíngüe.** Cienc. Cult. [online]. abr./jun. 2005, vol.57, no.2 [citado 20 Junho 2007], p.22-23. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252005000200014 &lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0009-6725. Acesso em 13 ago 2006.

ILARI, R., BASSO, R. **O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos.** São Paulo: Contexto, 2006.

LOBO, F. **Não é refrigerante.** Junho de 1999. Disponível em: <<http://patrick-chardenet.chez-alice.fr/refri.html>>. Acesso em 01 dez. 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Language Policy in Brazil: monolingualism and linguistic prejudice.** *Language Policy* 3, 3-23. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004.

MASSINI-CAGLIARI, G. **One Language among many, many languages in one: monolingualism, linguistic prejudice and language policy in Brazil.** *Revista da Anpoll.* Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em Letras e Lingüística. nº 20, p. 63-84, jan./jun. 2006. Campinas-SP, 2006.

NEGREIROS, G. R. C. **O estrangeirismo no português do Brasil: fator descaracterizante?** Revista Philologus Ano 11 n° 31. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/11\(31\)06.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/11(31)06.htm)>. Acesso em 14 fev 2007.

ORLANDI, E. P. **Terra à Vista**. São Paulo, Cortez/Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, E. P. **O que é Lingüística**. Coleção primeiros passos 184. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PERIRI, M. A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola, 2004.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Coleção leituras no Brasil. Campinas: ALB: Mercado de Letras, 1996.

POSSENTI, S. **A questão dos estrangeirismos**. In: FARACO, C. A. (org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001. p.163-176.

RAJAGOPALAN, K. **A polêmica sobre os "estrangeirismos" e o papel dos lingüistas no Brasil**. Comciência [on line]. Agosto de 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling10.htm>>. Acesso em 20 maio 2007.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003. (Linguagem 4)

RODRIGUES, A. D. **A Originalidade das Línguas Indígenas Brasileiras**. Comciência [on line]. Agosto de 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling13.htm>>. Acesso em 10 abril 2007.

SCHMITZ, J. R. **O projeto de lei nº 1676/99 na imprensa de São Paulo**. In: FARACO, C. A. (org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001. p. 85-106.

SCHMITZ, J. R. **Em defesa da língua portuguesa: regulamentando os estrangeirismos**. Gazeta do Povo, Curitiba, Paraná, p. 12 - 12, 21 nov. 2003.

SILVA, F. L., MOURA, H. M. M. (orgs.) **O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. 2a edição revista. Florianópolis: Insular, 2002.

SILVA, R. V. M. **Diversidade e unidade: a aventura lingüística do português**. Revista ICALP. Lisboa, 1998, n° 11, pp. 60-72, n°s 12-13 pp. 13-28.

SOUZA, J. **Letras ao léu**. *Superinteressante*. São Paulo: Abril. Outubro de 2002. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/2002/conteudo_120836.shtml>. Acesso em 07 jan 2008.

TARALLO, F. T. **A pesquisa sociolingüística**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1994.

TERSARIOL, A. **Origem da língua portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Irradiação, 1967.

XATARA, C. M. **Estrangeirismos sem fronteiras**. *Alfa* - Revista de Lingüística, São Paulo, v. 45, p. 149-154, 2001.

YAGUELLO, M. **Não Mexe com a minha língua!** In BAGNO, M. (org.) *Norma lingüística*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 279-283.

ZILLES, A. M. S. **Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos**. In: FARACO, C. A. (org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001. p.143-162.

Anexo I

FICHA SOCIOLINGÜÍSTICA DOS INFORMANTES

Nome: M1
Idade: 31
Local de Nascimento: São Paulo – SP
Cidade onde mora: Santa Rita do Araguaia – GO
Em quais cidades já morou? São Paulo – SP, São José do Rio Preto – SP, Alto Araguaia – MT, Santa Rita do Araguaia – GO
Formação escolar: 3º Grau – Engenheiro Agrônomo com especialização
Profissão: Assessoria Agropecuária e Funcionário Público
Já viajou para o exterior? () Sim _____ (X) Não
Costuma viajar com frequência? (X) Sim. Com que frequência? <u>3 vezes ao ano</u> () Não

TRANSCRIÇÃO

— Já ouviu falar de estrangeirismo?

— *Já algumas vezes.*

— O que é?

— *É uma miscigenação de palavras, que é... Utilizando outros é... Outras línguas fazendo uma espécie de abasileiramento, né. Tipo termos que usa em computação, mouse, esse tipo de coisa, sendo transformada em palavras portuguesas.*

— E vem de que língua, normalmente?

— *Acho que podem vir de todas, mas normalmente é inglês, línguas mais conhecidas na região.*

— Você saberia mais alguns outros exemplos?

— *Têm alguns a nível de... Não me lembro agora, mas tem termos franceses principalmente...*

— Coisa de informática

— *É geralmente é mais ligado à coisa da informática mesmo, né. Francês eu não me lembro agora qual que era que a gente usava e é derivada do francês, mas tem tipo um bolo petit gateau.*

— Onde são usadas mais essas palavras? Em que área específica?

— *Sei lá em que área... Acho que em todas as áreas. A computação usa um pouco mais, mas de uma maneira geral, em tudo.*

— Ta usando de uma maneira geral, todo mundo usa, você acha?

— *Acho que tem bastante gente usando, principalmente a computação tem aberto um pouco mais isso, mas com a popularização dos computadores, da informática esse tipo de coisa, já tá mais divulgado para até pessoas que nem usam tanto já tem dito deletar, roam, essas coisas.*

— Ta, então seriam palavras específicas né, por exemplo da área da informática, da culinária como você falou, mas tem palavras comuns que a gente usa no dia a dia que não é de área nenhuma mas foram se adaptando para a nossa língua, já? Você conhece alguma?

— *Olha, deve ter. Eu de cabeça agora não to me lembrando de nenhuma, mas deve ter realmente.*

— Você sabe que o português veio do latim? Você acha que as palavras do português podem ser consideradas estrangeiras, já que não vieram então do Brasil?

— *Pensando dessa forma pode, mas o português já é uma língua, o brasileiro já tá virando uma língua, se firmando como língua, então, talvez, ela está deixando de ser estrangeirismo e passando a ter identidade própria.*

— O português do Brasil?

— *Isso*

— E quanto ao português de Portugal, se alguém usar uma palavra de Portugal você consideraria uma palavra estrangeira?

— *Sim, sem dúvida, uma palavra não usual. O português de Portugal se confunde muito com o brasileiro, que o português do Brasil, né? Mas a mesma palavra que seria utilizada nos dois países não dá pra ter essa interpretação, mas uma palavra que é utilizada só em Portugal, por exemplo, daria sim pra ter.*

— Por exemplo então, Você acharia estranho alguém chamar a tela do computador de "écran"? Eles falam assim em Portugal: seria errado?

— *O errado é muito relativo, não chamaria de errado, seria aí no caso sim um estrangeirismo. É uma maneira de denominar algo utilizando-se de palavras importadas, digamos assim.*

— Então uma palavra do português de Portugal seria importada pra você?

— *Seria. Nesse caso sim*

— Você acha que palavras estrangeiras, principalmente as do inglês, que é o que mais tem, você acha que vai chegar a substituir o português algum dia?

— *Eu acho que não. Poderia. Seria até interessante migrar para uma linguagem única, um dialeto único no planeta, mas eu acho...*

— Por quê?

— *Por que facilita a comunicação entre os povos, num precisa desse tipo de... Lógico, resguardam-se as origens, né, mas fica mais fácil a conversação. Hoje não existem barreiras tendo telefone, Internet, esse tipo de coisa, então você tem fácil acesso a tudo, com rapidez e um dos limitadores maiores hoje em dia é realmente o dialeto.*

— Você falou de televisão... Telefone... Televisão?

— *Telefone*

— Você considera telefone uma palavra estrangeira?

— *Eu não sei a raiz dela...*

— È, porque ela usa prefixos que não são de origem da língua portuguesa, prefixos gregos, por exemplo. Isso você consideraria um estrangeirismo? Pegar um prefixo de outra língua pra formar uma palavra do português? Seria uma palavra brasileira?

— *Falta, na minha opinião, um marco, entendeu? A partir daqui é português brasileiro e daqui anterior seria um estrangeirismo. Na realidade falta um ponto de referência ainda, mas por essa colocação, trazendo aí... Já que a utilização de prefixos é nativo de outra linguagem, então pode-se dizer que sim, se bem que, antes de você ter colocado isso, telefone pra mim seria um termo totalmente português, português brasileiro.*

— Então tem palavras que talvez você nem saiba que tem origem em outras línguas?

— *Sem dúvida nenhuma.*

— Você acha que existe uma língua pura, sem interferência de nenhuma outra língua?

— *Eu creio que não. Que a partir do momento que existe um contato com outros povos... Essa... A identidade da própria língua começa a se fundir com as outras. Haja visto no Brasil que se fala o português brasileiro, né, e você tem de sotaques a linguagem diferente, palavras usadas de maneiras diferentes. Se você pegar do Rio Grande do Sul ao Pará você tem essas diferenças.*

— Isso... Já que você falou de diferenças de regiões, um exemplo assim de mandioca, macaxeira no nordeste, aipim em outras regiões. Isso é considerado um estrangeiro, a palavra é estrangeira, já que uma tem origem africana, outra origem indígena, e não de Portugal?

— *Bom, estrangeiro a gente precisaria ver relacionado a quem, né? Quando se pensa em estrangeiro você pensa em outros... Na delimitação de país, seriam outros países no caso, então quando sealaria das línguas derivadas do indígena e algo já regionalizado, configurado... Volto a bater naquela tecla, falta um ponto, um marco, entendeu, pra dizer a partir do momento que deixa de ser estrangeirismo certo, seria a partir da entrada no dicionário ou algo desse tipo? Mas... Então, eu não chamaria, por exemplo, mandioca ou macaxeira de línguas estrangeiras, derivado do estrangeiro, seriam termos brasileiros.*

— Antes do Brasil ser descoberto era usado somente o tupi (do índios). E o que você acha disso, de terem vindo os portugueses obrigado a gente a usar o português? Qual seria realmente a nossa língua, o português ou o tupi?

— *Hoje eu diria que é o português que a gente fala. O tupi tem a origem da língua brasileira tem raízes no tupi, tem raízes no português de Portugal inclusive, mas tanto é que hoje a gente chama de português do Brasil... É diferenciado justamente por causa dessa miscigenação que teve com o tupi, com o português de Portugal, com outras questões de imigrantes... Provavelmente deve encontrar muitos termos italianos e alemães no dialeto, justamente por causa de imigrantes trazerem essas línguas no momento em que se fixaram nessa região e trazer isso realmente.*

— O número de palavras cresceu e muito da época do descobrimento até hoje em dia. Além do estrangeirismo, que outra maneira você acha que pode se criar palavras novas?

— *Além do estrangeirismo? Tem... Acho que o maior criador de palavras mesmo que nós temos seria a facilitação de algumas palavras. Que nem o você que derivou de vos mercie, seria no caso uma língua francesa, ta aí um exemplo do francês, mas deriva do vos mercie virou você... Virou vos mercê, você e agora ta deixando de ser você pra ser ce, né? Então essa é uma maneira de criar novas palavras além disso eu acho que tem muitas palavras utilizadas de maneira errada que com o passar do tempo ela vai se fixando, se fixando, e acaba tornando corriqueira e a partir de um dado momento ela passa a compor o vocabulário.*

— Você acha que deveria ser impedido isso? Deveriam impedir essas palavras novas? E tem como impedir?

— *Bom, eu acho primeiro que se quiser impedir pode ter leis e dificultar um pouco, mas não vai ser efetivo, entendeu? Poderia parar de ensinar em escolas, proibir conversação, voltar como era na época da ditadura que você tinha censura, tinha que saber o quê falar, como falar e tudo o mais. Agora acho que não deve, acho que é bobagem fazer esse tipo de coisa. É uma evolução natural da linguagem e eu acho que tem que deixar ela se renovar. Inclusive, falando de tecnologia, pode surgir novas coisas, novas situações aonde você precisa denominar isso, e aí, vai surgir da onde esses termos, né?*

— Agora vou fazer umas perguntas assim com outras palavras, pegar palavras soltas e perguntar o que você acha delas.

Vou começar com aqueles refrigerantes que não engordam, como você chama aquele tipo de refrigerante?

— *O diet*

— *Ou...*

— *Ou light*

— Você sabe a origem dessa palavra?

— *Eu imagino que deve ser do inglês.*

— E uma tradução apropriada pra ela?

— *Sei lá... Com um termo só é difícil. Geralmente a gente usa não engorda, ou baixas calorias, baixo teor de gordura, esse tipo de coisa, mas é justamente por isso que tem esse tipo de palavra, importa-se esse tipo de termo justamente pela falta de você ter um termo único que designe algo tipo produto que não engorda.*

— Você acha que uma pessoa que não saiba inglês ela se sentiria excluída por causa das palavras desse tipo?

— *Eu acho que não por que a partir do momento que ela vai aprender essa palavra como uma criança que aprende a dizer mamãe, mother – mamãe, não tem diferença significativa absolutamente nenhuma, é só o dialeto. Então a partir do momento que você começa a falar vou deletar tal coisa, quer dizer, você tá utilizando um termo, a gora você sabe o significado. São raras as situações onde pessoas falam um termo que eles não sabem o que significam, geralmente sabe-se ou sabe-se parcialmente.*

— Você poderia escrever pra mim as palavras diet, light?

— *Escrevo*

— Bom, uma outra palavra. Quanto a futebol, como você acha que se escreve essa palavra?

— *Bom, eu sei que vem... Derivou... Veio do inglês football e... Agora a maneira com que a gente escreve, nós não estamos escrevendo em inglês, a gente escreve aportuguesado fu-tebol, como muitas outras palavras também derivadas a gente brasileira não só o sotaque, a maneira de falar, mas a escrita também.*

— Então, escreve pra mim a forma adaptada da palavra.

Ta, uma outra palavra. A gente usa muito video game, criança gosta muito de video game e você já ouviu uma criança falar assim: “_ Eu vou jogar video game” ?

— *Sim, sim.*

— E o que você acha disso, por que game é jogo, não seria redundante? Por que não “vamos jogar vídeo”? Por que se usa o jogar com o game?

— *Sei. É, na realidade é um abasileiramento de um termo né, na verdade não sei poderia chamar de uma frase, mas uma palavra composta vídeo game designando uma máquina, entendeu? Então quando uma criança fala “vamos jogar vídeo game” ele não sabe o que é*

vídeo derivado do inglês e o game derivado do inglês. Ele sabe que vídeo game é uma máquina a qual ele faz jogos, tem jogos, que são transmitidos por um vídeo, pela televisão.

— Ta, uma outra pergunta:

Bermuda, que nós usamos, também tem outro significado, outro sinônimo, conhece?

— *shorts*

— De que origem é essa palavra?

— *Bom, shorts deve ser do inglês, né, mas como o futebol já escrita de uma outra forma, né, o shorts é ch, aquela situação toda. Hoje você já vê com... Aliás sh... Hoje você já vê com ch chor-tes.*

— E há diferença entre bermuda e shorts pra você?

— *Pra mim não, acho que é uma coisa só... Seriam sinônimos.*

— A palavra deletar, que você falou muito... Por que se usa deletar e não se usa apagar muitas vezes ou você acha que tem diferença? A gente usa deletar em certas situações e apagar em outras situações?

— *Sim, bom, como toda palavra nova que surge, ou, nova pra uma pessoa ta, uma palavra que aprende-se agora, vamos imaginar, ocorre uma situação engraçada, que existe uma situação aonde acaba sendo, quem conhece menos é marginalizado. Então a partir do momento que se tem uma denominação nova às vezes uma pessoa, alguém utiliza ela querendo se... Demonstrar maiores conhecimentos, dizer que é uma pessoa um pouco mais culta, e isso tem muita relação com a substituição de palavras é a utilização de novas palavras. Como o deletar vem de uma parcela da população há algum tempo atrás considerada elite, quer dizer, as pessoas que tinham acesso a computador, a uma ferramenta como o computador, isso hoje acabou sendo chupado, mas aquela situação, um cara que fala deletar seria uma pessoa de uma classe social um pouco maior, de um maior conhecimento, um pouco mais culta. Pelo menos imagino que esse seria uma maneira de pensar, se bem que isso tudo é inconsciente, né, é mais intuitivo.*

— E essa palavra deletar, ela teve uma modificação bem grande né, que de delete foi para deletar, criou-se um verbo em primeira pess... Conj... Que se pode conjugar, por exemplo eu deleto, tu deletas, e outras palavras não como futebol, que mudou um pouco mas tenta

permanecer fiel à palavra de origem inglesa. Por que você acha que umas mudam tanto assim, tem essa adaptação tão grande à nossa língua e outras não?

— *É engraçada essa necessidade que o ser humano, o brasileiro pelo menos, tem de verbalizar as coisas. Não só termos estrangeiros são transformados em verbos, mas tem muitos termos locais também que são tipo coisar, negociar, entendeu, que viram um verbo e não tem origem, não tem característica inclusive de verbo. É uma maneira de trazer algo, um termo de fora pra uma linguagem nossa. Seria como fazer uma assinatura naquela palavra e se apossar dela. Imagino eu que seja mais ou menos isso.*

— Pra finalizar, você tinha comentado do verbo delete, pessoas que tem o nível social maior, com melhor instrução, você acha que os estrangeirismos podem ser usados pra dividir classes sociais? Tem esse preconceito?

— *Tem, tem. Eu sinto que tem. O estrangeirismo inclusive tem uma ligação um pouco forte com gírias, eu acho que muitas gírias derivam de uma língua estrangeira ou de alterações da nossa própria língua, algo desse tipo, então é uma maneira de dividir. Eu usei o termo classe social, esse tipo de coisa, como um ponto divisório, mas nem sempre é isso, você pode dividir uma turma de jovens, por exemplo, de uma turma de pessoas de maior idade pela gíria, a maneira de conversar é uma maneira de... É engraçado, eles se comunicam entre si mas não comunicam, não estão pensando com outros grupos diferentes.*

— Seria uma forma de delimitar um grupo de pessoas?

— *Isso, isso mesmo... Seria.*

FICHA SOCIOLINGÜÍSTICA DOS INFORMANTES

Nome: F1
Idade: 53
Local de Nascimento: Itapetininga - SP
Cidade onde mora: Santa Rita do Araguaia – GO
Em quais cidades já morou? Itapetininga – SP, São Paulo – SP, São José do Rio Preto – SP, Alto Araguaia – MT, Santa Rita do Araguaia – GO
Formação escolar: Licenciatura Plena em Letras
Profissão: professora de música
Já viajou para o exterior? (X) Sim <u>Argentina</u> () Não
Costuma viajar com frequência? (X) Sim. Com que frequência? <u>1 vez ao ano</u> () Não

TRANSCRIÇÃO F1

— Você já ouviu falar em estrangeirismo?

— *Já. Já ouvi.*

— O que é?

— *São palavras estrangeiras que acabam sendo usadas em nossa língua*

— Estrangeiras de onde? De onde elas vêm?

— *Normalmente dos Estados Unidos, da Inglaterra, né?*

— Você sabe de algum exemplo pra me dar?

— *O delete...*

— Pode escrever pra mim? Qual mais?

— *diet...*

— Onde são usadas essas palavras mais? Tem um lugar específico onde elas são usadas? Tem uma área específica?

— *Não, eu acho que já não está sendo mais específico, já usa-se não só num contexto, entende? Você pode usar por exemplo diet num refrigerante como também você encontra uma amiga: Oh, você ta diet, hein?!*

— Mas você acha que pode haver diferença entre as palavras comuns e específicas de uma área? Por exemplo, as palavras de música, esporte, economia, tecnologia, você acha que tem uma diferença entre essas palavras?

— *Não entendi a pergunta.*

— Se forem usadas assim essas palavras estrangeiras pra uma área específica como pra música, pra tecnologia e é diferente se for usada no nosso dia a dia ou elas vão com o mesmo sentido?

— *Não, mudam, mudam o sentido... Mudam.*

— As palavras do português podem ser consideradas estrangeiras já que vieram do latim?

— *Eu acho que isso vai acontecer... É a mesma coisa. As palavras que vieram do latim acabam se tornando portuguesas, elas se aportuguesam. O mesmo está ocorrendo com as palavras estrangeiras. Como o delete, chega numa área específica né da computação, hoje em dia já se usa como delete esquece isso ou esquece um problema, deleta esse problema, entende?*

— Certo, mas o latim veio do português... Quer dizer, o português começou com o latim, né, então seriam todas palavras... Então você acha que isso é um estrangeirismo?

— *Eu acho que não. Eu acredito que não. Ela deixa de ser estrangeirismo quando você começa a modificar essas palavras, o sentido dessas palavras.*

— Então quer dizer que você adota uma palavra de outra língua mas com sentido diferente...

— *Com sentido diferente, exatamente.*

— Você acha que o inglês vai substituir o português?

— *Não, substituir nunca. Eu acredito que não. Ela pode usar, pode ser útil em alguns termos que talvez a gente não conseguisse criar. Então essas palavras estrangeiras talvez ajudam a dar um sentido diferente a uma palavra, a um contexto dentro de uma oração, mas que elas vão substituir, não. Aliás acho que nós já estamos pegando as palavras estrangeiras e fazendo verbo como nosso, no português.*

— Adaptando...

— *Adaptando.*

— E você acha que há como impedir o uso de estrangeirismos? Ou deveria ser impedido?

— *Não, de jeito nenhum. Eu acho que não deveria não. Eu acho que hoje em dia, mesmo com a globalização, é impossível isso. Você não vai conseguir limitar, você tem na televisão, você ouve em outros lugares e vai entrando no léxico da língua e não tem jeito não.*

— Uma pessoa que não fala bem inglês, se sentiria excluída por causa dos estrangeirismos principalmente da língua inglesa?

— *Não. Não se sentiria não.*

— Por quê?

— *Eu acho que ela se sente até mais importante quando usa um termo em inglês, mesmo que seja com a nossa pronúncia, entende, não com a pronúncia original.*

— Mas e se ela não souber a tradução?

— *Acaba sabendo, acaba sabendo, porque o sentido da palavra vai ser explicado na frase que a pessoa for falar pra ela.*

— Ta, e palavras do português de Portugal são consideradas estrangeiras pra você?

— *Não, nenhuma eu acho. Elas são diferentes da nossa, entende, eu hoje considero uma linguagem diferente.*

— Português de Portugal é uma outra língua?

— *Português de Portugal isso, uma outra língua.*

— Então se eu usar uma palavra de Portugal seria um estrangeirismo?

— *Exatamente.*

— Então você acharia estranho alguém chamar uma tela de computador de écran, eles falam assim em Portugal.

— *Exatamente, é um estrangeirismo também.*

— Ta, e quanto a palavras ditas em regiões diferentes do Brasil como macaxeira no nordeste, mandioca na região central e aipim em outras regiões? Você acha que é errado?

— Não, não acho errado. Eu acho que não existe nada errado vamos assim dizer. Eu acho que o Brasil, como é grande, tem uma extensão muito grande, vai formando linguagens diferentes, comunicações diferentes.

— E seriam palavras estrangeiras?

— Não, mesmo que venham assim de índios. Não seriam estrangeiras, quer dizer, no fim são palavras diferentes que estão incluídas no nosso... Eu acho que hoje em dia não existe nem o português, existe o brasileiro, a língua brasileira, entende, e ela é formada por tudo isso, por essa mistura toda.

— Bom, antes do Brasil ser descoberto era usado somente o tupi, que era a língua dos índios e tal, depois os portugueses obrigaram o uso do português. Você acha que as palavras do tupi são consideradas estrangeiras já que não são portuguesas?

— Não, eu acho que se fosse retornar elas seriam a nossa língua, teriam que ser a base de nossa língua, entende, mas eu acho que nem os índios aprenderam o português que preste, vamos dizer assim, e nem os portugueses aprenderam o tupi ou guarani, sei lá, que preste e formou nessa mistura uma língua própria, né, sem...

— Certo, mas se hoje em dia, por exemplo, aparecer um índio com uma palavra nova e nós começarmos a usar na língua portuguesa seria considerado um estrangeirismo?

— Eu acho que sim, acho que já se torna um estrangeirismo.

— Você acha que existe uma língua pura, sem influência de nenhuma outra língua?

— Ah não, não existe.

— Nem as mais antigas...

— Não acredito, não acredito não.

— O número de palavras do português da época em que foi imposta no Brasil aumentou muito comparado com hoje em dia. Você acha que há como criar palavras novas? Tem como criar palavras novas?

— Tem.

— Como?

— *É difícil dizer como criar essas palavras novas, mas às vezes a gente fala alguma coisa, inventa alguma palavra que, dentro da família por exemplo, aquilo já vira uma coisa entendida.*

— Certo, mas e que mais, só com invenções?

— *Não, com adaptações também...*

— De línguas estrangeiras?

— *De línguas estrangeiras também, exato. Acho que nada... Tudo se modifica, né, nada se cria.*

— E palavras novas seriam consideradas estrangeiras, já que você disse assim que inventam uma palavra, seria considerada uma palavra estrangeira, ou seja, não é da língua portuguesa?

— *Eu acho que não porque daí você inventando uma palavra ela seria de que língua pra eu falar: Não, ela é estrangeira, entende?*

— Mas ela é portuguesa?

— *Também não seria. Seria uma palavra brasileira vamos assim dizer.*

— E quando nós falamos palavras usando prefixos e sufixos gregos ou latinos, por exemplo televisão, eu usei sufixo ou prefixos em palavras que não são do português, elas são estrangeiras essas palavras?

— *Eu acho que não porque você mudou a palavra, né, você pegou prefixo ou sufixo mas ela foi modificada, ela não... Vamos dizer, não é original, não é a palavra própria.*

— Quando podemos usar palavras estrangeiras? Tem um local específico, uma ocasião específica ou não, pode ser usada em qualquer momento?

— *Eu acho que pode ser usada em qualquer momento sim porque como você usa achando que ta falando em português correto você já ta usando prefixos de outra língua, né, então eu acho que passa a ser normal, você pode usar sim.*

— Mesmo em documentos?

— *Ah não, não. Aí é um negócio mais oficial, mais... Aí requer mais...*

— Mas num documento pode usar uma palavra com prefixo grego...

— *Pois é, eu acho que só o tempo vai te dar...*

— Com o tempo poderia liberar?

— *ahan, eu acho que com o tempo libera.*

— Ta agora vou fazer perguntas de palavras específicas.

A palavra diet que você falou no começo como exemplo de estrangeirismo, você sabe a origem dessa palavra? De onde ela é?

— *Dos Estados Unidos?*

— E qual seria a tradução apropriada pra essa palavra?

— *Diet uma coisa sem gordura, é... Mais light.*

— E por que não é usada a palavra em português? Por que não se usa em português, só diet?

— *Eu acho que porque essa palavra já te dá... É uma palavra curta, rápida, que já te dá uma idéia, não precisa falar é uma coisa... É, com menos gordura, com uma taxa menor de, né, sei lá, de gordura, então fica mais fácil falar é diet.*

— E você já ouviu falar ou usa, sei lá, essa palavra em outros contextos que não seja pra gênero alimentício?

— *Ah, sim, usa-se sim. Você já, hoje em dia você já, como falei no início, você já brinca com uma amiga, por exemplo, que chega quando faz um regime: Oh, mas ta diet hein! Ou...*

— Mas aí começa a mudar o significado da palavra?

— *Muda, muda, e isso já vai adaptando na nossa... Ao brasileiro, né, ao Brasil.*

— Ta, uma outra palavra. Como você escreve a palavra futebol? Pode escrever pra mim, por favor? Como você acha que é.

Você tentou escrever uma palavra mais pra língua inglesa, né?

— *isso, é o que veio na mente.*

— Você acha que existe uma adaptação dela para o português?

— *Existe.*

— Como que é? Pode escrever.

— *Bem mais fácil, inclusive.*

— E por que você foi primeiro para a escrita em língua inglesa?

— *Olha, não sei. É a imagem que vem à cabeça, é como diet, por que eu não escrevo diet com a i...*

— E você sabe o que significa football?

— *foot é pé né, seria, e ball bola.*

— Você tentou colocar a palavra em Inglês, mas você, seus amigos, seus conhecidos você acha que usam mais a palavra em português ou em inglês?

— *Eu acho que usam em inglês também. Agora é difícil talvez por que a gente tem um conhecimento da língua que foi aprendida e foi estudada, mas pra quem nunca teve o conhecimento da língua, provavelmente ela vai querer escrever como se pronuncia.*

— Certo, e quando você vai a um estádio você vai assistir a uma partida de *futebol* ou o que de *futebol*? Um jogo de *futebol*?

— *Um jogo de futebol.*

— Já ouviu alguém dizer um game de *futebol*?

— *Não.*

— Por que se usa vídeo game então?

— *É por que já veio... Já... Parece que tá implícito o vídeo game é aquele joguinho que fica com o controle na mão...*

— Que se pode jogar vídeo game!

— *Que se pode jogar vídeo game*

— É que você sabe a tradução de game, mas você acha que a maioria das pessoas saberia a tradução?

— *É, o game seria jogo, mas eu acho que a maioria das pessoas não sabe não.*

— Você sabe escrever vídeo game, você poderia escrever para mim?

— *Vou tentar...*

— E por que você acha que vídeo game ficou assim uma palavra tão usada ao invés de jogo de game, quer dizer jogo de vídeo, o vídeo game é um jogo que se joga no vídeo né, na televisão. E por que o nome ficou vídeo game e não jogo de vídeo?

— *Olha, posso até estar errada, mas isso parece um pouco de pedantismo, sabe. É uma forma de você achar que está falando igual a eles entende como Estados Unidos ainda é um...*

— Adquirir status?

— *Status, eu acho que seria status.*

— Então neste estilo teria diferença entre jogo e game, para uma rodada de amigos, chega lá uma pessoa e fala jogo e outra fala game, há diferença?

— *Há. Ele se torna o antipático...*

— Ta, mas quando a gente fala vídeo game não é tão antipático né?

— *Não.*

— E você usa a palavra game em algum outro sentido?

— *Olha que eu me lembre não, já ouvi futebol ou uma partida de... Agora game parece que fica restrito ao jogo mesmo.*

— Ta, uma outra palavra. Você já ouviu falar, já falou, já viu escrita a palavra enter?

— *Já.*

— Em quais lugares você já viu esse tipo de palavra?

— *Principalmente computador, né?*

— E sabe o que significa?

— *Como se fosse um entre mesmo, pode entrar ta liberado.*

— E é uma palavra portuguesa?

— *Não, não seria, né?*

— E da onde você acha que ela é?

— *Bom eu acho que é dos Estados Unidos também...*

— E por que em alguns lugares nós encontramos a palavra enter como no computador como você falou e em outros lugares a gente encontra a sua correspondente em português, o entra, por exemplo? Qual a diferença entre enter e entra?

— *Olha é difícil o entra... Parece que não é tão respeitosa né? O enter parece que ta te liberando de vez, enter de que já ta tudo certo, já ta tudo limpo, já ta tudo... E o entra você corre risco parece, né?*

— Bom então tem diferença?

— *Tem.*

— Uma outra palavra. Bermuda. Qual outro sinônimo você daria para bermuda?

— *Uma calça curta.*

— Outra!

— *Um short*

— Como você escreveria short?

Ta. Então você acha que uma calça curta, uma bermuda podem ser usadas exatamente com o mesmo sentido de short?

— *Não, não pode.*

— Então são coisas diferentes?

— *São, uma bermuda é uma coisa mais cumpridinha mais social, vamos assim dizer e short é uma coisa mais curta.*

— *E sabe a tradução da palavra short?*

— *É curta mesmo, né?*

— Então ela é usada com outro sentido?

— *É ela é usada com outro sentido.*

— Em inglês ela tem a tradução de short e em português é uma peça do vestuário?

— *Aham. Mas não chega a ser uma bermuda não. Mas ainda cada uma tem sua diferença.*

— E você acha certo usar a palavra short, ou deveria ser usada uma outra palavra?

— *eu acho que se ela expressa o que você esta querendo falar de uma maneira curta e rápida e dar o recado completo, pra que você usar uma calça curta mais curta que uma bermuda.*

— Uma última palavra. No inicio você falou de deletar, do delet, você considera essa palavra portuguesa?

— *O deletar eu já considero portuguesa.*

— Por quê?

— *Por que ele é um verbo igual nossa conjugações, e por que nós já estamos a usando em outros contextos fora aqueles específicos da área da computação.*

— Poderia me dar um exemplo de uma qualquer que use o deletar?

— *Você chega chateada da rua comentando a briga com alguém, e eu pra te consola digo não delete isto, acaba, apaga, entende? Então já mudou.*

— Tem diferença entre apagar e deletar?

— *Por incrível que pareça tem. Apagar você apaga, mas sei lá você apaga e ainda fica marquinha, e enquanto que deletar é sumir de vez.*

— É uma palavra mais forte?

— *Mais forte.*

— Ta, essas palavras estrangeiras que tem na nossa língua você sabe de onde ou tem uma noção de onde vem a maioria delas, são só inglesas ou de onde mais elas podem vir?

— *Não, assim desde o latim você fala? O Tupi, Guarani, português, Latim que deu origem.*

— E hoje em dia só do inglês que vem as palavras?

— *A maioria é, a maioria é do inglês sim.*

— Não consegue lembrar mais nenhum exemplo?

— *Do inglês?*

— Não pode ser do francês ou...

— *Não, acho que é uma questão de status mesmo, é abajur sofá essas do francês, né?*

— Escreve par mim por favor?

— *Por que não em português, né?*

— Mas já está aportuguesado.

— *Já escrevi aportuguesado.*

— Mas o que você ia falando em questão do status?

— *Eu acho que hoje já pega mais do americano porque são eles que estão em evidencia hoje em dia, tempos a traz era o francês a língua nobre, como era o latim.*

FICHA SOCIOLINGÜÍSTICA DOS INFORMANTES

Nome: F2
Idade: 24
Local de Nascimento: Alto Araguaia – MT
Cidade onde mora: Alto Araguaia – MT
Em quais cidades já morou? Alto Araguaia – MT
Formação escolar: Licenciatura Plena em Letras, Licenciatura em Computação
Profissão: Atendente e tutora de sala
Já viajou para o exterior? () Sim _____ (X) Não
Costuma viajar com frequência? () Sim. Com que frequência? _____ (X) Não

TRANSCRIÇÃO F2

— Você já ouviu falar de estrangeirismo?

— *Já, mas não me recordo o que é não.*

— Não? Seriam palavras que a gente usa de outra língua, lembrou?

— *Ah ta, lembrei. Eu já vi isso na faculdade.*

— Você sabe algum pra me dar como exemplo? Um que a gente usa muito?

— *É... Por exemplo flash back?*

— Isso, que mais?

— *A, agora não to lembrada não.*

— Pode escrever pra mim, por favor?

— *Não sei se vou lembrar...*

— Pode ser do jeito que achar que é.

— *Eu precisei escrever esses dias pra trás, agora eu não me lembro .*

— Como você acha que é.

— *Onde que é pra escrever?*

— Qualquer lugar aí.

— *A, agora eu to na dúvida. Não sei se é com sh ou ch.*

— Lembra de mais alguma?

— *Não é assim que se escreve...*

— Tudo bem.

— *Não lembro*

— Onde você acha que são usadas mais essas palavras? Por exemplo, tem uma área específica, a área da informática, ou área da medicina, ou não, são usadas no geral?

— *É, você fala de área de produção ou na conversa dia a dia mesmo?*

— Na conversa. Você acha que no dia a dia ...

— *usa na internet, né?*

— Você acha que usa bastante na internet... Mas assim, essas palavras são usadas só numa área específica ou, por exemplo, se você estiver batendo um papo com uma amiga vai poder usar ou não?

— *Dá pra usar, mas é mais no local de trabalho, quer dizer, dependendo de algumas palavras até entra no local de trabalho.*

— Então tem diferença de palavra, de estrangeirismo, de você usar num local específico e num bate papo, elas tem sentido diferente?

— *Não.*

— Não?

— *Não, eu acho que não. Acho que são todas iguais apesar que se usa também assim. O estrangeirismo ele entra como até sendo palavras de rotina, normais, como sendo português, então acabam sendo também utilizados no trabalho também.*

— Ta. As palavras do português podem ser consideradas estrangeiras, já que vieram do latim?

— *Como é? As palavras do português...*

— O português, você sabe, veio do latim. Então o português, as palavras do português, seriam consideradas palavras estrangeiras por que elas vieram de outras, de outra língua, veio do latim?

— *Não, ela veio, mas ela... Acho que não.*

— Por quê?

— *A, porque ela pode até ter tido origem do latim mas ela acabou sendo uma maneira própria do português mesmo, do utilizar brasileiro... Acho que hoje em dia pode ser considerada como um... Não como um estrangeirismo.*

— Por que foi adaptada?

— *Isso.*

— Então você acha que a palavra adaptada não é mais estrangeira?

— *Olha, se for... Mas pra mim eu acho que não. No meu conhecimento não deveria ser não.*

— E a gente sabe que a maioria, a maioria não mas grande parte dos estrangeirismos de hoje em dia é de palavras de origem inglesa, né, e você acha que o inglês algum dia vai substituir o português?

— *Eu acho que não.*

— Não tem como?

— *Não... É difícil.*

— Por que?

— *Ah, porque cada país tem sua língua de origem e por mais que o inglês esteja predominando, que as pessoas hoje em dia tem que falar inglês, é muito difícil você substituir uma língua nacional, a língua de origem de um país por uma outra língua.*

— Mas ela pode modificar um pouco, né?

— *Pode, pode acabar tendo essas coisas que nem tem o estrangeirismo e tudo, mas acabar os brasileiros adotar o inglês como língua é difícil... Mas pensando bem até que seria muito bom.*

— Você acha que tem como impedir os estrangeirismos, você acha que deveria impedir?

— *Eu acho que não.*

— Que não tem como ou não deveria?

— *Eu acho que não tem como impedir, fica difícil, e também não tem porque impedir, porque assim se não usar esses estrangeirismos vão acabar vindo outras palavras e eu acho que não tem por quê impedir o uso dessas palavras.*

— Elas acabam sendo necessárias pra língua crescer, aumentar?

— *Eu acho.*

— E uma pessoa que não saiba inglês, que nunca estudou inglês na vida, ela se sentiria excluída por causa dessas palavras inglesas?

— *A, inicialmente qualquer pessoa no contato de uma palavra que não se conhece se sente excluída, até mesmo nós quando se fala uma palavra que a gente não sabe o que é a gente se sente excluída, mas isso é normal.*

— E como ela aprende essa palavra se ela não sabe, se não teve a oportunidade de estudar inglês?

— *Eu acho que no contato do dia a dia das pessoas em volta dela. A sociedade influencia.*

— Acabam aprendendo pelo contexto?

— *Ahan.*

— Ta, e as palavras do português de Portugal, pra você elas são estrangeiras?

— *Aí que tá minha dúvida, acho que a dúvida de qualquer pessoa porque nosso português é diferente do português de Portugal, mas acabou tendo muita influência de lá, é muito parecido, então a gente sempre fica nessa dúvida, o português de Portugal, não sei agora, ficaria na dúvida se poderia ser considerado como estrangeiro ou não. Não saberia*

— Você acha estranho alguém chamar uma tela de computador de écran, eles falam assim em Portugal, pra você é estranho?

— *Eu acho.*

— E eles falam errado?

— *Prá nós sim, né, porque a gente não fala isso, não tem contato...*

— Seria como se fosse uma palavra errada?

— *Ahan.*

— Ta, e quanto a palavras ditas em regiões diferentes do Brasil como macaxeira no nordeste, mandioca na região central e aipim em outras regiões? Você acha errado?

— *A, cada, cada... Tem o dialeto da região, né?*

— É, mas é errado ter dialetos?

— *Ai, certo, certo não seria, né, mas acaba reconhecendo todas as palavras. Tem isso de região. Certo... O vocabulário se reconhece tudo, né?*

— Acaba reconhecendo né...

— *Nem todas... A maioria.*

— Mas uma pessoa do nordeste, você acha que ela reconheceria todas as palavras que são ditas no sudeste ou ao contrário?

— *Não. Não reconhece. Assim, vai conhecendo com o tempo, conforme vai falando, mas não reconhece todas as palavras porque os dialetos são vários, como nós aqui, temos palavras que o povo usa na nossa região que a gente não reconhece. Isso acaba prejudicando a língua portuguesa mas também, como poderia dizer, é assim muito comentado que isso também pode mudar, cada região tem que ter o seu, assim, você pode ter uma cultura, conhecer a cultura de uma outra região mas assim não que essa cultura venha a modificar a que você tem, porque cada pessoa, dependendo do lugar que mora, tem a sua cultura, e esse dialeto é sempre uma cultura de casa região.*

— Tá, antes do Brasil ser descoberto nós tínhamos aqui os índios e eles usavam as línguas indígenas, o tupi por exemplo, e depois os portugueses obrigaram o uso do português. Você acha que as palavras do tupi podem ser consideradas estrangeiras, já que não são portuguesas?

— *A, eu acho que não. Elas são... Do próprio brasileiro, a gente que... Que... Os portugueses que trouxeram a língua portuguesa como sendo estrangeira na época que eles estavam aqui, agora o tupi já era própria daqui.*

— Então o português que deveria ser o estrangeiro e o tupi não?

— *Era pra ser, mas agora não mais, né?*

— Por que? Porque depois que usa um certo tempo ela deixa de ser estrangeira você acha?

— *Nossa Carol, que pergunta! A, porque o português acabou sendo a língua padrão do brasileiro não foi? O brasileiro não fala português?*

— Ahan... Hoje em dia, né?

— *É!*

— Você acha que existe uma língua pura, sem influência de nenhuma outra língua?

— *Não. Não acredito nisso não. Sofre influência. Toda língua, que nem assim cultura que a gente falou, sofre influência de outras línguas e culturas acaba sendo... São saudáveis, né, elas acabam sendo influenciada.*

— Também as coisas novas que são descobertas, né?

— *Isso*

— O número de palavras do português da época em que foi imposta no Brasil aumentou muito. Você acha que a gente pode aumentar as palavras? Como você acha que tem essa maneira de criar palavras novas? Como surgem palavras novas?

— *Boa pergunta. Sei lá...*

— Mas você acha que é só por empréstimo ou como mais?

— *a, de repente por necessidade mesmo que as próprias pessoas sentem de repente de criar algumas palavras vai surgindo, de repente vem uma palavra... Essa é uma boa pergunta, que a gente sempre se pergunta e nunca sabe responder. Cria-se as palavras e elas vão surgindo, de repente numa conversa surge uma palavra...*

— Alguém inventa uma palavra e...

— *e aí vai pegando... Sei lá.*

— E tem uma maneira de criar palavras que é acrescentando sufixos e prefixos...

— *isso.*

— Só que a maioria dos prefixos e sufixos são gregos e latinos. E palavras que usam esses prefixos e sufixos, por exemplo televisão, automóvel, elas tem prefixos que não são do português. Elas são estrangeiras?

— *Ai, pra mim não né.*

— Não? Então pode usar prefixos que não seja do português que elas não deixam de ser...

— *portuguesas? É.*

— Ta agora vou fazer...

— *Eu acho que não é assim que se escreve...*

— Deixa, depois você lembra. Vou fazer perguntas de palavras soltas pra ver o que você acha. Sabe aqueles refrigerantes que a pessoa toma quando ta fazendo regime e tal... Refrigerante?

— *light*

— Ou

— *diet*

— Ahan, pode escrever pra mim, por favor?

Você sabe a origem dessas palavras?

— *Inglês não?*

— E a tradução, você saberia?

— *A, é refrigerante pra emagrecer, que não engorda.*

— Você sabe o que significa mas a tradução...

— *Mas a tradução ao pé da letra é difícil.*

— E por que você acha que não se usa essa palavra em português? Seria um preconceito? Por que nos refrigerantes tem a palavra em inglês e não em português?

— *É porque elas foram adaptadas mesmo... De repente pra dar um marketing mais para o refrigerante, né, de repente se colocasse coca-cola sem gordura ou... Não daria marketing*

nenhum né, aí acaba colocando palavras estrangeiras pra chamar o povo, para o marketing mesmo.

— Pra chamar e pra dar uma sensação de coisa melhor?

— *Isso.*

— E você já ouviu essas palavras light e diet em um outro contexto que não seja de gênero alimentício?

— *É, já né.*

— Lembra?

— *A, que nem, por exemplo, se eu disser meu final de semana foi light, foi calmo, foi tranquilo.*

— Ta jóia. Outra palavra, futebol. Você gosta de futebol?

— *Mais ou menos.*

— Você costuma assistir futebol na TV?

— *A, mais o jogo do Brasil mesmo, os outros eu me informo.*

— Ta, e como se escreve futebol?

— *A, do jeito brasileiro mesmo.*

— Você escreve pra mim, por favor?

Você sabe de onde surgiu essa palavra?

— *De origem do inglês? futebol?*

— Isso, e normalmente a gente pode ver escrito dessa maneira como você escreveu, aportuguesado, ou em inglês. Tem diferença de uma pra outra? Assim diferença de contexto, alguma coisa? Se a pessoa ver a palavra futebol escrita em português e ver escrita em inglês ela vai sentir diferença de uma pra outra?

— *Não. Vai sentir que é diferente mas acaba sendo a mesma.*

— Você usa, você e seus conhecidos normalmente usam em português?

— *Em português.*

— Você acharia estranho se só usasse em inglês?

— *Eu acharia.*

— Por que?

— *A, porque não tem porque usar em inglês. Se a palavra já tem em português e o modo de escrever tudo adaptado, pra que ficar usando em inglês? Aí eu consideraria como errado.*

— Então se tem uma adaptação você não acharia certo usar em inglês?

— *Ahan.*

— Ta. Você disse que assiste jogo de futebol pela televisão as vezes e tal. E vídeo game, você costuma brincar?

— *De vez em quando.*

— Você sabe o que significa vídeo game?

— *Jogo de televisão? De vídeo.*

— E por que vídeo game usa a palavra game e no jogo não usa game, usa jogo de futebol?

— *A, porque eu acho que o futebol já foi bem adaptado ao português e o vídeo game não. Acho que futebol já veio como jogo de futebol mesmo que todo mundo conhece e vídeo game já tem uma adaptação do inglês mesmo que ficou.*

— Você pode escrever pra mim vídeo game, por favor?

— *Bom, eu acho que se escreve assim, normal.*

— E você acha que tem diferença entre jogo e game?

— *Olha, game seria no caso do inglês não seria? E o jogo pra nós é do português.*

— E por que você acha que eles não usam jogo de TV? Você acha que fica estranho? Por que?

— *Como é que é?*

— Por que você acha que no Brasil não se usa jogo de TV e usa vídeo game?

— *A, porque já foi... Eu acho que por que já veio e já pegou, virou mania chamar vídeo game mesmo. Jogo de TV ficaria muito estranho.*

— Então você acha que algumas palavras vêm e ficam da maneira que vieram e outras modificam como o futebol?

— *isso, eu acho. Algumas acabam... O brasileiro acaba se adaptando ao português mesmo e outras que já vem como estrangeirismo mesmo e acabam ficando, você se acostuma.*

— Outra palavra, tá acabando. Você já viu a palavra enter em algum lugar?

— *No computador.*

— Só no computador?

— *Ai, que me recordo agora sim.*

— E o que significa?

— *É...*

— O que você acha que significa? Não precisa ser a tradução exata.

— *Seria um ok mais ou menos, um certo, pra entrar.*

— E por que será q eles não usam essa palavra em português, só em inglês que a gente acha no computador?

— *A, sei lá, a gente adaptou também da língua.*

— E você acha que seria diferente se você encontrasse um ok ou um entra ao invés de enter? Teria um sentido diferente?

— *Não.*

— O sentido seria o mesmo?

— *Seria o mesmo.*

— A palavra bermuda. Você conhece algum sinônimo pra ela?

— *A, agora não sei... Um sinônimo pra bermuda?*

— Bermuda, calça curta...

— *A ta, tem o shorts que vem de short do inglês...*

— É... Isso que eu queria. Você pode escrever pra mim, por favor?

Bom, você disse que veio do inglês, você sabe a tradução dela?

— *A, seria uma bermuda? Não sei, eu acho.*

— Você acha que a tradução seria bermuda?

— *É, calça curta ou alguma coisa assim... Ou não? Ou não, eu acho que tem palavra parecida com essa que não tem o mesmo significado. Agora não sei se é com w*

— Tudo bem. E qual você usa mais: shorts, bermuda...

— *shorts*

— E você escreveu ela da maneira, da forma inglesa. Você acha que ela deveria ser escrita de outra forma, deveria ser adaptada como o futebol, por exemplo?

— *Ficaria estranho*

— Ficaria estranho? Por que?

— *A, sei lá, acho que é o costume mesmo.*

— Ta, a última palavra. Você conhece ou usa o verbo deletar?

— *Ahan. Apagar.*

— Isso. E por que ele virou um verbo... A gente pode conjugar esse verbo, você conseguiria conjugar? Eu deleto...

— *Tu deletas, ele deleta...*

— Isso. Dá pra ser conjugado, né?

— *Dá. Seria o que, eu apago, tu apagas, ele apaga... É... Estranho mesmo.*

— É, por que ele... Ele seguiu uma forma da língua portuguesa, né, colocou um verbo na primeira conjugação. E você acha que deveria ser feito isso com todas as palavras da língua inglesa adaptadas ou não?

— *A, eu acho que não... Se tiver como colocar ela numa maneira da língua portuguesa mesmo ficaria bem melhor... Apesar que esse delete, ele é o que? Seria de inglês mas acabou adaptada para o português, seria uma boa maneira de estar tendo... São palavras diferentes mas que acabou sendo adaptada para o português.*

— Ta, o deletar como a gente conjuga, você consideraria ele um estrangeirismo?

— *Consideraria.*

— Mesmo conjugando no português igual?

— *Ahan.*

FICHA SOCIOLINGÜÍSTICA DOS INFORMANTES

Nome: F3
Idade: 23
Local de Nascimento: Três Lagoas – MS
Cidade onde mora: Alto Araguaia – MT
Em quais cidades já morou? Três Lagoas – MS, Alto Taquari – MT, Santa Fé do Sul – SP, Alto Araguaia – MT
Formação escolar: Ensino Fundamental incompleto
Profissão: Auxiliar de cabeleireiro
Já viajou para o exterior? () Sim _____ (X) Não
Costuma viajar com frequência? (X) Sim. Com que frequência? <u>6 vezes ao ano</u> () Não

TRANSCRIÇÃO F3

— Já ouviu falar de estrangeirismo?

— *Não.*

— Não? Sabe quando a gente usa palavras de outra língua? Quando a gente usa palavra inglesa... Então, isso que é estrangeirismo.

Você conhece alguma, sabe algum exemplo?

— *Que fala?*

— É, alguma palavra de outra língua que a gente usa direto, assim que não seja nossa?

— *Minha tia já trabalhou assim, as vezes vai alguém lá no serviço aí ela pega fala língua inglesa... Só*

— Sua tia trabalha num salão. Tem algum produto que não seja... Que não tem nome brasileiro, que tenha assim um nome estranho?

— *Tem o “chouscovi”...*

— O que mais?

— *Ah, eu acho que é só o “chouscovi”... As outras é do Brasil.*

— E na questão do computador? A gente usa muita palavra em inglês no computador, né? Você sabe alguma?

— *Computador? É? Sei lá.*

— E essas palavras de outras línguas, você acha que são usadas em alguma área específica? Por exemplo, você acha que médicos usam mais, ou o povo da computação usa mais ou não, todo mundo tá usando hoje em dia?

— *Ah, acho que todo mundo.*

— Toda área tem, né?

E, você acha que tem diferença, por exemplo, se eu uso essas palavras num esporte ou uso num médico, que a gente fala, por exemplo, fazer um check up, ou na informática que é site, fax, essas coisas, você acha que tem diferença se eu usar essa palavra específica ou usar no dia a dia, num bate papo? Elas ficam diferentes ou não?

— *Ficam. Tem que ser numa área específica.*

— Tá. O português veio do latim. Já ouviu falar da história, que o português veio da língua latina e tal. Ela não nasceu do nada, veio do latim e foi se transformando. Já que o português veio do latim você acha que o português pode ser considerado uma língua estrangeira?

— *Eu acho que não.*

— Por que?

— *Ai meu Deus... Não sei... Ai porque não tem nada a ver português com estrangeiro, ah não sei te falar.*

— Por que você já se acostumou com a língua, talvez?

— *Ah, não sei. Acho que sim, porque a língua portuguesa diz que é considerada a mais difícil né, do que estrangeiro e tal, mas ah... Não sei.*

— E essas palavras em inglês que a gente usa tanto, você acha que um dia o inglês vai substituir o português? Vai acabar o português e vai ser só inglês?

— *Ah, acho que sim.*

— Por que?

— *Porque lá nos amigos da minha irmã, a maioria tudo fala assim. Muita coisa, não sei se é código deles, eles usam a palavra inglês, não fala certo português, aí você fica boiando porque que não entende, né?*

— E você acha que quem não sabe inglês não entende mesmo, ou com o tempo começa a entender?

— *Acho que com o tempo... Se acostuma.*

— Você acha que uma pessoa que nunca estudou inglês na vida se sente assim meio excluída por não saber, quando chega perto de alguém que fala essas palavras?

— *Ah, eu acho que não porque eu fiquei de boa... Só fiquei observando.*

— E aí você acabou aprendendo alguma com o tempo?

— *Não... Observava o que o povo já sabia senão eles iam conversar comigo e o que eu ia falar? Não ia falar nada...*

— Tá, e as palavras do português de Portugal? Já ouviu alguém falando português de Portugal?

— *Não.*

— Nem na novela, televisão...

— *Ah, na novela já... Não lembro agora o nome... Ele era de Portugal e falava diferente...*

— Falam diferente um pouco, né?

— *Ahan, é muito bonito.*

— Mas tem algumas palavras que são totalmente diferentes que não tem... Que não são iguais as do português. Você consideraria essas palavras estrangeiras?

— *Ah, acho que não.*

— Por exemplo, a tela do computador lá, eles chamam de écran.

— *Ah, não tem nada a ver.*

— E você acha que é errado eles usarem isso, já que eles falam português e a gente também?

— *Ah, não sei. Ah deve ser errado, né, porque é português e ta falando outra língua!*

— Diferente, né...

Tá, e palavras que são faladas em regiões diferentes do Brasil, por exemplo, fala macaxeira no nordeste, fala mandioca na região central e aipim em outras regiões. Você acha isso errado?

— *Não.*

— Mas são palavras estrangeiras, você acha, por falar diferente?

— *É.*

— É considerado estrangeira?

— *É considerado...*

— Uma outra pergunta. Antes dos portugueses virem ao Brasil, você sabe que só tinha índio aqui.

— *Ahan*

— E eles falam as línguas indígenas, o tupi e tal. Hoje em dia se você ver alguém usando a palavra tupi ou falando tupi, você consideraria estrangeiro?

— *Não.*

— Não? Por que?

— *Ah, eu acho que porque... Sei lá... Já ta acostumado a todo mundo aí... Tipo uma gíria aí. Acho que não é considerado como estrangeiro não.*

— Ta, e você acha que existe uma língua pura, sem influencia de nenhuma outra língua?

— *Não, não existe.*

— Você acha impossível isso?

— *Não é impossível, mas eu acho que sempre tem alguma coisa... Uma gíria. Não tem assim uma pessoa que fala certinho... Bom eu pelo menos nunca vi.*

— Você acha que deveriam impedir o uso dessas palavras estrangeiras no Brasil, no português?

— *Ah, eu acho que não.*

— E tem como impedir, se eles quisessem?

— *Ah, eu acho que sim, né?*

— Como por exemplo?

— *Ah, não sei te falar, é difícil porque aqui já dá aula de inglês! Não tem como impedir. Acho difícil.*

— Com cursinho de inglês e tal para a pessoa aprender e usar...

— *É meio difícil, né.*

— Ta, as palavras do português vem aumentando com o tempo, na época que descobriram o Brasil que vieram os portugueses eram poucas palavras, hoje em dia são muitas. Então como você acha que se criam palavras novas?

— *Não sei te falar*

— Será que o estrangeirismo seria uma forma disso, de criar palavras novas?

— *Sim, pode ser, né?*

— Por que vai aumentando o vocabulário, né?

— *É um pouco difícil, né, a língua portuguesa*

— A palavra televisão, ou a palavra automóvel, por exemplo, elas usam prefixos e sufixos que são latinos, prefixos gregos e latinos, mas são consideradas palavras brasileiras, portuguesas pra você? Televisão, automóvel, ou você acha que é uma palavra estrangeira?

— *Não eu acho que é uma palavra... Acho que é normal.*

— Já é nossa?

— *É já acostumei assim, já aprendi assim.*

— Agora vou fazer perguntas de palavras soltas, ver o que você acha ou não.

Sabe aquele refrigerante light ou diet?

— *Uhun*

— Você sabe escrever? Conseguiria escrever pra mim?

— *Acho que eu sei*

— Tenta. A maneira que você achar. Não tem certo ou errado, a maneira que você achar.

— *light ou é pra por refrigerante?*

— Não, só o light ou diet

— *Eu acho que é assim.*

— Você sabe a tradução dessas palavras?

— *Ai meu Deus... É pra emagrecer...*

— Diet que é sem açúcar, não sei, e o light?

— *Ai meu Deus. Deve ser mais suave, não sei te falar.*

— E por que se usa essas palavras em inglês e não em português?

— *Boa pergunta... Não sei*

— E se você visse um refrigerante escrito assim sem açúcar ou que não engorda, você acharia estranho?

— *Não*

— Mas qual você acha que chama mais a atenção: a palavra escrita em português ou...

— *Em inglês.*

— Em inglês você acha que chama mais?

— *Chama mais a atenção, com certeza.*

— E você já viu essa palavra em outro contexto que não seja em comida ou refrigerante?

— *Como assim?*

— Alguém falando num bate papo, numa conversa...

— *Já.*

— Como? Dá um exemplo pra mim.

— *Ah, assim igual a minha irmã toma só diet ou light, não sei, aí tava lá na chopperia e tal e “Não, traz o diet, é melhor!” Eles nem falam refrigerante, já acostumaram, entedeu, traz o light, traz o diet, aí que eu fui ver que era o refrigerante, porque... Em vez dela falar me traz um refrigerante, e como eles falam assim eu falei, ah é bom, vivendo e aprendendo, né?*

— Com certeza. Ta, uma outra palavra: Futebol. Você sabe de onde veio essa palavra?

— *Não*

— Como se escreve futebol?

Você já viu essa palavra escrita em outra língua?

— *Não.*

— Ta, normalmente quando você vai no estádio ou na televisão você assiste um jogo de futebol, né, e as crianças gostam muito de brincar com vídeo game. Você saberia a tradução de vídeo game? O que significa vídeo game?

— *Não.*

— Consegue escrever vídeo game pra mim?

— *Consigo.*

— Ta, a palavra enter, você já viu em algum lugar?

— *Já*

— Onde?

— *Ah, em vários lugares*

— Tem até mesmo no computador, enter, qualquer coisa tem que por o enter. E o que significa?

— *Ah, tipo, confirmando alguma coisa.*

— E por que que você acha que ta escrito em inglês e não em português?

— *No computador tudo é em inglês!*

— A maioria

— *A maioria tudo é em inglês.*

— E você acha que deveria ser em português?

— *Sim e não porque é bom que a gente aprende, né. E outra porque é mais fácil, né, o português, só que pra mim ver já é melhor assim porque a gente aprende.*

— Você já estudou inglês alguma vez?

— *Não*

— Essas palavras que você tá falando, que você sabe o significado, como que você aprendeu? Por exemplo, o light você sabia, do enter que você sabe o significado... Como você acabou aprendendo?

— *Aprendendo, porque eu compro o refrigerante aí tá escrito, aí no computador você presta atenção tá dá enter e você vai lá, é, vídeo game minha filha tem então por isso...*

— Acaba aprendendo

— *É, acaba aprendendo.*

— Aprendendo assim é bem mais fácil do que ter que estudar, decorar, né.

Bermuda, você conhece algum outro sinônimo pra bermuda? A gente pode usar bermuda ou... Calça curta ou...

— *Bermudão*

— Ou...

— *Bermuda mesmo. Tem outro significado?*

— E shorts, você já ouviu? Já conhece?

— *Não.*

— Nunca ouviu alguém falando short?

— *Não... Já ouvi falando short*

— Escreve pra mim short, por favor

— *Agora você me pegou. Não sei escrever short.*

— Tudo bem, e o significado, você sabe? Você acha que é uma palavra portuguesa?

— *Short?*

— É.

— *Ai meu Deus, não sei. Não sei se eu escrevi certo!*

— Não, tudo bem, mas você acha que é uma palavra portuguesa ou não, que ela é de outra língua?

— *Ah, eu acho que parece uma palavra inglês.*

— Em inglês? A tradução você saberia?

— *Não.*

— Mas se você ver um short você sabe que é uma peça do vestuário, pra usar, né?

— *Sei, isso eu sei.*

— Uma última pergunta. Você usa o verbo deletar, já ouviu alguma vez? “Ah, eu vou deletar você.”

— *Já.*

— Sabe de onde veio esse verbo?

— *Não*

— Você já viu no computador, quando a gente vê algum delete por exemplo?

— *Sim.*

— E o que significa?

— *Apagar, dá a impressão*

— É uma palavra portuguesa?

— *Não, acho que não.*

— Mas quando eu falo o verbo eu deleto, tu deletas

— *É, aí é português.*

— Acaba virando, você acha que aí ela vira português?

— *Vira.*

— Por que?

— *Não sei te falar Carol*

FICHA SOCIOLINGÜÍSTICA DOS INFORMANTES

Nome: F4
Idade: 34
Local de Nascimento: Mineiros – GO
Cidade onde mora: Alto Araguaia – MT
Em quais cidades já morou? Mineiros – GO, Rondonópolis – MT, Santa Rita do Araguaia – GO, Várzea Grande – MT, Cáceres – MT, Vilhena – RO, Pedra Preta – MT, Alto Araguaia - MT
Formação escolar: Ensino Fundamental incompleto (6ª série)
Profissão: Secretária do lar
Já viajou para o exterior? () Sim _____ (X) Não
Costuma viajar com frequência? (X) Sim. Com que frequência? <u>1 vez ao ano</u> () Não

TRANSCRIÇÃO F4

— Você já ouviu falar de estrangeirismo? Sabe o que é isso?

— *Estrangeirismo? Eu tenho idéia, mas nunca ouvi falar nada de estrangeirismo não.*

— O que você acha que pode ser?

— *Estrangeirismo é... Pode ser assim... Países, pessoas de outros países que estava em outro país e vai formando ali como se fosse assim uma comunidade e vai crescendo. No nosso país tem muito disso.*

— E você acha que é certo ou é errado por exemplo a gente usar palavras de outra língua?

— *A, eu acho que é certo.*

— Você acha certo?

— *Ah, eu acho.*

— E onde a gente usa mais essas palavras? Será que a gente usa num bate papo normal ou é mais médico que usa, mais computador...

— *É mais computador... Que mexe com computador... Livros... Meio americanizado, ne? Usa palavras que a gente não entende bem.*

— E você acha que o inglês ou qualquer outra língua um dia vai substituir o português? A gente vai deixar de falar o português?

— *Nunca. Nunca.*

— Por que não?

— *A, porque o português é... Pode até outros países falar, mas é próprio do país...*

— Não chega a mudar...

— *Eu acredito que nenhuma outra língua mudará, cada uma vai ter que assumir o seu padrão... Pode mudar assim algumas tribos pode até adaptar, mas a origem nunca deixa.*

— Modifica um pouco...

pode até modificar mas... Por exemplo, o Brasil mesmo usa muito essas expressões aí de outros países que vai às vezes né... Por exemplo aí... É big brother , “Oh brother” né? Mas todo mundo praticamente consegue entender.

— Começa a usar, né?

— *É, começa a usar, assim como eles devem usar algumas expressões brasileiras também.*

— Mas que nunca estudou inglês, você acha que se sente prejudicado por causa disso?

— *Com certeza. Por exemplo, eu vou fazer uma leitura mesmo, um texto, e tem uma palavra inglesa, aí eu fico... Mas o que significa? Ta, ta... Até que eu consiga às vezes entender, eu não entendo, ou algumas eu vou ter que ir em busca de outra pessoa que possa me falar. Muitas vezes isso já aconteceu comigo e acontece com muita gente.*

— E você acha que deveriam impedir o uso de inglês ou de outra língua no português?

— *Eu acho que não. Eu sou a favor de fazer com que essas aulas se torna mais acessível a toda a população, pra todo mundo se familiarizar. Aí chega uma pessoa aí que prejudica. Eu trabalhei em lugares, onde eu morava no serviço, que eu convivi com sete americanos por mais de quinze dias.*

— Nossa, e você não entendia nada?

— *Até que naquela época eu entendia algumas coisinhas porque eu tinha saído da escola não fazia muito tempo e eu gostava muito do inglês, né, aí ficava lá com...(fazendo mímica) aí eles falam... É uma perda de tempo, né? Quer dizer, a comunicação acaba criando uma barreira, né, fica difícil...*

— Então quanto mais as pessoas usassem e aprendesse você acha que seria melhor?

— *Melhor porque ninguém vai abrir mão de sua língua mesmo. Eu mesmo se eu pudesse ter aprendido mais um pouquinho de cada... Se tivesse tido mais oportunidade seria ótimo, ne, imagina. Ainda mais no nosso país que... Você vê a nossa cidadezinha que raramente, até hoje que eu moro aqui eu vi uma vez um americano aqui, aliás um casal de americano.*

— É difícil, né?

— *Só vez por outra trazido por um amigo, na época do Festival Náutico às vezes pode aparecer, né?*

— Mas mesmo assim a gente começa a falar já né entre a gente, usa palavras...

— *A gente se esforça em conseguir comunicar com eles, né.*

— Você já ouviu alguém falando português, o português de Portugal... Na televisão...

— *Já. Até mesmo outro dia veio um aqui. Um médico espírita.*

— É? Não fiquei sabendo.

E você considera uma língua estrangeira o português de Portugal?

— *É... É semelhante né. O português só da umas puxadinhas, umas coisas... Não é bem estrangeiro porque a gente consegue entender praticamente tudo, né.*

— Entende... E tem algumas palavras deles, são só algumas que são bem diferentes da nossa, por exemplo, a tela de computador eles chamam de écran, aí você consideraria isso estrangeiro?

— *Algumas palavras sim, né.*

— O que a gente não entende seria considerado estrangeiro?

— *Seria estrangeiro porque a gente... Porque ta fora do nosso convívio, né, tanto é que os portugueses ou os brasileiros vão pra lá e não tem dificuldade nenhuma, se comunicam, né. Algumas poucas palavras que não entende é só se familiarizar.*

— Logo aprendem, né?

— *Por exemplo, todos que vão pra outros países aí que não sabe falar nada, nem um pouquinho inglês e vai pra países da América aí, quer dizer...*

Em pouco tempo... No começo eles ficam...

Perdidão mesmo. Tem que suar a beça pra conseguir o básico né, pedir comida, banheiro... Sofre

— Sofre mesmo.

— *Eu tinha uma amiga minha que a mulher fazia tchau pra ela, mas... Não sei em qual estado, qual país, fazia tchau pra ela e ela fazia tchau, ia embora e a mulher tava é chamando ela. Não sei se isso aqui (faz o gesto) é vem aqui, pra nós é assim e pra eles é...*

— Tem sentido diferente, né, como é que vai saber?

— *Tem sentido diferente...*

— E em questão assim do Brasil mesmo mas em regiões diferentes por exemplo, palavras diferentes, a gente fala mandioca num lugar, macaxeira em outro... É errado será a gente falar várias palavras?

— *Não. Eu acho até o máximo uma palavra ter várias formas de você falar, eu acho o máximo isso né, é como carro, veículo, automóvel.*

— E seria considerada palavra estrangeira então?

— *Não, eu acho que não, é apenas costume de estado, né, piá, menino, guri, moleque.*

— É a mesma coisa, né?

— *Ahan.*

— Antes dos portugueses virem pro Brasil, descobrir o Brasil, só tinha índio aqui, né, e hoje em dia a gente quase não escuta ninguém falando uma língua indígena, o tupi por exemplo. E você acha que se você ver alguém falando o tupi seria um estrangeiro? Não seria uma coisa do português?

— *olha, eu já convivi com outras pessoas índias, indígenas e eu não acho que isso é estrangeiro. Eu acho que nós, como se diz, o branco, ele sofre... Se modernizou um pouquinho mais, fizeram como se fosse assim a sua tribo e ela cresceu mais e eles ficaram*

mais mingudinhos, mas eu acho que faz parte do português. Prova é que os outros índios de outros países não entendem sua comunicação com os índios do Brasil, não falam o mesmo dialeto deles... Dialeto é o que?

— *É, pode ser dialeto.*

— *Não são coisas bem pequenas?*

— *Ahan, da região... Você acha que existe uma língua pura que não teve influência de nenhuma outra língua?*

— *Não.*

— *Não tem como?*

— *Não tem... Por enquanto não.*

— *Você acha que algum dia pode vir a ter?*

— *É... No sentido... Em que sentido?*

— *Assim, por exemplo, tem um país que fala uma língua e essa língua não tem influência de nenhuma outra, não tem nenhuma palavra que veio do português, não tem nenhuma palavra que veio do inglês... Ou toda língua vem misturada assim até formar...*

— *toda língua vem misturada sim, cada uma forma a sua...*

— *Ela mistura até formar uma língua?*

— *Até formar uma...*

— *E essas palavras que foram misturadas, para você elas são estrangeiras ou não?*

— *Não. Eu acredito assim, que na verdade não existe nenhuma palavra estrangeira, simplesmente que, por exemplo, o português ele se adicionou pelas... É... 24 letras? Pelas 24 letras como sendo a forma de escrever e de pronunciar do Brasil, mas essas não formam no mundo inteiro? Cada uma... São... Assim, eles devem usar lá também.*

— *E acaba virando deles, né?*

— *Acaba virando deles. Não faz parte já da língua brasileira y, k e w? Não faz parte?*

— Já ta quase fazendo mesmo

— *Então quer dizer, é normal nomes brasileiros , os filhos, ser escrito com essas letras, é normal fábrica, essas coisas, lojas, já é normal.*

— Então por aqui está uma maneira de aumentar o vocábulo, aumentar a quantidade de palavras que a gente tem?

— *Com certeza.*

— Né, trazendo coisas diferentes...

— *é, apesar que vai complicando um pouquinho, mas para quem está sempre estudando, informando, não vai ser obstáculo, né, mas para quem não está... Por exemplo, o Brasil, ele não se refinou porque escrevia “ôro”?*

— Veio mudando, né...

— *Como escrevia farmácia?*

—... Farmácia com ph...

— *Então cada um foi se refinando ali e foi...*

— E vai modificando...

— *e vai modificando.*

— E tem jeito da gente impedir essas modificações será?

— *É difícil, né, o país é muito grande.*

— Não tem como a gente mandar na cabecinha de cada um, né?

— *É, e você vê né, outro dia eu estava escutando uma coisa assim que eu acho estranho mas acaba você vendo que se torna uma coisa comum “caráca” “_ caráca que que é isso, sô?” né, pronto, me choquei, minha mãe se chocou, vários conhecidos, “Mas que expressão mais...”. Hoje já está se tornando normal.*

— É uma palavra nova, né?

— *e ela está no dicionário, né? Outro dia o presidente falou uma palavra aí que nem me lembro mais e diz que também entrou... E vai formando...*

— Então conforme as pessoas vão usando vai entrando...?

— *Vai entrando, daqui uns dias, não vai demorar muito, a gente vai ver a palavra caráca aí com outro sentido. Puxa vida!*

— E essas palavras, você acha que tem um lugar próprio para usar, por exemplo...

— *Ah, sim...*

— Ou pode usar em qualquer lugar?

— *Ah, sim, por exemplo, hoje acho que ninguém vai falar a palavra “caráca” na frente de um juiz, então eu acho que tem que saber onde usar, né... Que... Eu acho que o juiz, eles tem uma cabecinha... Apesar que eles devem entender muito bem, né, o que se quer, o que ele quer dizer, né, mas ninguém vai falar, né.*

— Tem que saber o que fala e com que se fala né?

— *Com certeza... Aonde né.*

— Ta, agora vou perguntar palavrinhas separadas só para a gente terminar.

Refrigerante light ou diet. Você sabe a tradução dessas palavras light e diet?

— *Não, eu não sei a tradução, mas sei que...*

— Sabe o que significa?

— *É um produto que tem pouco açúcar ou produto que tem pouca gordura.*

— Quer dizer que mesmo sem saber a tradução a gente sabe o que significa, né? Consegue escrever pra mim?

— *Não*

— Não? Tudo bem...

— *Eu sei que tem h, y...*

— Ah, escreve o que você acha!

— *Não, mas não dou conta mesmo.*

— Então ta bom.

— *Mas é uma curiosidade, agora vou prestar atenção.*

— A gente não repara, né? E você já viu essas palavras usadas em outro contexto que não para comida? Já viu assim outra maneira de usar?

— *Só quando a pessoa ta magra né, é diet é... É light... É magro, né, e gordura, né? É difícil, nunca vi.*

— E futebol, como você escreveria futebol? Você já viu a palavra escrita de maneiras estranhas ou só como no português mesmo?

— *Não sei como se escreve. Eu sou tão desligada pra essa história de futebol... Eu fico tão irritada que eu nunca presto, nunca prestei atenção... Nem... Nem...*

— Ta certo, não gosta de assistir futebol?

— *Não gosto.*

— Bom, você já viu essa criançada de hoje em dia que fica doida pra jogar vídeo game?

— *Ah, é o que tem. Até o meu de quatro anos fica “_ Mãe, sabe o que eu queria? Um video game”*

— Você sabe o que significa vídeo game?

— *Não, não sei, mas sei para que serve...*

— Eles usam muito para jogar, né?

— *Gostam de jogar jogos virtuais que falam, né?*

— Bom, a palavra shorts, bermuda, você sabe o que significa?

— *Também não.*

— E você acha que ela é portuguesa?

— *A palavra short? Eu nunca parei pra pensar nisso, mas eu sei que short ou bermuda tem o mesmo...*

— Sabe na hora né, o que significa.

— *Mas se ela é portuguesa ou não... Mas tem um tom... Mas pensando bem tem um tom meio...*

— Parece não ser brasileira...

— *É, parece não ser brasileira, bermuda já não, já tem um ...*

— Já parece mais com a nossa língua, né?

— *Ahan.*

— Você já viu alguém falando ou você fala a palavra deletar: “A, vou deletar isso!”

— *Falo.*

— Fala? Você sabe o que significa?

— *Deletar... Deleito é... Significa, eu creio né, significa curtir, deleitar, paz, uma coisa assim que dá satisfação.*

— Se eu disser: “_eu quero deletar isso”?

— *É.*

FICHA SOCIOLINGÜÍSTICA DOS INFORMANTES

Nome: M2
Idade: 25
Local de Nascimento: Mineiros – GO
Cidade onde mora: Santa Rita do Araguaia - GO
Em quais cidades já morou?
Mineiros – GO, Doverlândia – GO, Santa Rita do Araguaia - GO
Formação escolar: 3º grau – Engenheiro agrônomo
Profissão: Assessoria agropecuária
Já viajou para o exterior? () Sim _____ (X) Não
Costuma viajar com frequência? (X) Sim. Com que frequência? <u>8 vezes ao ano</u> () Não

TRANSCRIÇÃO M2

— Já ouviu falar em estrangeirismo?

— *Isso em termo de linguagem?*

— Isso

— *Sim*

— O que você acha que é?

— *Seria adaptações de uma outra linguagem no nosso país, outra espécie.*

— Isso. Você sabe algum exemplo pra me dar?

— *Algum exemplo? Vinculado a Internet pode ser?*

— Pode, com certeza

— *Alguma coisa como web cam, hardware, software.*

— Pode escrever pra mim, por favor?

— *to com uma preguiça danada.*

— Da maneira como você achar, não precisa escrever da forma correta.

— *Não.*

— Então vamos continuar. Onde são usadas mais essas palavras? Você deu exemplos da área da informática, né, mas elas são usadas em áreas específicas ou você acha que não, que podem ser usadas num bate papo, numa conversa...

— *Pode, lógico. Acredito que sim. Quer um exemplo?*

— Pode dar!

— *ah, tipo quando você ta conversando com uma outra pessoa e fala, deixa eu mandar uma mensagem pra cicrano, abrir um software aqui ou deleta, deleta essa pessoa.*

— Ahan, isso mesmo. Assim, essa palavra quando eu uso numa área específica, ou num bate papo, ela tem um significado diferente?

— *Lógico, depende do contexto.*

— Vai variar com o contexto, né?

— *ahan*

— O português veio do latim, com a transformação da língua e tal então surgiu do latim. Por ter surgido de uma outra língua, você acha que o português poderia ser considerado uma língua estrangeira?

— *Não, porque ela tem muitas raízes próprias já aqui.*

— Ela se adaptou...

— *Isso. Acho tem uma transformação e continua tendo a cada dia*

— Ta, quanto a transformações principalmente por causa de palavras estrangeiras, né, você acha que um dia uma outra língua, o inglês, francês, sei lá, pode mudar o português? Pode substituir?

— *Eu acredito que não todo mas boa parte da linguagem sim, uma unificação.*

— E você acha que ta certo ou deveria ser impedida essa modificação?

— *Eu acredito que ta certo. Eu sou a favor do crescimento, da globalização.*

— E teria como impedir você acha, se tivesse que ser impedido?

— *Teria por criar tipo culturas isoladas, tipo cultura indígena, ou se isolar uma comunidade francesa e pronto ali, mas pelo contrário eu acredito que...*

— Meio difícil, né?

Ta, uma pessoa que não saiba inglês, vamos supor que ela nunca tenha visto inglês na vida, você acha que ela se sentiria excluída por causa dessas palavras que existem? Ou você acha que ela tem capacidade de aprender?

— *Tem capacidade de aprender.*

— Mesmo sem ter estudado?

— *Mesmo sem ter estudado. Acho que no dia a dia convivendo com outras pessoas. Tem sim vários exemplos disso, pessoas que vai pra outros países sem saber falar nada e aprendem.*

— Então com o convívio acaba apr...

— *Com o convívio.*

— Ta, palavras do português de Portugal, apesar de ser português como o nosso, *mas você acha que são palavras estrangeiras?*

— *Sim.*

— Por que?

— *Ah, mudando, sei lá, o acento, a forma de pronunciar já é estrangeiro é diferente já.*

— Mesmo sendo português?

— *Mesmo sendo português.*

— Você acharia estranho se alguém chegasse em você e chamasse a tela do computador de écran, é assim que eles falam em Portugal, você acharia errado?

— *Então, não acharia errado.*

— Mas acharia diferente?

— *Acharia diferente. Seria as mesmas diferenças que tem dentro do português, são sinônimos.*

— Isso, vou te perguntar sobre isso agora. Ta, então palavras... Você sabe que o Brasil é grande e tem várias palavras diferentes em várias regiões como mandioca num lugar, macaxeira em outro e tal. O que você acha disso? Você acha que são palavras estrangeiras? Você acha errado isso?

— *Então, eu diria que seria uma globalização do negócio, né, seriam várias informações de uma única tese. Lógico que existe a unificação de tudo, até mesmo seria a palavra científica, foi criado pra acabar com a coisa, assim a soja, por exemplo, ela é Glycine max, o nome científico dela é Glycine max em qualquer lugar do mundo é Glycine max. Então eu acho que com isso sempre vai ter uma diferenciação de palavras, de sinônimos, né.*

— Mas tem sempre...

— *Mas sempre tendo à risca um nome científico, isso tem pra tudo, pelo menos os vegetais eu sei que tem.*

— Ta, antes dos portugueses virem para o Brasil, tinha os índios aqui, então a principal língua que falava era o tupi...

— *tupi guarani*

— Hoje em dia, se você ver algum índio ou alguma pessoa falando o tupi, você acharia isso um estrangeiro, uma palavra estrangeira, um idioma estrangeiro?

— *Boa pergunta. Eu acredito que não porque é indígena então ta dentro do Brasil. Eu diria que seria uma linguagem antiga.*

— Considera nossa, uma linguagem nossa...

— *Mais nova ou pelo menos mais usada no Brasil.*

— E você acha que existe uma língua pura, uma língua que não tem influência de nenhuma outra?

— *Eu acredito que não.*

— Não tem como ter uma língua...

— *Hoje não. Você fala hoje ou se já teve um dia.*

— Não, hoje. Hoje em dia. Sempre vai ter influência de outra.

— *Sempre vai ter influência de outra.*

— Como você acha que a gente pode criar palavras novas?

— *Como?*

— È, porque as palavras aumentaram muito desde a época do descobrimento do Brasil. Como que houve esse aumento? Como que foram, como surgiram essas palavras novas?

— *Surgiram com a comunicação com outras pessoas, né, com o sistema de globalização, com o sistema mais fácil de informação, seria... É... Você pode tirar isso de uma roda de amigos, sempre cria-se uma forma de expressar, algumas coisas em código, sabe? Então eu acredito que cada vez mais conversando com pessoas diferentes criam novas palavras.*

— Não só importando, então eles...

— *Eles se importa, eles inventam, muito.*

— Uma maneira de criar palavras também é com o uso prefixos, sufixos e tal. A palavra televisão, automóvel, elas usam prefixos e sufixos que não são brasileiros. Você considera uma palavra estrangeira?

— *Sim.*

— E a última. Você acha que deveria ou que tem um lugar específico pra se usar palavras estrangeiras ou podem ser usadas em qualquer momento, qualquer lugar?

— *Eu acredito que depende da conversa que você tá tendo, uma conversa mais formal... Eu acredito que não é nem o local, eu acredito seria as pessoas que você tá conversando.*

— Mas você acha, falando em classe social, você acha que poderia falar estrangeiro com quem não teve esse ensino, ou você acha que ficaria um pouco constrangido de falar?

— *Diferentemente do... Eu acho que não seria bom falar.*

— Poderia ser um pouco esnobe?

— *poderia ser um pouco esnobes, né, não sei, depende da pessoa, se você tem liberdade com ela você pode até explicar que a palavra é sinônimo, né, em outro país é utilizada assim e tal, depende.*

— Vou perguntar de palavras isoladas agora, rapidinho, aí a gente termina.

— A palavra light, diet. Você sabe a origem dessas palavras?

Americana?

— Você não quer escrever elas pra mim, né?

— *De maneira nenhuma.*

— Ta com preguiça de escrever? Ta bom...

Você sabe a tradução, ou o que significa?

— *Significa... Ah, eu lembro assim, o que é uma... diet é que não tem açúcar e light é que tem pouca gordura, seria isso?*

— Certo. E você já viu ou usa essa palavra em outro sentido não só no gênero alimentício no seu dia a dia, num bate papo, você já usou?

— *Ah, sim, bastante.*

— Como, por exemplo?

— *“Aquela menina é light” ou “nossa, aquela é diet de tudo”, né, são expressões que a gente utiliza pra classificar...*

— E por que você acha que essas palavras não são usadas em português num refrigerante? Você já viu algum refrigerante escrito refrigerante sem açúcar, por exemplo?

— *Eu acredito que seja uma jogada de marketing, alguma coisa nova, diferente, chique, bonita, atrativa à compra.*

— Então você acha que a palavra inglesa dá mais atração?

— *Pro mercado sim.*

— Quanto à palavra futebol. Como que você... Você não quer escrever, mas soletra prá mim? Como você escreveria futebol?

— *Como eu escreveria?*

— É. Da maneira portuguesa ou...

— *portuguesa*

— Aportuguesado mesmo?

— *Isso.*

— Muitas pessoas vão assistir jogo de futebol, agora nós temos também o vídeo game. Você sabe o que significa vídeo game?

— *Seria um jogo na televisão?*

— Por que pra vídeo game se usa game e pra futebol se usa jogo?

— *pode repetir?*

— Tem gente que fala assim: um vídeo game e em vídeo game usou a palavra game em inglês e no futebol, “vamos jogar futebol?”, usou jogo em português. Por que você acha que tem essa diferença?

— *Ah, não sei. Seria o modo de falar, a impressão criada também. Tudo em função da logística de compra e venda.*

— Também do público alvo?

— *Isso.*

— A palavra enter, você já viu em quais... Você já viu, aliás?

— *Sim*

— Em quais lugares?

— *Em computador, em sites de acesso, em caixas eletrônicos do Banco do Brasil ou no cartão de crédito ou, tem até em algumas calculadoras.*

— E o que ela significa?

— *Enter seria acesso? Acesso, término.*

— E por que essa palavra não aparece em português?

— *Já te falei, tudo vai vir em função de mercado. Quem são os maiores fabricantes do mundo devem estipular, criar, e com a venda disso tudo depende do mercado e assim por diante.*

— E você acha que tem diferença entre acesso, como você falou, e enter?

— *Prá questão hoje pra você... Quem já tá ligado em informática eu acredito que não, mas uma logística de ensino eu acredito que daria uma dificuldade maior em algum momento.*

— A palavra bermuda, a gente pode ter como sinônimo também short. Você sabe o que significa essa palavra short?

— *Não.*

— E, eu ia te perguntar como ela deveria ser escrita, mas você não vai escrever pra mim também, né?

— *Não.*

— Nem a origem você não sabe dessa palavra?

— *Não.*

— E a última, pra encerrar.

Você usa ou já usou ou já ouviu alguém usando o verbo deletar?

— *Deletar? Sim.*

— Sabe o que significa?

— *É, seria excluir, finalizar, tirar.*

— E quando você usa deletar ao invés de excluir?

— *Quando?*

— Pra dar um sentido diferente? Por que?

— *ah, só em função do que te falei, só em função do local onde você tá, com quem você tá... Às vezes você quer realçar uma coisa diferente que tem um mesmo sinônimo você fala: “Ah, deleta essa pessoa”, ou ah, se quiser falar excluir pode deletar. São poucas pessoas que talvez vai saber ou não, na verdade é uma forma de você direcionar menos ou mais essa situação.*

— E você considera o verbo deletar uma palavra portuguesa?

— *Não.*

Anexo II

"A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa o idioma pátrio?"

Napoleão Mendes de Almeida, lingüista.

PROJETO DE LEI N°. 1676 DE 1999

(Do Sr. ALDO REBELO)

Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º. Nos termos do caput do Art. 13, e com base no caput, I, § 1º e § 4º do Art. 216 da Constituição Federal, **a língua portuguesa:**

I - é o idioma oficial da República Federativa do Brasil;

II - é forma de expressão oral e escrita do povo brasileiro, tanto no padrão culto como nos moldes populares;

III - constitui bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro.

Parágrafo único. Considerando o disposto no caput, I, II e III deste artigo, a língua portuguesa é um dos elementos da integração nacional brasileira, concorrendo, juntamente com outros fatores, para a definição da soberania do Brasil como Nação.

Art. 2º . Ao Poder Público, com a colaboração da comunidade, no intuito de promover, proteger e defender a língua portuguesa, incumbe:

I - melhorar as condições de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa em todos os graus, níveis e modalidades da educação nacional;

II - incentivar o estudo e a pesquisa sobre os modos normativos e populares de expressão oral e escrita do povo brasileiro;

III - realizar campanhas e certames educativos sobre o uso da língua portuguesa, destinados a estudantes, professores e cidadãos em geral;

IV - incentivar a difusão do idioma português, dentro e fora do País;

V - fomentar a participação do Brasil na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa;

VI – atualizar, com base em parecer da Academia Brasileira de Letras, as normas do Formulário Ortográfico, com vistas ao aportuguesamento e à inclusão de vocábulos de origem estrangeira no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

§ 1º . Os meios de comunicação de massa e as instituições de ensino deverão, na forma desta lei, participar ativamente da realização prática dos objetivos listados nos incisos anteriores.

§ 2º . À Academia Brasileira de Letras incumbe, por tradição, o papel de guardião dos elementos constitutivos da língua portuguesa usada no Brasil.

Art. 3º . É obrigatório o uso da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados, e pelos estrangeiros residentes no País há mais de 1 (um) ano, nos seguintes domínios socioculturais:

I - no ensino e na aprendizagem;

II - no trabalho;

III - nas relações jurídicas;

IV - na expressão oral, escrita, audiovisual e eletrônica oficial;

V - na expressão oral, escrita, audiovisual e eletrônica em eventos públicos nacionais;

VI - nos meios de comunicação de massa;

VII - na produção e no consumo de bens, produtos e serviços;

VIII - na publicidade de bens, produtos e serviços.

§ 1º . A disposição do caput, I- VIII deste artigo não se aplica:

I - a situações que decorram da livre manifestação do pensamento e da livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, nos termos dos incisos IV e IX do art. 5º da Constituição Federal;

II - a situações que decorram de força legal ou de interesse nacional;

III - a comunicações e informações destinadas a estrangeiros, no Brasil ou no exterior;

IV - a membros das comunidades indígenas nacionais;

V - ao ensino e à aprendizagem das línguas estrangeiras;

VI - a palavras e expressões em língua estrangeira consagradas pelo uso, registradas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa;

VII - a palavras e expressões em língua estrangeira que decorram de razão social, marca ou patente legalmente constituída.

§ 2º . A regulamentação desta lei cuidará das situações que possam demandar:

I - tradução, simultânea ou não, para a língua portuguesa;

II - uso concorrente, em igualdade de condições, da língua portuguesa com a língua ou línguas estrangeiras.

Art. 4º . Todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei.

Parágrafo único. Para efeito do que dispõe o caput deste artigo, considerar-se-á:

I - prática abusiva, se a palavra ou expressão em língua estrangeira tiver equivalente em língua portuguesa;

II - prática enganosa, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder induzir qualquer pessoa, física ou jurídica, a erro ou ilusão de qualquer espécie;

III - prática danosa ao patrimônio cultural, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder, de algum modo, descaracterizar qualquer elemento da cultura brasileira.

Art. 5º . Toda e qualquer palavra ou expressão em língua estrangeira posta em uso no território nacional ou em repartição brasileira no exterior a partir da data da publicação desta lei, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, terá que ser substituída por palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data de registro da ocorrência.

Parágrafo único. Para efeito do que dispõe o caput deste artigo, na inexistência de palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa, admitir-se-á o aportuguesamento da palavra ou expressão em língua estrangeira ou o neologismo próprio que venha a ser criado.

Art. 6º . O descumprimento de qualquer disposição desta lei sujeita o infrator a sanção administrativa, na forma da regulamentação, sem prejuízo das sanções de natureza civil, penal e das definidas em normas específicas, com multa no valor de:

I - 1.300 (mil e trezentas) a 4.000 (quatro mil) UFIRs, se pessoa física;

II – 4.000 (quatro mil) a 13.000 ((treze mil) UFIRs, se pessoa jurídica.

Parágrafo único. O valor da multa dobrará a cada reincidência.

Art. 7º . A regulamentação desta lei tratará das sanções premiais a serem aplicadas àquele, pessoa física ou jurídica, pública ou privada, que se dispuser, espontaneamente, a alterar o uso

já estabelecido de palavra ou expressão em língua estrangeira por palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa.

Art. 8º . À Academia Brasileira de Letras, com a colaboração dos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, de órgãos que cumprem funções essenciais à justiça e de instituições de ensino, pesquisa e extensão universitária, incumbe realizar estudos que visem a subsidiar a regulamentação desta lei.

Art. 9º. O Poder Executivo regulamentará esta lei no prazo máximo de 1 (um) ano a contar da data de sua publicação.

Art. 10. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A História nos ensina que uma das formas de dominação de um povo sobre outro se dá pela imposição da língua. Por quê? Porque é o modo mais eficiente, apesar de geralmente lento, para impor toda uma cultura — seus valores, tradições, costumes, inclusive o modelo socioeconômico e o regime político.

Foi assim no antigo oriente, no mundo greco-romano e na época dos grandes descobrimentos. E hoje, com a marcha acelerada da globalização, o fenômeno parece se repetir, claro que de modo não violento; ao contrário, dá-se de maneira insinuante, mas que não deixa de ser impertinente e insidiosa, o que o torna preocupante, sobretudo quando se manifesta de forma abusiva, muitas vezes enganosa, e até mesmo lesiva à língua como patrimônio cultural.

De fato, estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos — como "holding", "recall", "franchise", "coffee-break", "self-service" — e de aportuguesamentos de gosto duvidoso, em geral despropositados — como "startar", "printar", "bidar", "atachar", "database". E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano, sobretudo a produção, o consumo e a publicidade de bens, produtos e serviços, para não falar das palavras e expressões estrangeiras que nos chegam pela informática, pelos meios de comunicação de massa e pelos modismos em geral.

Ora, um dos elementos mais marcantes da nossa identidade nacional reside justamente no fato de termos um imenso território com uma só língua, esta plenamente compreensível por todos os brasileiros de

qualquer rincão, independentemente do nível de instrução e das peculiaridades regionais de fala e escrita. Esse — um autêntico milagre brasileiro — está hoje seriamente ameaçado.

Que obrigação tem um cidadão brasileiro de entender, por exemplo, que uma mercadoria "on sale" significa que esteja em liquidação? Ou que "50% off" quer dizer 50% a menos no preço? Isso não é apenas abusivo; tende a ser enganoso. E à medida que tais práticas se avolumam (atualmente de uso corrente no comércio das grandes cidades), tornam-se também danosas ao patrimônio cultural representado pela língua.

O absurdo da tendência que está sendo exemplificada permeia até mesmo a comunicação oral e escrita oficial. É raro o documento que sai impresso, por via eletrônica, com todos os sinais gráficos da nossa língua; até mesmo numa cédula de identidade ou num talão de cheques estamos nos habituando com um "Jose" — sem acentuação! E o que falar do serviço de "clipping" da Secretaria de Comunicação Social da Câmara dos Deputados, ou da "newsletter" da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano da Presidência da República, ou, ainda, das milhares de máquinas de "personal banking" do Banco do Brasil — Banco DO BRASIL — espalhadas por todo o País?

O mais grave é que contamos com palavras e expressões na língua portuguesa perfeitamente utilizáveis no lugar daquelas (na sua quase totalidade) que nos chegam importadas, e são incorporadas à língua falada e escrita sem nenhum critério lingüístico, ou, pelo menos, sem o menor espírito de crítica e de valor estético.

O nosso idioma oficial (Constituição Federal, art. 13, caput) passa, portanto, por uma transformação sem precedentes históricos, pois que esta não se ajusta aos processos universalmente aceitos, e até desejáveis, de evolução das línguas, de que

é bom exemplo um termo que acabo de usar — *caput*, de origem latina, consagrado pelo uso desde o Direito Romano.

Como explicar esse fenômeno indesejável, ameaçador de um dos elementos mais vitais do nosso patrimônio cultural — a língua materna —, que vem ocorrendo com intensidade crescente ao longo dos últimos 10 a 20 anos? Como explicá-lo senão pela ignorância, pela falta de senso crítico e estético, e até mesmo pela falta de auto-estima?

Parece-me que é chegado o momento de romper com tamanha complacência cultural, e, assim, conscientizar a Nação de que é preciso

agir em prol da língua pátria, mas sem xenofobismo ou intolerância de nenhuma espécie. É preciso agir com espírito de abertura e criatividade, para enfrentar — com conhecimento, sensibilidade e altivez — a inevitável, e claro que desejável, interpenetração cultural que marca o nosso tempo globalizante. Esse é o único modo de participar de valores culturais globais sem comprometer os locais.

A propósito, MACHADO DE ASSIS, nosso escritor maior, deixou-nos, já em 1873, a seguinte lição: "Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos, é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade." (IN: CELSO CUNHA, *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1981, p. 25 — na ortografia original de 1968).

Os caminhos para a ação, desde que com equilíbrio machadiano, são muitos, e estão

abertos, como apontado por EDIRUALD DE MELLO, no seu artigo *O português falado no Brasil: problemas e possíveis soluções*, publicado em *CADERNOS ASLEGIS*, nº 4, 1998.

O Projeto de Lei que ora submeto à apreciação dos meus nobres colegas na Câmara dos Deputados representa um desses caminhos.

Trata-se de proposição com caráter geral, a ser regulamentada no pormenor que vier a ser considerado como necessário. Objetiva promover, proteger e defender a língua portuguesa, bem como definir o seu uso em certos domínios socioculturais, a exemplo do que tão bem fez a França com a Lei nº 75-1349, de 1975, substituída pela Lei nº 94-665, de 1994, aprimorada e mais abrangente.

Quer-me parecer que o PL proposto trata com generosidade as exceções, e ainda abre à regulamentação a possibilidade de novas situações excepcionais. Por outro lado, introduz as importantes noções de prática abusiva, prática enganosa e prática danosa, no tocante à língua, que poderão representar eficientes instrumentos na promoção, na proteção e na defesa do idioma pátrio.

A proposta em apreço tem cláusula de sanção administrativa, em caso de descumprimento de qualquer uma de suas provisões, sem prejuízo de outras penalidades cabíveis; e ainda prevê a adoção de sanções premiais, como incentivo à reversão espontânea para o português de palavras e expressões estrangeiras correntemente em uso.

Nos termos do projeto de lei ora apresentado, à Academia Brasileira de Letras continuará cabendo o seu tradicional papel de centro maior de cultivo da língua portuguesa do Brasil.

O momento histórico do País parece-me muito oportuno para a atividade legislativa

por mim encetada, e que agora passa a depender da recepção compreensiva e do apoio decisivo da parte dos meus ilustres pares nesta Casa.

A afirmação que acabo de fazer deve ser justificada. Primeiramente, cumpre destacar que a sociedade brasileira já dá sinais claros de descontentamento com a descaracterização a que está sendo submetida a língua portuguesa frente à invasão silenciosa dos estrangeirismos excessivos e desnecessários, como ilustram pronunciamentos de lingüistas, escritores, jornalistas e políticos, e que foram captados com humor na matéria Quero a minha língua de volta!, de autoria do jornalista e poeta JOSÉ ENRIQUE BARREIRO, publicada há pouco tempo no JORNAL DO BRASIL.

Em segundo lugar, há que ser lembrada a reação positiva dos meios de comunicação de massa diante da situação que aqui está sendo discutida. De fato, nunca se viu tantas colunas e artigos em jornais e revistas, como também programas de rádio e televisão, sobre a língua portuguesa, especialmente sobre o seu uso no padrão culto; nesse sentido, também é digno de nota que os manuais de redação, e da redação, dos principais jornais do País se sucedam em inúmeras edições, ao lado de grande variedade de livros sobre o assunto, particularmente a respeito de como evitar erros e dúvidas no português contemporâneo.

Em, terceiro lugar, cabe lembrar que atualmente o jovem brasileiro está mais interessado em se expressar corretamente em português, tanto escrita como oralmente, como bem demonstra a matéria de capa — A ciência de escrever bem — da revista ÉPOCA de 14/6/99.

Por fim, mas não porque menos importante, as comemorações dos 500 anos do Descobrimento

do Brasil se oferecem como oportunidade ímpar para que discutamos não apenas o período colonial, a formação da nacionalidade, o patrimônio histórico, artístico e cultural da sociedade brasileira, mas também, e muito especialmente, a língua portuguesa como fator de integração nacional, como fruto — tal qual a falamos — da nossa diversidade étnica e do nosso pluralismo racial, como forte expressão da inteligência criativa e da fecundidade intelectual do nosso povo.

Posto isso, posso afirmar que o PL ora submetido à Câmara dos Deputados pretende, com os seus objetivos, tão-somente

conscientizar a sociedade brasileira sobre um dos valores mais altos da nossa cultura — a língua portuguesa. Afinal, como tão bem exprimiu um dos nossos maiores lingüistas, NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA, no Prefácio de sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa (28ª ed., São Paulo, Edição Saraiva, 1979), **"conhecer a língua portuguesa não é privilégio de gramáticos, senão dever do brasileiro que preza sua nacionalidade. ... A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?"**.

Movido por esse espírito, peço toda a atenção dos meus nobres colegas de parlamento no sentido de apoiar a rápida tramitação e aprovação do projeto de lei que tenho a honra de submeter à apreciação desta Casa legislativa.

Sala das Sessões, em 15 de setembro de 1999.

Deputado ALDO REBELO

Profissão: Jornalista

PCdoB — SÃO PAULO

Correio eletrônico: <dep.aldorebelo@camara.gov.br>

Página de Apresentação: <http://www.camara.gov.br/aldorebelo>

Câmara dos Deputados — Brasília

Gabinete 924 — Anexo IV — Telefone: (61) 318-5924 — Fax: 318-2924

* * *

DOCUMENTO CAPTURADO DA PÁGINA DE APRESENTAÇÃO DO DEP. FEDERAL ALDO REBELO

Anexo III

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA
PROJETO DE LEI N.º 1.676-D, DE 1999

**Substitutivo do Senado Federal ao Projeto de Lei
n.º 1.676-C/99, que dispõe sobre a promoção, a
proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e
dá outras providências.**

Autor: Senado Federal

Relator: Deputado Flávio Dino

I – RELATÓRIO

A proposição em análise, de autoria do Deputado Aldo Rebelo, dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências.

Nesta Casa, o projeto foi aprovado com duas emendas, após apreciação pelas Comissões de Educação, Cultura e Desporto e de Constituição e Justiça e de Redação.

O texto referendado na Câmara estabelece a obrigatoriedade da utilização do vernáculo em uma miríade de domínios socioculturais, excluídas as situações que especifica, tais como as manifestações decorrentes do exercício dos direitos insertos nos incisos IV e IX da Constituição Federal. A proposição considera “lesiva ao patrimônio cultural brasileiro” e “punível na forma da lei” qualquer utilização de palavra ou expressão estrangeira, ressalvados os casos que excepciona. Determina, ainda, a substituição de todas as expressões estrangeiras em uso no país por equivalentes ou neologismos na língua portuguesa, no prazo de 90 dias. Comete ao regulamento o estabelecimento de sanções administrativas pelo descumprimento de suas prescrições.

No Senado, submetida ao crivo da Comissão de Educação, a proposição recebeu Substitutivo de autoria do Senador Amir Lando. Preservando alguns fundamentos da original, a proposição derivada comporta inovações sensíveis e profícuas, oriundas de sugestões colhidas em audiência pública e de consultas a especialistas.

O Substitutivo restringiu sua abrangência às palavras e expressões escritas, além de minorar as situações em que é obrigatório o uso do vernáculo pelos particulares. Fundamentalmente, o projeto torna forçosa a utilização da língua portuguesa nos documentos emitidos pela Administração. Determina, ainda, que os administrados aponham a seus documentos escritos as expressões vernaculares correspondentes às expressões estrangeiras que eventualmente utilizem. Também obriga os meios de comunicação de massa impressos a utilizarem apenas a versão aportuguesada de expressões técnicas, contidas em glossários publicados por comissões específicas. Assim como a proposição originária, a proposição derivada transfere o estabelecimento de sanções à regulamentação.

Em virtude da apresentação de Substitutivo, o projeto retornou a esta Casa, sendo novamente distribuído às Comissões de Educação, Cultura e Desporto e de Constituição e Justiça. Integralmente aprovada naquela Comissão, a nova proposição passa a ser analisada por esta.

II - VOTO DO RELATOR

Cabe a esta Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, nos termos regimentais, apreciar o Substitutivo em exame quanto aos critérios da constitucionalidade, da juridicidade, da técnica legislativa.

Inicialmente, cremos não haver óbices em relação à constitucionalidade da proposta, vez que seu conteúdo material está incluído no dispositivo relativo à competência legislativa concorrente, qual seja, o art. 24 da Constituição Federal, especificamente em seu inciso VII. Também foram adimplidos os ditames relativos à iniciativa legiferante, previstos na cabeça do art. 61 da Constituição da República.

Ainda quanto à constitucionalidade, reputamos louvável a iniciativa do proponente, que concorre para a satisfação de princípios insertos na Constituição Federal, notadamente os contidos nos arts. 13, 215 e 216 § 1º.

Do ponto de vista da juridicidade, também não há condicionantes, posto que a proposição não colide com princípio de direito, norma legal ou entendimento jurisprudencial.

Quanto à técnica legislativa empregada na proposição, entendemos que se trata de texto adequado às imposições estabelecidas pela Lei Complementar nº 95, de 1998, alterada pela Lei Complementar n.º 107, de 2001.

Quanto ao mérito, escusamo-nos de propor emendas, em atendimento à competência regimental desta comissão (art. 32, IV, do RICD). Contudo, denotamos que o art. 6º e respectivo parágrafo único ferem o princípio constitucional da legalidade administrativa, inserto no art. 37 da CF.

Maculando o princípio constitucional da legalidade administrativa, inserto no art. 37 da CF, o art. 6º da proposição derivada comete à regulamentação infralegal o estabelecimento de sanções administrativas, aplicáveis quando inadimplidas as prescrições legais. O princípio da legalidade administrativa, na visão doutrinária dominante, encerra o preceito de que a Administração Pública somente pode agir quando a lei autorizar a atuação.

Ao tornar obrigatória a utilização do vernáculo em determinadas situações, o Substitutivo restringe a liberdade dos administrados, em benefício do interesse público, consubstanciado na proteção ao patrimônio cultural brasileiro. Portanto, a proposição em análise regula hipóteses de exercício do **poder de polícia da administração**.

O poder de polícia encontra sua razão no interesse social e seu fundamento na supremacia geral que exerce o Estado sobre os administrados. É conceituado por Hely Lopes Meireles como “a faculdade de que dispõe a Administração Pública para condicionar e restringir o uso e gozo de bens, atividades e direitos individuais, em benefício da coletividade ou do próprio Estado.”¹² Nesta seara, o atendimento ao princípio da legalidade administrativa é ainda mais impositivo, consoante o magistério de Lucas Rocha Furtado:

De todas as atividades desenvolvidas pelo Estado, a de polícia é a que mais requer a observância da legalidade administrativa. De acordo com os postulados básicos do Estado constitucional, qualquer medida restritiva da liberdade dos cidadãos pressupõe a competência administrativa outorgada não apenas por lei, mas por lei específica, sendo voltada a outorga de competência genérica de poder de polícia para adotar, por exemplo, qualquer medida necessária à manutenção da ordem pública.

O exercício do poder de polícia pressupõe 1. lei específica; 2. órgão especificamente indicado para o exercício da potestade pública; 3. situações que justifiquem a intervenção estatal; e 4. As **medidas de intervenção definidas em lei**.

(...)

Não pode o regulamento prever novas hipóteses de intervenção ou **de sanção não previstas em lei**, mas pode, dentro dos limites ou parâmetros fixados em lei, indicar como a Administração Pública deve agir em determinadas situações¹³.

¹² MEIRELES, Hely Lopes. Direito Administrativo Brasileiro, 22ª edição, Malheiros: 1995. Pág. 115.

¹³ FURTADO, Lucas Rocha. Curso de Direito Administrativo. Belo Horizonte. Editora Forum: 2007. Pág. 657-659

É inconstitucional, portanto, prever que o estabelecimento de sanções administrativas, decorrentes do exercício do poder de polícia, será realizado mediante regulamento.

Em função do exposto, manifesto-me pela aprovação do Substitutivo do Senado, tendo em vista a sua constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, ressalvado o art. 6º e o respectivo parágrafo único, na forma de emenda supressiva a ser apresentada em Plenário.

Sala da Comissão, 12 de dezembro de 2007.

Deputado FLÁVIO DINO

PC do B/MA

Relator